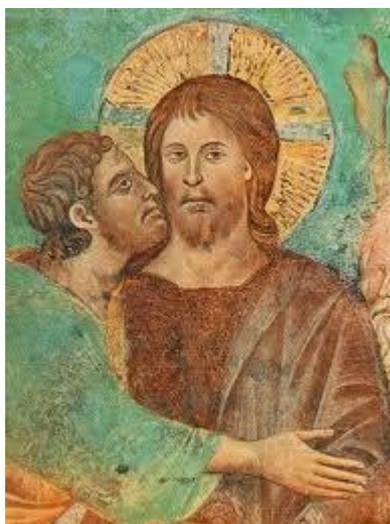


# O VOO DA SERPENTE EMPLUMADA

Autor: Armando Cosani Sologúren  
Baseado na edição original de 1953  
Tradução e revisão: Equipe GnosisOnline

1



“EU SOU O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA.” (Jesus, o Nazareno)

“EU SOU O DESERTO, A ILUSÃO E A MORTE, E MUITOS A MIM VIRÃO.” (Judas de Kariot)

Soou a palavra de Deus, ali onde não havia céu nem terra. E se desprende de sua Pedra e caiu ao segundo tempo e declarou sua divindade. E estremeceu toda a imensidão do eterno. E sua palavra foi uma medida de graça, um desaguar de graça e quebrou e honrou as encostas das montanhas. Quem nasceu quando baixou? Grande Pai, Tu o sabes. Nasceu seu primeiro Princípio, e revestiu as encostas das montanhas. Quem nasceu ali? Quem? Pai, tu o sabes. Nasceu o que é eterno no Céu. (Livro dos Espíritos, Código de *Chilam Balam de Chumayel*)

E ninguém subiu ao céu, senão aquele que desceu do céu, o Filho do Homem que está no céu. E como Moises levantou a serpente no deserto, assim é necessário que o Filho do Homem seja levantado; para que todo aquele que nele crê não se perca, senão que tenha vida eterna. (João 3: 14,16)

# PRIMEIRO LIVRO

## 1

Nunca pude entender este homem estranho e de mesurada palavra, que parecia se deleitar ao confundir-me com suas cáusticas e paradoxais observações sobre todas as coisas. Causava a impressão de ser um taciturno. Mas, aos poucos, ninguém podia deixar de reconhecer o fato mais extraordinário que ocorreu em minha agitada vida: ele era um sorriso. Era-o dos pés à cabeça. Ele não sorria, não precisava sorrir; todo ele era esse sorriso. Esta impressão me chegava também de uma maneira muito curiosa e difícil de explicar. Direi unicamente que o sorriso parecia uma propriedade natural de seu corpo e que emanava até de seu modo de andar. Nunca o ouvi rir, mas possuía o dom de comunicar sua alegria ou seriedade, conforme fosse o caso. Nunca o vi deprimido nem alterado, nem mesmo durante aqueles turbulentos dias, até o fim da Segunda Guerra Mundial, em que, por consequência de uma revolução política, fui parar em uma prisão, e ele não fez absolutamente nada para obter a minha liberdade. Mesmo neste incidente demonstrou ser um homem fora do comum. Até parecia empenhado em que eu continuasse preso, e certa vez quando eu recriminei esta sua atitude, disse:

– Estás muito melhor aqui do que lá fora. Pelo menos aqui estás bem acompanhado e até é possível que despertes.

– Mas se aqui nem se pode dormir –disse-lhe.

– Isso é o que tu pensas, porque ainda não sabes qual das maneiras de dormir é a mais perigosa e daninha ao longo do tempo. Há quem vela contigo ainda quando dormes, e estás bem acompanhado.

No pavilhão em que eu me encontrava preso havia muitos homens aos quais eu respeitava como valorosos intelectuais e cujas conversações eram muito interessantes. Com alguns deles jogava intermináveis partidas de xadrez, mas nossas conversas seguiam sempre o rumo dos acontecimentos políticos que haviam culminado com nossa prisão. Assim, uma tarde, meu amigo visitou-me, carregado de presentes de Natal.

– Segues dormindo – foi toda a sua resposta.

Nesse dia conversamos por um bom tempo, e me ocorreu perguntar:

– Como é que vens me visitar sempre e não tens desaparecido como os demais, que fugiram quando se inteiraram de minha condição?

– Sou mais que um amigo, eu sou a amizade que nos une.

Não pude evitar um sorriso com o qual quis dizer-lhe que esse não era o momento adequado para lançar seus paradoxos, e insisti:

– Mas como é que mesmo sabendo que és meu amigo mais íntimo a polícia não o deteve?

Sua resposta foi tão incompreensível como todo o resto:

– A amizade me protege. E protege a ti também, ainda que de outra forma.

E depois de um instante de silêncio, acrescentou:

– Não me compreendes porque ainda dependes deles, assim como eles dependem de ti. Nem tu nem eles dependem, todavia, de si mesmos, mas todos vocês estão convencidos do contrário. Se pudessem compreender somente isso compreenderiam todo o resto a seu devido tempo.

Isso incitou minha revolta e contestei violentamente. Disse-lhe que suas palavras eram muito interessantes como filosofia em noites de tédio, mas nas circunstâncias em que eu me encontrava convertiam-se em uma insuportável tolice.

– Além disso – acrescentei muito exaltado e empregando termos impossíveis de publicar –, como vou depender destes, que para a única coisa que servem é para lambar as botas desse ditadorzinho de araque? Ou, porventura, dependendo daqueles cretinos que se apoiam na força e cacarejam sua popularidade quando têm a oposição amordaçada? Também dependendo daqueles que perseguem a inteligência e falam de progresso? Não me chamaria a atenção se assim me disseses agora.

Ele me olhou com seu invariável e paciente sorriso, escutou-me até que eu tivesse terminado e, oferecendo-me cigarros e fogo, contestou:

– Tu o tens dito. Também dependes dele e de muitas outras coisas mais. Estes – fez um gesto apontando para os guardas armados que estavam do outro lado das grades – o apoiam com suas armas porque não sabem fazer outra coisa a não ser obedecer a quem saiba mandá-los. Sem armas, sem uniformes e sem chefes não seriam nada. Creem-se amos de suas armas, mas na verdade são escravos delas. Mas tu e os que estão aqui presos contigo são piores. Estes vestem uniformes porque têm medo de andar sozinhos na vida, e porque não podem fazer mais nada produtivo para o mundo; também levam um uniforme na cabeça. Mas vocês são piores, vocês dizem que são homens de intelecto, mas, na realidade, são uns tolos enamorados de suas tolices. Vocês apoiam esta ditadura e quantas ditaduras houver. Apoiam-nas muito melhor e mais eficientemente que os outros. Seu apoio ocorre de muitas maneiras, mas principalmente por meio da atitude de estúpida soberba que os faz viver de costas para a verdade. E não só a apoiam, mas a fortalecem. Sim, vocês são piores que os que honradamente são ignorantes. E, sem dúvida, nenhum de vocês tem verdadeiramente a culpa.

Disse-me isto tão calma e seriamente que fiquei mudo. Passou um bom tempo antes que lhe perguntasse:

– O que é que ignoramos?

– Um fato muito simples que na realidade é uma verdade física, mas que todos vocês creem que se trata unicamente de um preceito ético impossível de levar à prática. Certamente o leu ou ouviu alguma vez: “Não resistas ao mal”.

– Todos esses preceitos foram dados ao mundo por verdadeiros sábios. Só um punhado de seres na história da humanidade pôde descobrir que são verdades realmente científicas. A ciência ordinária, decerto, negará isso, porque crê que a ética é algo separado daquilo que se chama matéria, sem advertir que é justamente o que condiciona e vivifica a matéria e até cria suas formas. Há muito tempo houve um verdadeiro sábio entre os homens de ciência e que se chamou Mesmer. A ciência, ou isso que chamam de ciência, o perseguiu e os seus trabalhos foram ignorados. É o destino de todo aquele que descobre a verdade. Hoje em dia, o mesmerismo passa por uma forma de charlatanismo, e o curioso é que são justamente os charlatões da ciência que mais falam contra o “charlatanismo” de Mesmer. Aqueles que estudaram Mesmer para fazer curas magnéticas se aproximaram da verdade que ele deixou oculta em seus aforismos. Mas somente alguns, muito poucos, perceberam que o que é o “sim” também pode ser “não”, e que o “sim” é uma verdade relativa ao “não”, como o “bem” é relativo ao “mal”. Mas terás a oportunidade de inteirar-te disto porque, no final, me fizeste uma pergunta que vale a pena.

Devo confessar que as palavras desse amigo sempre me pareceram coisas de louco. Naquela tarde ele se foi mais contente e alegre do que de costume, prometendo-me uma nova visita dentro de dois dias, coisa que, conforme os

regulamentos da lei penal, era sumamente difícil. Quando o vi, me disse:

- Tu sabes andar de bicicleta, não sabes?
- Naturalmente –disse-lhe.
- Bem, quem sabe andar em sua própria bicicleta pode andar em qualquer

outra.

O que tinha a ver a bicicleta com sua visita? Muitas vezes me fiz esta e outras perguntas surgidas de suas palavras. Ainda sigo fazendo-a sem encontrar uma resposta adequada. Devo também confessar que a razão me indicava que este homem era louco, mas eu sentia um carinho singular por ele.

Quero representá-lo assim, atuando em uma circunstância importante da minha vida, naquele acontecimento que marcou o final de uma carreira na qual eu havia empregado todas as minhas forças e todo o meu entusiasmo. Foi realmente um rude golpe o que sofri ao perder aquela situação conquistada após longos anos de trabalho. Porém, quando eu disse todas essas coisas a meu amigo, ele se limitou a contestar:

- É o melhor que te podia haver ocorrido. Agora depende de ti que teu despertar não te cause maiores sofrimentos.

Continuando, disse-me muitas coisas que nesse momento tomei como palavras com as quais ele queria me consolar, ao insistir que eu possuía certas qualidades pessoais que indicavam a promessa de um despertar.

Por certo, este relato não tem como finalidade fazer minha autobiografia, nem detalhar os pormenores de minha agitada existência antes e depois deste acontecimento. E se devo anotar alguns fatos pessoais é porque necessito proporcionar alguns antecedentes explicativos sobre meu amigo, e que também sirvam para substanciar os escritos que ele pediu para que publicasse nesta data “com a finalidade de aumentar o número dos nossos”.

Recordo que cada vez que lhe perguntei o que significava isso de “os nossos” e quem eram, me respondia:

- Uma classe muito especial de abelhas que surge só de vez em quando e com grandes esforços.

Tal foi a vontade de meu amigo, e eu cumpro com ela não somente por empenhar minha palavra, senão porque vejo em tudo isto algo que porventura tem um valor que eu não compreendo. Mas é possível que algum dos leitores saiba do que se trata e possa me explicar sobre este homem.

Também é necessário que eu faça uma confissão: não sei como ele se chama, jamais me deu seu verdadeiro nome, e, salvo uma vez, jamais me ocorreu fazer-lhe essas perguntas de rigor que exigem nome e sobrenome, idade, nacionalidade, profissão etc.

Quiçá algum de vocês o conheça ou tenha notícias dele. Digo isto porque naquela oportunidade na qual quis abordar este aspecto de seu ser deixei que vislumbresse meu interesse por sua origem e demais coisas que ele nunca explicava espontaneamente como em geral faz todo homem a fim de inspirar confiança aos demais. Meu amigo era muito diferente de todas as pessoas que conheci em minha vida, e parecia não lhe importar a impressão que causava. De modo que, quando surgiu a questão do meu interesse em sua identidade, disse estas enigmáticas palavras:

- Quem verdadeiramente quiser pode me conhecer. Só falta o querer para começar. Estou em todas as partes em geral e em nenhuma em particular. A quem me chama, vou. Mas isto é só uma maneira de dizê-lo, porque a realidade é outra. Poucos sabem me chamar, e quando acudo a estes, se espantam, perdem a cabeça e começam a me incomodar com muitas perguntas: Quem és? Qual o teu nome? Do

que vives? Em que trabalhas? E assim por diante. Nunca respondo a estas impertinências porque se o homem não sabe o que quer, é melhor que tampouco saiba algo sobre mim. Ocorre também que aqueles que me buscam sem se dar conta, ou decidem não prestar nenhuma atenção, ou atribuem tudo a eles mesmos. Há também aqueles que me consideram “**mau**”. Mas é natural que isto ocorra nesta época de franca degeneração da inteligência humana. Dissipo o sonho dos homens e não lhes deixo uma só ilusão de pé. Poucos são os que se decidem manter contato comigo, mas estes poucos são os verdadeiramente afortunados, pois têm a possibilidade de conhecer o valor real da vida. Claro está que este conhecimento tem suas responsabilidades; mas te inteirarás disso a seu devido tempo.

Recordo que nessa oportunidade eu lhe disse:

– Então me alegro muitíssimo de não haver-te importunado. Rogo que desculpes minha curiosidade. Não quero perder o contato contigo por nada deste mundo.

Ante estas palavras, ele sorriu e acrescentou:

– Há um meio simples de manter contato comigo: recordando. A recordação é o contato com a memória. Na memória está o conhecimento sobre o que é a verdade. Unir-se de coração a verdade é o transcendental. Desfruta de minha amizade enquanto estou contigo. Deves procurar entender as coisas que te digo e compreender-me. Todo o esforço que fizeres neste sentido será positivo, mesmo quando te pareça que toda tua vida se desmorona. Tu és um destes que me têm chamado sem se darem conta de que me buscavam. Não me tens molestado com perguntas nem com pedidos néscios. Mas devo advertir-te que se tens algumas qualidades que me conservam a teu lado, estas mesmas qualidades podem afastar-me de ti se é que não despertas. Se pelo menos despertasses agora (e somente de ti depende que o faças), não sofrerás o que seguramente haverás de sofrer quando devas permanecer só e em silêncio, como no deserto. E só posso acompanhar-te por um tempo. Se não aprendes a acumular aquilo que te dou, somente tu terás a culpa disto.

Naquela época me incomodava o tom protetor com que me falava nesses casos. Sua seriedade me parecia absurda e fora de lugar. Muitos amigos e alguns de meus companheiros de trabalho sentiam uma certa antipatia por ele. Perguntavam-me o que era o que eu via neste amigo e o qualificavam como um “tipo raro”; alguns diziam que ele não tinha sentimentos, que nada o comovia. Mas eu sei que era um homem cheio de amor. Quando comentei a opinião de meus amigos, ele disse:

– Que não te incomodem essas opiniões. Esses são a escória do mundo, o verdadeiro mal da sociedade humana. Sempre encontrarás em seus bolsos as **trinta moedas de prata**. Nada tenho com eles e nada quero ter; estão submetidos a outras forças das quais poderiam livrar-se se realmente quisessem, mas estão apaixonados de si mesmos e confundem o sentimento com suas debilidades pessoais.

Mas será melhor e mais prático que eu faça um relato cronológico dos fatos.

## 2

Ingressei no jornalismo porque em uma das tantas guerras deste século fiquei com uma perna tão prejudicada que não pude mais retomar minha profissão na Marinha Mercante. O fato de saber alguns idiomas e poder traduzir a linguagem cabográfica e de ter uma boa redação foram os fatores que me ajudaram nesta

profissão. Eu era ambicioso, e quis fazer carreira porque sentia que a minha saúde agia contra mim e que os anos passavam cada vez mais rápido. Renunciei às aventuras e aos prazeres que a vida de viajar sem um rumo fixo produzia, como quando embarcava de tripulante em qualquer barco, em qualquer porto, e também renunciei à poesia e a muitas outras coisas que até então haviam alegrado a minha existência. Era desagradável caminhar apoiado em uma bengala, e era ainda mais desagradável ter, às vezes, de recorrer às muletas. Não tinha dinheiro necessário para que um especialista me tratasse a perna como era devido, e de minha pátria havia fugido espantado ante o descaso dos hospitais militares. Eu tinha razões muito fortes para isto. Vi muitas coisas e por isso não quis arriscar. Mas isso não tem senão o valor de um antecedente pessoal.

O salário que ganhava era o mínimo. Trabalhava desejoso de prosperar e com entusiasmo. Não queria somente fazer uma carreira e criar um nome no jornalismo, senão que me dava conta também de que um dia eu dependia da bengala e no seguinte das muletas – segundo fosse a densidade humana nos bondes aos quais utilizava para ir e vir de meu trabalho – minhas possibilidades na vida estavam limitadas a ser um tradutor e nada mais. Meu primeiro objetivo foi ganhar dinheiro. E como trazia por herança e por educação certas ideias religiosas, deduzi que o melhor era pedir ajuda aos céus. Pensei em fazer meus pedidos a alguns dos santos a quem se atribuem milagres, mas meu trabalho conspirou contra esta decisão. As notícias informavam acerca da situação mundial às vésperas da Segunda Guerra e sobre aquela lamentável comédia de fantoches em Genebra. Agiram poderosamente sobre meu ânimo e terminaram por minar minha crença nos santos. Eu não podia explicar como era possível que com tanta oração, com tanta solícita rogativa aos santos, o mundo seguisse embarcado em uma orgia de sangue que eu havia experimentado carne própria e sobre a qual minha bengala e minhas muletas falavam eloquentemente, sem a necessidade de que sua verdade fosse corroborada pelas dores agudas que eu sofria. Em meio a tudo isso, eu me consolava pensando que ainda conservava minha perna e tinha alguma possibilidade de salvá-la. Outros não tiveram a mesma sorte que eu, haviam perdido ou pernas ou braços com ferimentos de menor importância que as meus.

Tudo isso, aparte de outras coisas demasiadamente íntimas, determinou o meu ânimo, de sorte a que deixasse de lado a ideia de pedir ajuda monetária a São Judas Tadeu, ou a São Pancrácio, ou a qualquer um dos outros santos que, em teoria e conforme a propaganda religiosa, fazem milagres. Decidi apresentar minhas súplicas direta e pessoalmente a Nosso Senhor Jesus Cristo. Sempre havia sentido que o “Senhor meu Jesus Cristo” bem como a “Ave Maria” me comoviam poderosamente. E assim comecei a recorrer a vários templos em busca de um ambiente adequado, até que encontrei um no qual havia um belíssimo quadro do Coração de Jesus que dominava o altar e a nave central.

Mas, a essa altura, faz-se necessário que eu confesse que havia deixado de comparecer às missas dos domingos e festas santas, porque nestes dias preferia deitar na cama, na modesta casa de pensão onde eu tinha um quarto, a fim de dar um bom descanso à minha perna. No entanto, sentia muito peso na consciência. Considerava que os santos mandamentos estavam vedados a mim para sempre. Isto tinha sua origem na Guerra. Tive um atrito violento com o capelão de minha unidade quando, desesperado, lhe disse que eu pensava que Deus era uma sujeira e que não conseguia explicar-me como era possível que por meio de seus ministros sancionasse semelhante matança de jovens. Este incidente ocorreu em uma missa à véspera de várias centenas de jovens de 16 a 18 anos receberem seu batismo de fogo. O capelão

me ofereceu a comunhão, dizendo: “Se por acaso morreres”. Isto me produziu tal repugnância que lancei sobre ele, violentamente, toda a cólera acumulada em mim durante um ano, onde vivi numa cabine que fervilhava de piolhos, sem água e passando fome. Sou um homem violento, e naqueles dias apertava o gatilho com facilidade como se a função mais natural da vida fosse tirá-la do próximo. Não recordo com exatidão o que disse nesse dia, mas, no geral, eu achava compreensível que os homens que nada sabem de religião se convertessem em bestas, mas que era totalmente incompreensível que os religiosos sancionassem e ainda abençoassem a quem se entregasse a semelhante barbaridade.

Não esqueci nunca essa cena. Saí do combate sem um machucado, porém honradamente comovido depois de ter visto tantos rapazes jovens, quase indefesos, morrerem. O capelão, que havia ajudado a socorrer feridos sob fogo inimigo, sentou-se a meu lado, sobre o tronco de uma árvore, pôs o braço sobre meu ombro quando desatei a chorar e disse que compreendia meu estado de ânimo. Por um instante acreditei que estava chorando de arrependimento, mas logo me dei conta de que era a tensão nervosa resultante do combate o que me fez fraquejar. Sem dúvida, em minha consciência perdurou o sentimento de haver cometido um sacrilégio ao dizer o que havia dito de Deus.

Portanto, considerava-me indigno de receber os santos sacramentos. E, para dizê-lo com honra, também temia a penitência que resultaria de confessar semelhante fato.

Por este motivo, e talvez também porque queria expiar, a meu modo, meu pecado, sempre que não fosse muito incomodo fazê-lo, ia a esse templo somente nas tardes quando estava mais ou menos vazio.

Em razão da guerra, eu havia perdido, naturalmente, toda a fé nos milagres. Por outro lado, as notícias internacionais, que devia traduzir diariamente, indicavam que os milagres correspondiam a tempos já demasiadamente remotos para tê-los em conta. É verdade que de vez em quando chegava um parágrafo anunciando alguma cura milagrosa em Lourdes. Mas o milagre que eu esperava estava muito longe de ocorrer, pois esperava o milagre da paz. O que havia ocorrido comigo em minha terra estava ocorrendo também com etíopes e italianos na África. Pouco depois, com princípios supostamente nobres e com participação da religião e dos religiosos, começou a ocorrer algo na Espanha<sup>1</sup>. Por esta época eu sabia intimamente que para mim não haveria milagre algum a menos que eu fizesse a minha parte, por minha conta e risco, o que necessitava fazer.

Entretanto, eu não conseguia ocultar em meu íntimo aquela profunda fé em Jesus Cristo. E ainda quando havia blasfemado dizendo que considerava que Deus era uma sujeira, a razão me indicava que se eu tomasse ao pé da letra o princípio de que Ele está no céu, na terra e em todo lugar, nada perderia fazendo-lhe ver ou explicando-lhe aquela crise sofrida na Guerra. Pensava que com o tempo também me seria possível persuadi-li a que me ajudasse a ganhar o dinheiro suficiente para eu tratar a perna e poder trabalhar normalmente. De modo que, ao chegar à igreja, rezava muito rapidamente um Pai-Nosso, um Senhor Meu Jesus Cristo e uma Ave-Maria. Em seguida, dirigia-me àquela bela imagem do Coração de Jesus, dizendo-lhe:

– Senhor meu Jesus Cristo, não é muito que te peço. Sei que não podes me fazer ganhar na loteria, e ainda que fosse possível fazê-lo, não me interessa tanto dinheiro. Tampouco vou pedir que me ajudes a encontrar uma mulher rica. No

---

<sup>1</sup> Aqui, o autor fala da Guerra Civil Espanhola, que precedeu a Segunda Guerra Mundial. (Nota GnosisOnline)

momento não quero casar. Além do mais, que mulher vai querer casar comigo quando souber que só a quero para que pague a cirurgia da minha perna? Somente uma mulher muito feia o faria e eu não quero casar com uma mulher feia; tampouco quero casar com uma muito linda porque, se além de ser linda for rica, seguramente será idiota e burra. Sabes o que dizia meu avô? Dizia: “Dê a morte a um sábio, mas não a vida a um bruto”. Bem sabes que levo a ele em meu sangue. Por isso, Senhor meu Jesus Cristo, a única coisa que peço é algo que todos parecem desprezar como coisa inútil e supérflua: peço inteligência. Somente ajuda-me a ter mais inteligência e eu me arranjarei a partir daí, e não te incomodarei mais.

Uma de minhas qualidades é a persistência quando algo me interessa realmente. O que queria naquele momento era abrir caminho e chegar a ser um grande correspondente internacional. Para isto, na pensão e de noite, ensaiava os despachos mais sensacionais que podia imaginar, baseado naquilo que estava aprendendo em meu trabalho. Criava uma série de acontecimentos políticos dos quais era uma testemunha privilegiada. Bem sabia que estes eram sonhos loucos; mas aprazia-me sonhá-los. Pouco a pouco, tomando como base a experiência que o trabalho me dava, comecei a escrever artigos sobre a situação internacional.

Satisfazia-me fazendo prognósticos sobre o que ocorria como consequência de um fato ocorrido. Estes prognósticos baseavam-se em certos fenômenos que advertia que se repetiam uma ou outra vez, virtualmente em todos os grandes acontecimentos. Pareciam obedecer a um princípio, e este princípio governava os atos dos grandes homens. Isto fez-me lembrar o estudo da história que tanto me atraía especialmente na escola. Comecei a entendê-la de outro ponto de vista, compreendendo que aquela repetição se produzia automaticamente desde os tempos mais remotos. Tudo se fundamentava em entender os motivos; os motivos eram sempre os mesmos e estes animavam tudo. E quando meus prognósticos começaram a cumprir-se com mais ou menos precisão, decidi intensificar meus pedidos a Jesus Cristo. Comecei a fazê-los com mais seriedade e competência. Anotava meus prognósticos em uma caderneta, e, ao final de alguns meses, comecei a despachar meu trabalho mais eficientemente e com maior rapidez, o que me produziu um ligeiro aumento no salário. Também ganhava alguns pesos extras criando despachos com algum pseudônimo, qualificando-o como de um grande correspondente internacional, e fechando-os em qualquer capital europeia. Os jornais que compravam este material tinham fraquezas por nomes anglo-saxões.

Senti-me obrigado a expressar minha gratidão de alguma forma e decidi frequentar o templo mais vezes, permanecer mais tempo nele. Começava minhas súplicas muito meticulosamente:

– Senhor meu Jesus Cristo, muito obrigado por haver-me ouvido. Cada vez vejo mais claramente. Já me aumentaram o salário, mas a cirurgia custa muito mais, de modo que te rogo que me dêis mais inteligência e assim não seguirei importunando-te desta maneira.

Também lhe detalhava meus problemas pessoais, e lhe pedia conselho, dizendo:

– Ilumina-me para poder entender mais claramente.

Essas visitas ao templo converteram-se num hábito benéfico e muito econômico, pois, enquanto meus amigos jogavam dados nos bares, ou iam distrair-se no cinema, dedicava-me a rezar. E o dinheiro que eu economizava com isso se convertia em uma crescente soma que ia depositando em uma caderneta de poupança.

Esperava com impaciência o dia em que me fosse possível deixar meu mancar,

a bengala e a muleta, e lançar-me à grande aventura de deixar as traduções para empenhar-me na carreira de cronista de assuntos sensacionais.

### 3

Por essa época é que conheci meu amigo.

Como eu, esse homem de aspecto aparentemente concentrado ocupava sempre o mesmo lugar no templo. Rezava com grande devoção. Eu me sentia atraído por tão singular maneira de orar. Não movia os lábios, seu rosto não demonstrava nenhuma expressão grave, senão que ele era todo serenidade. Orava com os braços abertos em forma de cruz e não tirava os olhos da imagem de Jesus Cristo. Aos poucos, por observa-lo, eu me distraía de minhas próprias orações. Pensava que seria muito bom ter esse poder de concentração e poder dirigir-me como é devido a Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas, mesmo percebendo tais desejos em mim, a ideia de imita-lo me desagradava. Meu avô sempre havia dito que se reza com o que há no coração e não com a cabeça. Nunca havia me preocupado em me aprofundar nestas coisas, e por motivos que eu trazia devido à minha educação, recusava-me terminantemente em recitar as orações clássicas, salvo aquelas que me comoviam. Na escola havia recebido muitas e muitas surras dolorosas devido à minha impertinência sobre o sentido real e prático das orações. Mas não houve surra forte o suficiente para vencer minha teimosia, e meus professores haviam conseguido, com elas, converter-me em um rebelde contumaz.

Esse homem parecia medir com exatidão a duração de suas orações. Sempre chegava antes de mim. Nunca o vi entrar depois de mim. Mas terminava um ou dois minutos antes que eu terminasse minha oração. Persignava-se de um modo muito solene, mas sem a menor pretensão. Percebi que ele detinha a mão nos pontos estabelecidos mais tempo do que os próprios sacerdotes. Uma tarde, ocorreu-me que, porventura, benzer-se dessa maneira tivesse um sentido muito especial. Esse homem tampouco molhava os dedos na pia de água benta. Ia embora muito silenciosamente. Após alguns dias, percebendo que eu o observava, começou a saudar-me com uma ligeira inclinação de cabeça. Foi quando notei que havia em sua aparência algo fora do comum. Sua expressão ao saudar-me era muito bondosa. Mas também indicava uma grande força. E quando me retirava do templo para voltar a meu trabalho, via-o nos degraus acendendo ou fumando um cigarro.

Numa tarde em que as notícias eram mais abundantes e críticas que de costume, saí junto com ele, pois tinha pressa em chegar logo a meu trabalho. Ao chegar à porta nos chocamos. Minha perna era um obstáculo e, com o propósito de deixá-lo passar primeiro, fiz um movimento muito brusco e deixei cair minha bengala no chão. Em vez de sair, ele abaixou-se imediatamente e a entregou a mim, dizendo:

– Peço que me desculpe. Foi um erro de minha parte.

Fiquei assombrado, pois não cabia a menor dúvida de que o erro havia sido meu. Em meu afã de querer ganhar a dianteira foi que me dei conta de que a bengala poderia ocasionar-lhe uma rasteira e eu a havia deixado cair.

Já estava bastante acostumado com o fato das pessoas se encresparem com a minha torpeza, especialmente nos bondes. Em certa ocasião, na mesma igreja, uma senhora muito devota me havia encrespado ao tropeçar em minha bengala que eu, inadvertidamente, havia deixado a meu lado. E ao pedir-lhe desculpas por minha

negligência, ela me havia dito:

– Por isso Deus o tem castigado desta forma. Seu desastrado!

Não duvidei nem por um instante de que esta senhora estivesse certa, já que eu havia pecado tão gravemente contra Deus na Guerra, de modo que supus que suas palavras eram uma advertência para que fosse mais cuidadoso com minha bengala, a qual havia molestado tão devota senhora. Também pensei que tal advertência fosse um aviso para que jamais fosse ao templo com minhas muletas. A senhora tinha se apressado a chegar ao confessionário, onde havia uma longa fila de senhoras esperando a vez. Quando olhei aquela a quem tanto havia prejudicado, dei-me conta de que caía sobre mim a culpa de ter feito com que ela perdesse pelo menos dois lugares na fila, devido ao tempo em que ela dedicou-se a me fazer recordar de meus pecados e blasfêmias. Estava dando voltas em seu rosário com as mãos agitadas e nervosas, e deduzi que esta senhora necessitava confessar-se urgentemente.

Relato esse incidente porque já havia enquistado em mim certa resignação para receber as imprecações das boas pessoas, as quais minha bengala e minha perna tanto molestavam. De maneira que quando esse homem estranho pediu-me desculpas por algo que o único culpado era eu, não atinei a contestar nada, tão surpreso estava diante de tal novidade. Lembro-me de ter dito algo, mas não sei se consegui encontrar as palavras. Ele abriu a porta estreita muito cuidadosamente, colocou-se de lado e convidou-me:

– Passe você primeiro, por favor. Certamente está com pressa.

Eu unicamente atinei a inclinar a cabeça em sinal de gratidão.

Só quando estava do lado de fora é que pude me recuperar parcialmente do susto, e disse-lhe:

– Bem sabe você que a culpa foi minha. Você é muito gentil. Muito obrigado.

É preciso que aqui destaque algo muito singular que senti nesse momento. A deferência que ele havia demonstrado produziu-me uma irritação muito curiosa. Esperei que respondesse com o já esperado: “De nada”. Aguardei com verdadeiro desejo que o dissesse, posto que me faria desiludido. Que razão havia para que eu sentisse esse desejo tão estranho? Ainda não posso explicá-lo.

Mas ele não o disse, e então ocorreu outro fato insólito. Senti uma viva alegria ante sua leve e silenciosa inclinação de cabeça. E comentei comigo mesmo:

– Menos mal, pelo menos este não é um bajulador.

Após isso, afastou-se de mim. Comecei a descer as escadas do templo com aquela torpeza típica dos coxos que só podem descer um degrau de cada vez. E nesse dia a descida foi espantosamente lenta para mim. Tive nas minhas costas a sensação de que ele estava me observando e que se compadecia. No geral, a compaixão que alguns expressavam ante o meu mancar tinha um sabor de hipocrisia e isso me irritava muitíssimo. Eu a qualificava de falsa piedade, de uma forma banal como qualquer outra.

Mais uma vez tive de mudar minha forma de pensar sobre esse homem. Meu juízo havia sido muito impulsivo. Quando peguei meu caminho, olhei para trás e o vi se afastar em direção contrária à minha, como se nada houvesse ocorrido.

Só voltei a recordar esse incidente no outro dia quando cheguei ao templo. Devido a algumas reformas que estavam fazendo no interior, os bancos que ele e eu usávamos não estavam na posição de costume. Esse homem havia ocupado o extremo do único banco do qual se podia olhar diretamente o altar. E esse extremo estava apegado a um grosso pilar. Acomodei-me no mesmo banco, mas um pouco afastado dele, e tive a precaução de colocar minha bengala atrás de mim, no assento. Quando terminou suas orações, ele se sentou; só me dei conta desse fato quando

terminei de orar e me preparava para me retirar. O homem havia esperado pacientemente, pois para poder sair deveria me interromper. Semelhante delicadeza comoveu-me, ainda mais que eu já havia me precatado de seu costume de abandonar o templo quando terminava suas orações. Olhei para ele, sorri e disse-lhe:

– Muito obrigado, senhor.

Fez novamente um gesto com a cabeça, ficou de pé e esperou que eu acomodasse a postura de minha perna e recolhesse a minha bengala. Tratei de fazê-lo o mais rápido possível a fim de corresponder à sua delicadeza, e em razão de um movimento brusco senti uma dor tão aguda que, sem me dar conta do que fazia, exclamei:

– Merda!

Eu segurava a bengala com a mão direita. Deixei-a cair para me apoiar no encosto do banco e com a mão esquerda pude tocar a parte dolorida da perna. Quando estava inclinado, dei-me conta do que acabara de dizer, e levantei a cabeça para olhar esse homem, sentindo que tinha o rosto vermelho de vergonha. Mas ele sorria imutável, e com a mesma expressão carinhosa e amável, disse como se fosse a coisa mais natural do mundo:

– Amém.

Tão violento foi o choque que isso me produziu, que não pude conter o riso, e foi necessário que tapasse a boca com a mão para não provocar um escândalo. Acabara de dizer uma barbaridade ante esse homem que, muito claramente, levava muito a sério a função religiosa. No entanto, não só não se havia mostrado violento nem incomodado, senão que havia dissipado minha vergonha e minha culpa de um modo tal que eu havia caído nos risos. Porque assim como sou violento, tenho o riso fácil. Um anda com o outro.

Fiz um esforço e me repus até onde pude. Tomei a bengala e comecei a sair com minha torpeza de costume. Este homem nem sequer levantou um dedo para me ajudar, e por isso me senti muito grato. Seu “amém” já era uma concessão notável à minha debilidade.

Quando estávamos do lado de fora, entretanto, senti-me obrigado a dar-lhe uma explicação, de modo que lhe detive e disse-lhe:

– Senhor, peço que me perdoe. Creio que foi uma exclamação involuntária. A dor foi muito aguda.

Compreendo – disse-me ele. Essas dores são realmente agudas. Dadas as circunstâncias sua exclamação é natural. Não tem por que desculpar-se a mim.

Confesso que passou muito tempo antes que entendesse sua frase. Mesmo agora parece-me inexplicável. Mas, naquele momento, nem pensei nisso, já que estava preocupado em formular minhas desculpas e corresponder com decoro ao respeito que ele havia tido comigo, de modo que lhe disse:

– Dou-me conta de que minha exclamação deve havê-lo ferido em sua devoção. Você tem sido muito gentil comigo e não queria produzir-lhe um desagrado. Além do que, minha devoção não é igual à sua; eu não venho ao templo para adorar ou pedir o perdão de meus pecados, porque sei que não têm perdão, e que, ademais, não o mereço. Venho pedir ajuda para assuntos muito pouco espirituais. Como você pode ver, somo um pecado a outro, e tudo por uma dor na perna.

Foi nessa oportunidade que ele impingiu-me seu primeiro paradoxo. Falando muito intencionada e pausadamente, disse:

– Da mesma forma que o bem e a virtude, o pecado e o mal só podem dar-se na vigília. Quem dorme, dorme; para o adormecido não há pecado, como não há bem

nem há virtude. Há somente SONHO.

Olhei para ele expressando certa suspeita de achar-me ante um louco, mas seu olhar era tão limpo, estava tão fixo em meus olhos, que vacilei antes de completar meu juízo. Não disse nada. Ele continuou:

– Na verdade, ninguém peca deliberadamente; ninguém pode fazer o mal deliberadamente. No Sonho as coisas são como são e da única maneira que podem ser. Quando se está adormecido, não se tem controle nem domínio sobre o que ocorre nos sonhos.

– Confesso que não posso entendê-lo – disse.

– É muito natural que seja assim. Esqueça esse incidente que não tem maior importância.

– É que temo ter ferido você com essa expressão totalmente involuntária.

– Não, não me feriu de forma alguma. Você tem ferido a si mesmo. A grande maioria dos homens fere-se a si mesma dessa forma, porque quase tudo o que pensamos, sentem e fazem é involuntário.

– Gostaria de poder compreendê-lo. O que me disse é muito confuso e lamento que minhas preocupações não me permitam refletir sobre o sentido de suas palavras.

– Mesmo no Sonho o homem tem certo poder de escolha, muito limitado por certo, mas o tem. De todo modo, quando o exercita, este poder aumenta. Se seu interesse em compreender é sincero e profundo, não lhe será difícil dar-se conta de que **o homem adormecido pode escolher entre despertar e seguir dormindo**.

Eu não estava interessado em enigmas dessa espécie. No entanto, me atraiu a maneira de falar desse homem. Mas tinha pressa em chegar a meu escritório para ver se havia cumprido ou não meu último prognóstico. Além do mais, a crise geral na Europa deixava todos muito atarefados, de modo que meu ânimo não estava predisposto a meditar nas coisas que acabara de ouvir. Para não ser grosseiro, disse-lhe:

– De fato o que você disse é muito certo. Pelo menos no meu caso é assim. Sinto-me muito aliviado de não tê-lhe ofendido em seus sentimentos religiosos. Tratarei de ser mais cuidadoso no futuro. Agora peço desculpas, mas tenho de ir para meu trabalho.

Estava pronto a dizer o costumeiro “até logo”, quando ele me interrompeu:

– Não tenho rumo certo, de modo que se me permite, o acompanharei.

Eu sempre havia evitado a companhia de amigos e conhecidos, sabendo que o meu mancar lhes causava impaciência, pois ia devagar por ter de arrastar a minha perna. E estava a ponto de dizer-lhe que não, que tinha muita pressa, quando notei a incongruência de minha desculpa. Não podia de forma alguma falar de andar depressa. Não sabendo o que fazer, só pude dizer:

– Com muito prazer.

Mas, interiormente, fervia de raiva. Esse homem se impunha sobre a minha vontade de uma maneira tão suave, e às vezes tão decidida, que não pude ocultar a minha irritação e comecei a mover-me em silêncio. Cada um de seus gestos foi, no entanto, considerado. Enquanto eu descia, com muita dificuldade, as escadas do templo até a rua, ele disse que se adiantaria para comprar cigarros. Quando novamente estivemos juntos, estava com o maço e, ao chegar à esquina, não teve aquele piedoso gesto, que tanto me irritava nos demais, de me ajudar a atravessar a rua. Caminhou a meu lado muito naturalmente, como se meu andar fosse de um homem normal. Não obstante, me parece que ele captou minha irritação interior, pois disse:

– As dores como as que você sofre são o que você expressou na igreja. E me

agradaria que as lançasse fora de si.

Isso somente aumentou minha irritação. Estive a ponto de dizer-lhe que a compaixão me era como uma enfermidade e que, de toda maneira, a ele não deveria importar se eu estava sofrendo ou não com a dor. Mas algo me conteve e guardei silêncio. Caminhávamos a meu passo, muito lentamente. Durante um trecho, ambos guardamos silêncio. Comecei a recordar que mais de uma vez eu também havia desejado muito que desaparecessem as dores daqueles que tinham ferimentos mais graves, especialmente nos bancos de sangue. De modo que pensei que esse homem não era um hipócrita ao dizer o que sentia com respeito a mim. Comecei a me sentir mais tranquilo e, aos poucos, fui tendo mais confiança nele. Ofereceu-me um cigarro e, ao observar meu ademã em pegar os fósforos no bolso e com a bengala pendurada no braço, deixou-me agir. Senti simpatia por ele, e decidi contar-lhe um segredo:

– Espero não ofendê-lo com o que direi, mas a verdade é que vou para a igreja fazer minhas orações para ver se obtenho mais entendimento e me desempenhar melhor em meu emprego. Espero com isso ganhar um aumento em meu salário. Necessito disto e faço horas extras para poder custear a operação de minha perna e ficar são. Mas não pense que espero por um milagre; peço, também, outras coisas que são demasiado mesquinhas.

– Compreendo – disse-me.

– Espero poder juntar a soma necessária dentro de pouco tempo. Quando puder caminhar corretamente, poderei trabalhar melhor e fazer uma carreira e um nome.

– Pelo visto, você tem um propósito bastante preciso.

– Bem, sem um propósito preciso é muito pouco o que posso fazer – disse a ele.

– É uma grande coisa ter um propósito preciso, saber o que se quer. É muito mais importante do que as pessoas imaginam. São poucos os homens que realmente sabem o que querem na vida; alguns creem sabê-lo, mas se equivocam. Confundem os fins com os meios que usam e, às vezes, ocorre que os meios são sua verdadeira finalidade. Mas como os veem como meios, porque não podem ver mais nem melhor, utilizam grandes e sublimes meios para fins bastante mesquinhos. Assim é como se prostitui o conhecimento.

Esse comentário me produziu um mal-estar interior e contestei:

– Você se refere ao meu caso, o fato de que não vou à igreja com fins espirituais?

– Não – ele disse. Falo em termos gerais. Não creio que você tenha me autorizado tratar diretamente de suas coisas íntimas. Além do mais, quando quero dizer alguma coisa, digo-a diretamente e sem rodeios.

– Talvez tenha chamado sua atenção minha atitude na igreja. É que não sei rezar, tampouco sei adorar. Só sei pedir, e peço à minha maneira. A religião deixou de me interessar por muitas razões.

– Mas, pelo visto, você não perdeu a fé e isso é a única coisa que verdadeiramente importa. Ainda mais em seu caso particular. Há muito o que se dizer sobre a fé. É algo que deve crescer no homem. E quanto a saber rezar, é mais simples do que você supõe. Em nossos tempos, complico-se muito o sentido da oração. Sou da opinião de que quando se sabe o que se quer e se luta por alcançá-lo, mesmo que não o formule em palavras, se está em permanente oração. Uma vez li, em alguma parte, que todo o querer profundo é uma oração e que jamais fica sem resposta; o homem sempre recebe aquilo que pede. Mas como geralmente o homem não sabe o que seu coração realmente quer, tampouco sabe pedir o que melhor lhe convém. Daí conclui-se que o Pai-Nosso, por exemplo, é uma oração acessível

somente a um coração sedento de Verdade e faminto de Bem. Todo verdadeiro milagre firma-se nisso, mas o homem moderno já não o vê desta forma, e também perdeu o verdadeiro sentido do milagroso. Busca-o fora de si mesmo, no fenomenal. O homem moderno esqueceu muitas coisas simples e este esquecimento é a verdade subjacente no conceito do pecado original.

– Eu não creio em milagres – respondi.

– É possível que seja essa sua formulação. Mas permita-me que ponha em dúvida suas palavras.

– Como não vou saber no que eu mesmo acredito?

– Os fatos o revelam. São muito simples se os observar bem. Se você não acreditasse em milagres, não iria à igreja.

E, sem dar-me uma oportunidade para responder, despediu-se, dizendo:

– Desfrutei muito de sua companhia. Agradeço a você muito. Talvez poderíamos voltar a esses temas se você tiver interesse neles. Você irá à igreja amanhã?

– Com certeza – disse-lhe. – Se eu estiver vivo.

– E se Deus permitir – acrescentou muito seriamente.

Fiquei confuso. Essa última questão me havia incomodado. Por momentos, esse homem parecia a própria sensatez, mas eis que seus paradoxos e suas contradições me mortificaram. De qualquer modo, disse a mim mesmo que pelo menos é honrado e não é um bajulador.

#### 4

Voltamos a caminhar juntos no dia seguinte. E no outro dia também. E assim foi consolidando-se entre nós uma bela e sincera amizade. Seus paradoxos chegavam de tarde em tarde. Preocupava-se de que me alimentasse bem, de que desfrutasse de um descanso suficiente. Persuadiu-me até fazer-me abandonar minhas horas extras que me privavam de sono e repouso. Ajudava-me a fazer meus prognósticos, e logo tive várias cadernetas cheias de apontamentos. Mas o que mais parecia preocupá-lo era minha perna. Um dia, muito timidamente, aventurou-se a dizer:

– Tenho discutido seu caso com um cirurgião meu amigo. Se você puder pagar as radiografias, ele o operará gratuitamente. Os gastos de hospital, anestesia, internação etc., poderá pagá-los a prestação. Interessa-lhe?

– Naturalmente! – exclamei. Não me contive de tanta felicidade.

Até essa data já estávamos íntimos e nos conhecíamos melhor. Atraía-me sua maneira franca e aberta de fazer as coisas; especialmente como lançava suas opiniões sem se preocupar com as minhas. Mas o tema religioso o havia descartado, o que não deixou de chamar minha atenção.

Obtive de meus chefes a autorização necessária para me ausentar do escritório, inclusive eles anteciparam uma quantia a ser debitada em salários futuros, para que pudesse completar a soma que me faltava. Nessa memorável tarde, meu amigo me aguardava à porta da igreja.

– Estamos atrasados – disse-me. Vamos de táxi.

Durante a viagem, não falou nada, tampouco eu, salvo:

– É uma lástima que nesta tarde eu não tenha podido rezar. Gostaria muito de dar graças por tudo isto.

– Tranquelize-se nesse sentido – contestou ele. Estão dadas, recebidas, e você

está em paz com Ele.

Não tive sequer tempo para me surpreender, porque nesse instante chegamos à clínica e ele antecipou-se a pagar o motorista.

Aquelas cinco semanas se passaram tão rapidamente que quase não posso recordar os detalhes. Ele me visitava todos os dias, responsabilizou-se por alguns assuntos pessoais que eu não podia atender, e quando o médico me autorizou a levantar-me e a que fizesse a prova de caminhar, se manteve distante.

Meus primeiros dias sem a bengala, ainda na clínica, foram bastante desagradáveis. Havia adquirido o hábito de mancar e sentia falta da bengala. Meu amigo disse:

– Todo hábito é uma coisa adquirida e você pode mudá-lo. Faça este teste.

E colocando em minha mão uma caixa de fósforos, indicou-me:

– Aperte-a em sua mão como se fosse o cabo de sua bengala.

Após alguns testes comecei a compreender que fazendo dessa maneira me sentia mais seguro e caminhava melhor. Passou o tempo e me foi dada a alta. Nesse dia meu amigo veio me buscar e deixamos a clínica juntos. Quando agradei ao cirurgião sua gentileza de não ter-me cobrado pela operação, notei que não entendera. Muito tempo depois descobri que essa atitude do médico devia-se ao fato de meu amigo ter pagado todos os gastos. Nunca me dera oportunidade para agradecê-lo por esse gesto.

Quando deixamos a clínica e eu caminhava ao seu lado alegremente, fez um de seus comentários paradoxais:

– As pessoas creem que abandonam seus hábitos, mas na verdade eles apenas os trocam por outros. A sabedoria do homem se prova justamente em quais hábitos troca e quais adota no lugar dos que crê que deixou. Digo-lhe isso com um duplo propósito: o principal é que você aprenda a conhecer a si mesmo; o outro é indicar-lhe um detalhe pelo qual pode ter ciência deste conhecimento que alguns homens muito sábios consideram indispensável para a felicidade humana. Por exemplo, agora você vai apertando a caixa de fósforos, e disfarça este hábito levando a mão escondida no bolso. Isto não é especialmente prejudicial. Digo-o somente para que aprenda a observar a si mesmo. Por agora basta que o saiba. Você poderia seguir acreditando que deixou para trás o hábito da bengala, mas o que deixou para trás é somente a bengala e não o hábito de se apoiar em algo para caminhar. Agora você se apoia numa caixa de fósforos. Não sei se você entende o que quero dizer.

Retirei a mão do bolso imediatamente, muito envergonhado, mas ele disse:

– Não, não foi essa a minha intenção. Você não me compreendeu. Poderia ter trocado o hábito de caminhar apoiado em algo pelo hábito de reagir com um exagerado amor-próprio e isso, sim, seria realmente prejudicial. O correto é ter discernimento nessas coisas, nesses detalhes, porque de detalhes está feito tudo o que é grande. Quando queremos ser melhores e não sabemos precisamente e por nós mesmos o que é melhor e o que é pior, facilmente caímos em absurdos e nos escravizamos por aquilo que os outros determinam que é melhor ou pior. Em cada ser humano há um Juiz sempre disposto a nos orientar. Mas, devido à nossa péssima educação e às consequências dela e de outras coisas, ignoramos este **Juiz Interior**, ou quando ele nos fala não lhe prestamos a devida atenção. Esse Juiz somos nós mesmos de uma forma distinta, digamos invisível. Eu me atreveria a dizer-lhe que em seu caso foi esse Juiz quem o fez ir à igreja e quem o tem orientado em muitas de suas tribulações. Recordar esse Juiz, praticar sua presença em si mesmo, é coisa muito importante. E como se trata de um **aspecto, digamos, superior de nós mesmos**, a este Juiz podemos chamar de EU. **Mas não este “eu” ordinário que**

**conhecemos.** Esforçando-nos por senti-lo em cada um de nossos atos, de nossos sentimentos, de nossos pensamentos, nós o nutrimos. Eventualmente, podemos chegar a compreendê-lo como algo sumamente extraordinário, sumamente inteligente e compreensivo. É uma sensação e um sentimento muito diferentes aos que estamos acostumados a considerar como Eu. Não aparece da noite para o dia, mas temos de ir forjando-o pacientemente. Mas basta, por enquanto. Pense nEle, é o que rogo... Você gosta de andar de bicicleta?

Respondi-lhe que sim.

– Magnífico – disse ele. Se você quiser, quando eu voltar de uma viagem que devo fazer agora, podemos iniciar uma série de passeios juntos. Felizmente disponho de duas bicicletas; uma é de um irmão que morreu. E te agradariam estes passeios?

– Com certeza – respondi.

Na verdade, livre de meu mancar, sentia que o mundo era uma coisa maravilhosa. Despedi-me de meu amigo. No dia seguinte fui à igreja muito mais cedo do que de costume. Expressei minha gratidão a Jesus e, quando estava murmurando meu discurso improvisado, recordei as palavras de meu amigo em nossa primeira conversa:

– Se você não acreditasse em milagres, não viria à igreja.

Dei-me conta que depois de tudo o que eu acabara de viver havia-se produzido um milagre, mas eu não estava de todo convencido. Tudo havia ocorrido muito casualmente, e além do mais, eu estava acostumado a pensar que os milagres, para que fossem reais, deviam ocorrer em alguns poucos segundos. O meu havia demorado cerca de um ano e isto não era para mim um milagre. Talvez, quem ler isto possa explicar a razão pela qual havia em mim uma voz, uma ideia, alguma coisa que insistia em que se havia produzido um milagre, mas eu não consigo encontrar nenhuma lógica que me deixe satisfeito por completo, apesar de que meu amigo havia falado um pouco sobre a “ilusão do tempo”. No material que ele pediu que publicasse, há uma menção do tempo e do amor que eu, francamente, não entendo. Limitei-me a copiar à máquina as cartilhas que ele me entregou.

Mas voltemos a ele.

## 5

Como já mencionei, nunca soube seu nome, seu verdadeiro nome. Às vezes, dizia que os nomes carecem de importância, que o verdadeiramente importante está mais próximo de nós que nosso próprio nome, que é mais real que nosso próprio nome. Dizia que os nomes são unicamente uma conveniência social, um meio de identificar-se. Às vezes, dizia que se sentia identificado com certas e estranhas abelhas do Iucatã; às vezes, com um Príncipe Canek, que foi amado por uma Princesa Sac-Nicté<sup>2</sup>; outras vezes, dizia que seu amor pelo Sol o fazia sentir-se como parte do mesmo espírito de certo Inca chamado Yahuar Huacac<sup>3</sup>, cujas inquietudes

<sup>2</sup> Canec e Sac-Nicté – Belíssima história maia de amor entre o rei Canec e a princesa Sac-Nicté, que, apesar de envolver um aspecto histórico que trata das guerras entre Chichén-Itzá contra outras cidades-Estado maias, traz profundos ensinamentos iniciáticos, tal como lemos em Helena de Troia, Romeu e Julieta e o conto árabe Laila e Majnun. Leia mais sobre esta história ao final do livro. (Nota GnosisOnline)

<sup>3</sup> Yahuar Huacac – Imperador inca Tito Cusi Hualpa, 1348-1370, que usou o nome quéchua que significa “o que chora sangue”. Foi o sétimo imperador dos povos incas. (Nota GnosisOnline)

ele havia compartilhado, fez-me levar um tempo até entender que entre ambos havia a bagatela de alguns séculos. Outras vezes, dizia-me que estava enamorado da sabedoria de Ioaanes, e de alguns dos assuntos de Melquisedeck.

Algumas poucas vezes o ouvi comentar:

– A única coisa que realmente importa é *Ser*. Quando o homem *é*, o restante vem por acréscimo.

Em minhas anotações daquela época, encontro registradas algumas de suas palavras: “O tempo, o desenvolver da vida e dos acontecimentos do homem são coisas que muito poucos tomam em conta e que um número ainda mais reduzido é capaz de entender. A vida é um milagre em si mesma, porém nós raramente ponderamos sobre ela. Damos por certas muitas coisas que não são verdadeiras, que deixariam de ser certas se lhe aplicássemos uma interrogação, um ‘por quê?’ Não sabemos quem verdadeiramente somos, nem o que somos verdadeiramente, quais inclinações são as que realmente nos animam. Poucos são os que se convencem disto. A maioria acredita que com o nome, com a profissão e algumas outras coisas circunstanciais já sabem de tudo. Nossa maneira de pensar é ainda muito ingênua. Muito do que os homens atribuem à educação moderna há de ser buscado nas profundezas da psicologia mais pura, que é algo que se perdeu. Mas também ocorre que há muitos psicólogos que não entendem nem sequer as coisas que eles mesmos dizem. De outro modo já faria tempo que haveriam descartado a psicanálise. A ciência ordinária não crê ou não aceita o milagre porque ela não é verdadeiramente científica. Há homens da ciência que, ocasionalmente e por razões morais, falam do espiritual, mas nem sequer se detêm a ponderar sobre o que é a matéria em si.

Há homens supostamente espirituais que não compreendem a transcendência do que Jesus Cristo disse a Nicodemo, e que o Evangelho registra com estas palavras: ‘Se vos falei de coisas terrestres, e não credes, como creereis, se vos falar das celestiais?’<sup>4</sup> É que a ciência não quer compreender que nas palavras, nas parábolas, nos milagres e em todos os feitos realizados por Jesus Cristo há muito mais ciência do que a que ordinariamente podemos imaginar. Devido a isto, a filosofia que conhecemos baseia-se em ingenuidades anticientíficas, assim como a religião cristã que conhecemos disputa com as principais verdades que o Cristo ensinou. Mas não devemos ficar desesperados. Há quem possua as chaves da verdadeira ciência e seus conhecimentos são exatos e precisos, e ninguém pode equivocar-se com respeito a eles. A única dificuldade é que a esta ciência e a estes conhecimentos ninguém chega pela casualidade. Deve buscá-los com afã e preparar-se durante muito tempo. Mas todos podemos entrar em contato com estes homens, podemos ter contato através de suas ideias, e, sobretudo, mediante o esforço que façamos por compreendê-las. É o esforço sincero que vale. Há muito disto, especialmente em literatura. Poucos suspeitam que em um livrinho que custa apenas alguns centavos, haja ensinamentos mais maravilhosos que qualquer um possa desejar.

Como disse, pensamos muito ingenuamente; melhor dito, não sabemos como pensar. A ciência e a filosofia, por exemplo, utilizam meios que, se ponderassem sobre eles, os converteriam em finalidades. Um destes meios se conhece com o nome de ‘intuição’. A ciência ignora o quanto deve à intuição; o mesmo ocorre com a filosofia. Trata-se de uma gradação ou velocidade distinta da função da inteligência humana. O mesmo podemos dizer da arte e da religião. As revelações em que se baseia o dogma religioso são algo que todos os teólogos querem elaborar sem

<sup>4</sup> João 3:12 (Nota GnosisOnline)

precatar-se de que a velocidade a que trabalha a razão ordinária é material impossível de elaborar.”

– Que livrinho é este que custa alguns centavos? – perguntei.

– O Sermão da Montanha. É a soma dos capítulos cinco, seis e sete do Evangelho de São Mateus.

– Por que a religião nada diz sobre isso?

Meu amigo olhou-me e sorriu.

– A religião não compreende que seu erro se encontra justamente no conceito que tem de “religião”. Sem dúvida, para poder entender a verdade desse conceito é preciso descartar o conceito ordinário.

Fiquei pasmo ante semelhante enigma.

– Mas você é obviamente um homem religioso. Como pode dizer isso?

– Já o verá, me contestou. Você não pode sair do ataúde no qual colocou sua educação, seu conceito de moral religiosa etc. Muitos homens desejam entender como podem sair do ataúde, e entenda você a palavra ataúde literalmente; colocam a cabeça para fora, mas a ideia de liberdade que veem os assusta e logo voltam para dentro do ataúde e até fecham a tampa com pregos para que nada perturbe seu sono.

– Mas por que você me diz que a religião é um conceito errado?

– Religião significa religar e não existe nada para se religar porque não existe nada no Universo que esteja desligado de algo. Sem dúvida, devemos representar as coisas como se estivessem desligadas devido às limitações de nossos sentidos e do entendimento que derivamos dessa limitação. Como poderá conciliar-se o conceito de religar como o que afirma o mais básico do catecismo, por exemplo, de que Deus está no céu, na terra e em todo lugar? Ou aquela outra afirmação de um dos pais da Igreja, o apóstolo Paulo, quem disse: “Em Deus vivemos, nos movemos e temos nosso Ser”.

– Então, o que é que há de ser feito?

– Dar-se conta do que significa a palavra Universo, esforçar-se por elevar a inteligência àqueles estados de pureza em que as ideias são coisas vivas. Novamente podemos recorrer à entrevista de Nicodemo com Jesus, porque no mesmo tema Jesus deu a chave do entendimento dessas coisas, ao dizer: “E ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho de Deus que está no céu. E como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que o Filho de Deus seja levantado; para que todo aquele que nele crer não se perca, senão que tenha vida eterna”.<sup>5</sup>

– Isso é sumamente difícil de entender.

– Tudo depende do esforço que se faça para entendê-lo. O esforço para entender essas afirmações que parecem tão obscuras é justamente a chave que pode abrir-nos as portas do céu; mas acontece que a maioria se conforma com a primeira interpretação que encontra, esquece o esforço e assim começa a cair, começa o pecado original. Porque significa deter o desenvolvimento da inteligência. Quando se detém esse desenvolvimento, quando o homem se dá por satisfeito com a compreensão de hoje e não trata de ampliá-la ao máximo de intensidade de que é capaz, perde sua capacidade, perde sua compreensão e, eventualmente, perde a sua alma. Melhor dizendo, mutila, entorpece seu crescimento de tal forma que a alma fica enferma e até pode morrer completamente. Isto é algo que Jesus tratou de explicar na parábola dos talentos, na do traje de bodas e, sobretudo, nestas duas palavras que se encontram a cada instante nos Evangelhos: “Vela e ora”.

Com o tempo acostumei-me com essa linguagem tão especial de meu amigo.

---

<sup>5</sup> João 3:13 (Nota GnosisOnline)

Apresentei-o a alguns de meus amigos, e quando estes me perguntaram quem era ele, não sabia o que responder, de modo que decidi fazê-lo passar por um parente, algo excêntrico, mas no fundo uma boa pessoa.

Quando o informei sobre isso com a secreta esperança de que me dissesse a verdade sobre si mesmo, comentou:

– Nosso verdadeiro parentesco é muito mais real do que você mesmo possa imaginar. Um dia saberá disto.

– Você não acha que exagera um pouco esse mistério? – disse-lhe.

– A verdade sempre parece exagerada para quem não a compreende.

– É um pouco difícil de entender.

– Não duvido disso. Mas é que você ainda não se dá conta de que falamos idiomas diferentes, porque temos um entendimento diferente.

– Então por que não falamos o meu?

– Porque mesmo que o saiba bem, você quer aprender o meu. Se me guiasse por suas palavras, há tempos teríamos deixado de nos encontrar e conversar. Não falo com o que você aparenta com suas palavras, senão com o que você pode ser.

– Isso sim é um enigma. Isso é tudo o que tem a me dizer?

– O que eu lhe disser dependerá sempre do que você queira me perguntar.

Essas entrevistas sempre me deixavam incomodado ao compreender como ele manejava meus pensamentos e desviava meus propósitos, e mesmo assim não pude evitar que meu carinho por ele aumentasse. Era algo muito contraditório o que ocorria comigo.

Assim o tempo passou. Eu continuava me apoiando em caixas de fósforo que levava sempre em meu bolso, e não conseguia esquecer a Guerra. Sobretudo, não podia esquecer a sensação de repugnância que sentia sobre mim mesmo cada vez que vinha à minha memória a recordação de certo homem a quem havia matado cravando uma baioneta em seu ventre. Tão horrorosa era a agonia com a qual o vi padecer que por instantes desejava que o morto tivesse sido eu. Esta cena vinha com frequência agora que os despachos de guerra davam conta do número de baixas ocorridas nas distintas frentes. Não podia tomar estas cifras como se fossem somente cifras, para mim representavam padecimentos humanos que não afetavam unicamente as tropas, senão que cada soldado e cada homem se convertiam no centro de uma tragédia para toda uma família, para todo um círculo de amizades e até mesmo para a Terra. Não podia explicar para mim mesmo nem de onde, nem como vinham a mim esses pensamentos, mas sentia um grande mal-estar interior que, às vezes, se convertia em algo doloroso. De maneira que fazia todo o possível para fugir deles nesses momentos e até cheguei a sentir inveja da frieza com que meus amigos tratavam essas cifras. Também me causava assombro cada vez que via nos jornais as manchetes registrando esses fatos como se fossem algo sem precedentes na história do mundo, e como fatos verdadeiramente gloriosos. Os jornais pagavam somas elevadíssimas para ter essas notícias, e, por sua vez, as pessoas pagavam suas moedas e pagavam com gosto para lê-las.

A Guerra havia se transformado em um fantasma que perseguia minha consciência. De cada dez despachos que chegavam à minha mão para serem redigidos, nove tratavam diretamente da Guerra e o décimo, indiretamente. Assim passou o tempo da Etiópia, o tempo da Espanha, e um certo dia, chegou o da Polônia e, finalmente, a Guerra estendeu-se por todo o mundo. Tão esmagador era esse fato que, pela força de seu número, os despachos começaram a cegar-me. Pouco a pouco, fui tornando-me insensível com tantas cifras sobre mortos, feridos e desaparecidos. Certo dia, notei que estava interessado e que me encantava com a descrição do

bombardeio de uma cidade na qual morreram milhares e milhares de mulheres, crianças e velhos, todos eles completamente indefesos ante o fogo que chovia sobre eles. E coincidiu que naquele mesmo dia havia traduzido um despacho que continha certas declarações feitas por um importante chefe da Cruz Vermelha Internacional. Tratava-se dos cinco pontos de ajuda e proteção das crianças e eu havia decidido conservar uma cópia para mim. Havia-o deixado em cima de minha mesa de trabalho e quando quis encontrá-lo para levar para casa, os demais despachos sobre mortos, feridos, bombardeios e encontros navais os haviam encoberto por inteiro. Por um instante pensei nesse fato aparentemente casual e me dei conta de que assim como ocorreu com o despacho sobre a Cruz Vermelha, assim estava ocorrendo com meus próprios sentimentos, e nesse instante lembrei dos olhos suplicantes daquele rapaz a quem havia ferido com a baioneta e acreditei ver neles uma recriminação que me dizia: “Tão logo esqueceste?”

Cada despacho de guerra repetia essa cena em minha memória e junto dela me assaltavam pensamentos de esperança; queria crer que a alma desse rapaz tivesse encontrado alguma compensação em outra vida.

Um medo muito sutil e muito poderoso começou a se apoderar de mim quando me dei conta de que também estava me tornando insensível. Meus companheiros faziam piadas sobre esses escrúpulos e alguns até argumentavam que as guerras, especialmente esta Grande Guerra, traria um grande progresso científico, de tal maneira que poderíamos alentar a esperança de um mundo e uma vida melhores. A incongruência desse argumento chegou a me causar asco. A história era a melhor testemunha de que as guerras produzem somente novas e mais sangrentas guerras. Ali estavam os despachos indicando como se escreveria a história desta época. Comparando-os com os da guerra anterior, a crueldade humana havia aumentado, o ódio havia se intensificado. E pode-se esperar um mundo melhor à base de uma maior crueldade? Ou uma vida melhor a base de um ódio mais intenso que o consumia sob a lenda da guerra total? Nestes dias recordei uma frase de Lincoln: “O progresso humano está no coração do homem”. E não era eu mesmo testemunha de que meu próprio coração estava enamorado dessa crueldade e desses ódios?

Esse singular temor, um temor frio, como se a morte me espreitasse em cada pensamento, cresceu velozmente. Quando voltei a encontrar-me com meu amigo contei isso a ele e muitas outras reflexões que eu tinha feito.

– Sim – disse-me. É natural. A alma sempre sabe o que quer, e quando inicia o despertar, começa a pedir o que é seu. Há algo em todos os homens que recusam se enganar com a primeira explicação que chega aos sentidos. Alguns dão ouvidos a esta voz, outros não. É muito doloroso e desagradável o começo. É o primeiro umbral. Quando no homem há um começo de vida genuína, fortifica-se também o poder de tudo o que o conduz ao sono. Este é um período perigoso porque todo despertar aporta novas energias. E tudo o que há de falso em nossa personalidade se aproveita delas e aumenta nossa escravidão. Podemos dizer sem errar muito que assim se mata a Alma. Assim vemos que no mundo há muitas almas cuja vida se deteve e pouco a pouco vão perdendo as possibilidades de crescimento e perfeição que são um direito que o homem não utiliza. Há almas que estão decididamente mortas. O ser humano é algo mais que o corpo e os sentidos, mas não sabe, não o compreende.

– Queres dizer-me que a alma não é imortal? – perguntei.

– Isso depende da pessoa de quem se trata – disse.

– Mas aí estão os princípios religiosos, os escritos de Platão e as afirmações de muitos homens reconhecidamente inteligentes que nos asseguram que temos uma

alma imortal.

– Ainda dormes.

– Vais contradizer Platão?

– Poderia te aclarar muitos pontos para que possas entender Platão, mas ainda não estás preparado.

– Não te entendo.

– Estás obcecado por tuas próprias ideias, e enquanto estiveres em semelhante condição não poderás compreender nada. Observa um fato: se a alma fosse uma coisa que tivéssemos assegurada naturalmente, os escritos religiosos não insistiriam naquilo de que devemos nos esforçar por salvá-la. Nem haveria necessidade de filosofia ou religiões. Saberíamos de tudo naturalmente e ninguém temeria a morte como a temem. Ouve-me: formamos a Alma nesta vida tendo por base aquilo que nos anima. Se os motivos, os ideais, as ambições de nossa vida são transitórios, e são coisas do momento imediato, nossa alma também será transitória, sujeita ao que queremos. Algum dia poderás refletir serenamente sobre essas coisas e compreenderás a esse rapaz cuja morte te obceca. Observa bem: tu não o mataste de ti mesmo porque de ti mesmo nada podes fazer. Ou seja, que algo que não é tu mesmo, uma sociedade, te treinou, te ensinou a matar. Lembras da tua exclamação daquele dia na igreja? Pois és o mesmo. Tua exclamação e a baionetada foram involuntárias. Se antes de lançar essa exclamação pudesses dar-te conta do fato, não a terias lançado; a mesma coisa com a baionetada. Um pouco de Reflexão e não a terias feito. Mas nesses momentos não há tempo a refletir. Presta bem atenção no que te digo: não há tempo. De modo que para poder obrar de coração é preciso sobrepor-se ao tempo e isto demanda um tipo de vontade que tu não conheces ainda. Alcançar esta vontade requer grandes trabalhos, grande obediência a algo superior. Tens observado e ponderado sobre a filantropia, a caridade? Um homem que durante anos tenha se submetido a este treinamento do qual te falo não poderá evitar de fazer o bem; fazê-lo será um função pouco menos que instintiva nele. O fará naturalmente. Mas a maioria das pessoas pensa que ao fazer o bem já conseguiu o que unicamente se pode conseguir trabalhando intencionalmente, indo contra a corrente em si mesmo. E quanto à imortalidade da alma, não cabe nenhuma dúvida que existe; mas que seja imortal, já é um conto aparte. Procura entender que falo sobre o Homem Individual.

– Santo Senhor! Agora sim acredito que estás louco! – exclamei.

– Como queiras – disse-me, sorrindo.

– Queres me dizer que estamos todos equivocados?

– Por que não?

– Não é possível.

– És muito ingênuo. Tens o exemplo vivo em ti mesmo e, apesar disso, discutes com veemência. Mas não importa. Vejas quão errado seria que me guiasse unicamente por tuas palavras? Tu sabes e sentes que a guerra é horrível, que é uma coisa bárbara, a culminação de tudo quando há de selvageria no homem. Sabes que teus companheiros estão errados com respeito a essas cifras de baixas; para ti, por outro lado, cada cifra é a representação de um ser humano e isso te faz sofrer. Aqueles que não sentem o que pensam estão sempre errados. E atente que todo este horror está se produzindo no que chamamos mundo cristão, e um dos principais preceitos da cultura cristã diz “não matarás”. Mas o homem começa a matar no coração antes de começar a matar de fato. A morte que vês por onde quer que se vá começou com o ódio. E a sociedade a justifica de muitas maneiras para acalmar a voz da consciência, se é que alguma vez ele lhe presta atenção. Qual das muitas

igrejas cristãs tem adotado uma atitude vigorosa, inequívoca diante desta guerra? Somente alguns homens isolados têm se oposto a ela e preferem sacrificar suas vidas em experimentos de laboratório.

Voltemos à entrevista do velho Nicodemo com Jesus Cristo. Essa entrevista ocorreu em tempos tão agitados como o atual, quando se derrubava uma forma de cultura enquanto se gestava outra. E Jesus Cristo disse a Nicodemo que era preciso nascer de novo, nascer de água e de espírito para poder desfrutar dos atributos que correspondem a uma alma de verdade.

– Mas muitos dos que morrem, morrem convencidos de que sua alma vá sobreviver.

– Não duvido. O ser humano está convencido de muitas coisas. Houve um tempo em que estive convencido de que a Terra era plana. Se esquadrinhas os Evangelhos, verás que neles se diz bem claramente: “De que te valerá ganhar o mundo se vais perder a alma?”

Para mim era impossível discutir com ele. Meu interesse pelas Sagradas Escrituras era o mínimo. Não as havia lido, tampouco as estudado. Sem dúvida, algo me dizia intimamente que meu amigo estava certo, ainda quando eu nada compreendia. Depois de um breve silêncio, disse-lhe:

– Não basta apenas cumprir com o que manda a religião?

– Cumprir fielmente e de coração com os preceitos ordinários da religião é o primeiro passo, um passo indispensável. Tudo está entrelaçado, tudo está unido. As formas religiosas são a aparência externa daquilo que se pode chamar de Igreja Interior. E esta é verdadeiramente imortal. A isso se refere o Credo quando fala da “Comunhão dos Santos”.

Então aproveitei a oportunidade para pedir-lhe que explicasse a verdadeira forma de rezar.

– Tens rezado muito intensamente, mas sem se atentar a isso.

Respondi contando-lhe minhas experiências de estudante.

– Já se vê – disse-me. A ignorância esteve a ponto de te cegar por completo. E agora és tu quem nega o alimento que tua Alma precisa. Não creias que agora vais poder culpar teus professores, teus confessores ou teus pais. Podias tê-lo feito até agora há pouco, agora isso está vetado a ti. Se tens interesse em saber algo a mais sobre o Pai-Nosso, por exemplo, começa a compreender o que verdadeiramente significa perdoar nossos devedores. Digo-te estas coisas porque a ignorância sincera é perdoável, mas nem a hipocrisia, nem a mentira, nem a negligência.

– E como farei isso?

– Da mesma maneira que fizeste com as demais. Por exemplo, aquele verso que diz “livra-nos de todo o mal” o tens vivido a teu modo. E viver uma súplica é mais importante do que formulá-la. Foste à igreja pedir mais inteligência, segundo o que me tens contado. A inteligência é justamente um atributo do reino dos céus. Foi-te dado certo entendimento. O outro verso “não nos deixes cair em tentação” o tens experimentado em tua vivência de horror ante o fato pelo qual estavas te endurecendo.

– Mas esse é um modo muito estranho de orar – disse-lhe, assombrado.

– É o único modo do coração. Para entender as orações é preciso ter uma ideia, ainda que seja aproximada, da Comunhão dos Santos. Cada uma das orações que conhecemos é um tratado sintético de conhecimentos de grande valor. O Pai-Nosso, por exemplo, pode ser para o indivíduo uma escada de Jacó com a qual chegará ao céu se o indivíduo a viver. Para um físico pode ser um meio para explicar a natureza do Universo. E conheço um homem dedicado à astronomia que o entendeu para

benefício de seus estudos. Estas orações são a obra da Comunhão dos Santos. Agora, a Comunhão dos Santos tem muitos nomes, segundo seja o Credo que cada raça pratica. Não é uma organização estatutária, senão um palpitar de vida universal. São os guardiães da cultura e da civilização, os ajudantes de Deus.

– Aos poucos me falas sobre o alimento da alma. A que te referes?

– A um alimento tão real como o que o corpo necessita. Isto se depreende das palavras de Jesus: “Nem só de pão vive o homem, senão de toda palavra de Deus”. O alimento físico contém energias que nutrem a alma. É necessário para o crescimento. E por crescimento refiro-me ao crescimento interior. Quando o homem come, bebe e respira com o propósito de alimentar sua alma, extrai dos alimentos, do ar, das bebidas, certas substâncias especialmente nutritivas. Mas há um alimento superior a este e é o que nos impressiona intimamente. Todos sabemos que os desgostos entorpecem a digestão. Um desgosto é uma **Impressão**. Os transtornos hepáticos produzem um caráter amargo. De modo que, alimentando-se adequadamente de impressões, sejam estas internas, sejam externas, podemos nos nutrir melhor ou pior. Mas isso requer estudos e esforços. Por exemplo, há quem reza antes de se alimentar, invocando a bênção do Altíssimo, mas enquanto comem, conversam, discutem ou se alteram. Durante o processo digestivo, há aqueles que lançam maldições. Ou seja, não têm uma continuidade em seus propósitos. Mediante a **Continuidade de Propósitos** se forma no homem um órgão novo. Mas é preciso que este órgão exista potencialmente e seja capaz de crescer.

– Que órgão é esse?

– Agora não o entenderias porque estás convencido de que já o possuis. Todo mundo está convencido do mesmo, como estão convencidos da continuidade de seus propósitos. Dir-te-ei unicamente que se forma de uma maneira e não de duas: sofrendo deliberadamente e esforçando-se por seguir a Voz da Consciência.

– Mas todo mundo sofre.

– Não. Os sofrimentos lhes chegam como lhes chegam os prazeres. Sofrer deliberadamente pressupõe certo grau de vontade. De vontade própria. Todos sabemos que o ódio é mal e que o amor é bom. Sabemos que devemos amar nossos inimigos. Sabemos essas coisas de memória, mas não podemos aplicá-las porque simplesmente não temos o grau de vontade suficiente para levá-lo à prática. De modo que a sociedade em que vivemos negocia com o que chama de debilidade humana e esquece o princípio. Para poder sofrer deliberadamente é necessário ter a força de se sobrepor ao sofrimento accidental. E isso não significa fugir dos prazeres, porque quem sofre accidentalmente também goza accidentalmente. É preciso se sobrepor ao accidental. E isso só é possível mediante uma continuidade de propósitos, de um claro entendimento de muitas coisas, a maioria das quais a educação moderna ignora ou despreza.

Poucas vezes tivemos uma conversa tão longa. Gostaria de tê-la continuado, mas ele logo desviou a conversa e planejamos novos passeios de bicicleta.

## 6

Passou muito tempo antes que voltássemos a tratar desses assuntos. Durante esse tempo, quis compreender suas palavras e revisei atenciosamente minhas anotações. Porém, não entendi grande coisa. Das poucas vezes que voltamos ao tema, ele evitou abordá-lo e, por minha parte, deixei de fazer as anotações, de modo

que agora me seria impossível reconstruir as frases soltas e as explicações que ele deu sobre muitos pontos.

Interessava-me especialmente sobre o alimento da alma, porém, ele insistia em que era preciso, primeiro, Despertar!

– Que queres dizer com isso de despertar? – perguntei-lhe um dia.

– Ainda não te dás conta? O despertar ou a vigília de que falo é difícil, mas não impossível. É um contínuo esforço, um permanente andar às cegas durante muito tempo, até que logramos compreender nossas falácias. Porém, chega o grande momento de quem mantém vivo o esforço. Então, compreendem-se possibilidades latentes no homem. É algo que se sabe por si mesmo, não se necessita que o digam ou interpretem nada. Descobrem-se no corpo distintas classes de vida, distintos níveis. Então, já não anda às cegas. Sabe aonde vai e sabe o porquê faz tudo que faz. Os Evangelhos convertem-se em um guia mui valioso. Agora o vês, nem tu nem eu podemos dizer que somos discípulos de um Ser tão glorioso como Jesus Cristo e cremos estar despertados. No horto de Getsêmani os apóstolos, os discípulos, caíram adormecidos...

Meu amigo disse essas últimas palavras com um tom tão reverente que me impressionou; seus olhos começaram a encher-se de lágrimas e ele as deixou correr por suas bochechas sem se envergonhar disso. O que vem a seguir disse-o com voz entrecortada por uma emoção tão poderosa que, por instantes, sacudiu a mim também. Fiquei perplexo. Ele seguiu dizendo:

– Um apóstolo é por si um homem superior e Jesus foi uma inteligência como poucas vezes se viu na Terra. Não obstante, há quem pense que se rodeou de bobalhões e ignorantes. Os apóstolos tinham uma vontade à prova de muitas coisas, de outro modo não poderiam ter vivido próximos a Jesus. Não obstante, todos lhe falharam nos últimos dias. E esta é a história do crescimento do homem. Cheia de altos e baixos.

Ambos guardamos silêncio. Eu não quis continuar interrogando-o por medo de produzir nele novos transtornos. Ele advertiu minha atitude e disse:

– Não interpretes mal esta emoção; não é debilidade, é força. É o meio como se obtém um singular entendimento.

Havia-me chamado poderosamente a atenção sua referência à inteligência de Jesus, e a de seus discípulos. Por alguma razão pensei que Judas devia ter sido o mesmo que os outros, e disse-lhe isso.

Em primeiro lugar – disse ele –, é preciso que insista sobre um fato. Para ser discípulo de uma figura como Jesus Cristo, é preciso haver visto algo, haver compreendido algo; é necessário conhecer algo verdadeiramente real. Agora, foi dito que os discípulos eram pescadores. Jesus disse-lhes que os faria “pescadores de homens”. Isso significa que os discípulos já possuíam uma preparação espiritual quando tomaram contato com o Mestre. Se não houvessem sabido de algo verdadeiramente real, não teriam podido reconhecer o Cristo em Jesus, não teriam podido valorizar devidamente seu ensinamento. A chegar-se a Cristo pressupõe já uma inteligência de certo desenvolvimento, certo grau de vontade e um sentimento mais ou menos profundo da verdade. Naturalmente, depois da crucificação mudou tudo, porém isto é outra coisa. Em segundo lugar, supor que Judas pôde enganar Jesus é um pouco menos que blasfemar. A relação entre Cristo e seus discípulos é uma relação que o homem não pode conceber em termos de uma vida ordinária, baseada nas compreensões que chegam aos sentidos. É necessário ir além dos sentidos. Ou seja, formarem-se olhos para ver e ouvidos para ouvir; ver e ouvir significados mais do que fatos isolados; é ver e ouvir em um plano de relações.

Diz-se que Judas traiu Jesus, porém, quando se capta o significado dos fatos compreende-se de pronto que a conduta de Judas não foi obra de sua própria vontade; foi obrigado a vender Jesus. O que “vender” significa em linguagem de Evangelho está relacionado com a pobreza ou riqueza em espírito. Lembra-te somente que se retrata o reino dos céus como algo muito precioso que um bom mercador encontra, e que, em seguida, “vende” tudo quanto tem para poder fazer-se dono dessa preciosidade. Inverte o processo para aproximar-te a um entendimento. O mistério de Judas é um dos mistérios que mais nos confundem. Jesus sabia que ia morrer. Além do mais, sabia como ia morrer. Sua morte estava já predestinada, de modo que não cabia traição alguma, porque qualquer traição requer o elemento de uma confiança baseada em uma ignorância. Pense um pouco. Por que Jesus insiste em que Ele escolheu os doze e que um deles era o diabo. Olhando os fatos retrospectivamente, resulta muito fácil julgar e condenar Judas em base ao que outros interpretam. Porém, desentranhar o mistério por si mesmo levado só pela ânsia de conhecer a verdade, já é outra coisa. Todos levamos um Judas dentro de nós<sup>6</sup>, como levamos um Batista, um Pedro, um João e quase todos os personagens que figuram nos Evangelhos. Entende-se que esses escritos tratam principalmente do desenvolvimento interior do homem, começa-se a ver a legião de personagens em si mesmo e também os fatos e acontecimentos que os relacionam.

Outro ponto que me interessava era sobre o amor e as relações sexuais. Quando abordei esse assunto, uns dias depois do caso anterior, ele me disse:

– O amor é a chave de tudo, porque é a força que conserva e mantém tudo. A fórmula “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” requer uma consideração muito profunda. Ninguém pode amar ao próximo mais do que a si mesmo, porém, amar-se a si mesmo requer certos tipos de impressões um pouco difíceis de explicar. Se vemos e consideramos o amor deste ponto de vista das impressões, veremos que aqueles que estão apaixonados veem tudo cor-de-rosa. Este é um alimento muito especial. Porém, quando se ama com sabedoria, quando se ama conscientemente, com pleno conhecimento, com plena compreensão, as delícias de um apaixonado não são nada comparadas com as delícias do amor que só brota do espírito. Amar-se bem a si mesmo é anelar o crescimento interior e isto requer normalidade. Não se pode amar quem sofre de uma inibição ou uma frustração. De modo que amar a si mesmo implica necessariamente o equilíbrio normal de todas as funções, inclusive a sexual. Porém, isto é difícil de entender, a menos que se entenda o adultério no amor. O adultério no amor, desde este ponto de vista, é ter uma relação amorosa ou sexual com quem não se ama integralmente; e o amor há de ser mútuo. Só o amor consciente pode produzir um verdadeiro amor. Há uma diferença muito grande em amar e estar apaixonado; o primeiro pressupõe conhecimento de si mesmo até certo ponto e entendimento de certas leis. O segundo é uma coisa determinada pela vida da natureza para os fins da criação e manutenção da vida. Para uma evolução consciente é preciso o equilíbrio, a normalidade. Isto o determina a própria compreensão. Ao abordar este assunto, os Evangelhos utilizam a expressão “eunuco”. Mas, antes de indicar isso, indica-se que o mandato vem pela palavra interior. E isso é compreensão.

Poucos dias depois, meu amigo obsequiou-me um escrito, um poema, cujo contraste com a aridez de suas palavras explicativas que tenho citado chamou muito minha atenção. O poema dizia assim:

<sup>6</sup> Nos estudos gnósticos, esses aspectos de nosso Deus Interior são chamados de As Partes Autoconscientes e Autoindependentes de nosso próprio Ser Interior Profundo, ou somente As Partes do Ser. (Nota GnosisOnline)

*Deus deu ao Sol por esposa a Terra, e bendito este amor quando criou a Lua.  
Assim também criou a ti, mulher, para envolver sua vida no amor humano.  
E para que no prazer de amar encontre a alma a senda do retorno, onde  
sempre é hoje, onde não há porvir.*

*Porque assim como a vida vai à morte por amor, assim o amor ressurgue da  
morte de onde há um coração desperto que saiba contê-lo em seu amar e em seu  
morrer.*

*Com cada beijo morre um pouco a alma ao esquecer que é vida em amor.  
E, pelo mesmo, com cada beijo pode reviver a alma de quem saiba morrer.  
Ó Paradoxo da Criação!*

*Em cada alento de amor há um suspiro que é eternidade.*

*E em cada carícia também arde o fogo da morte e da ressurreição.*

*Eleva o amor simples e sensível às nuvens mais altas!*

*E que amar e beijar sejam uma oração de vida ao mais íntimo ser que é a  
verdade e é Deus.*

*Porque não sois vós os que amais, senão o amor do Pai que se agita em vós.*

*Vossa será sua mais poderosa bênção se, em cada beijo que dais e recebeis,  
santificardes seu nome, guardando sua presença em vossos mais íntimos anelos.*

*E em vosso amor, buscai primeiro o reino de Deus e sua Justiça, que todo o  
restante, ainda a felicidade de ser, vos será dado por acréscimo.*

*E não temei amar; antes temei a quem possa converter vosso amor em prejuízo  
ou maldade.*

*Fazei de vossa união um caminho sereno até os céus.*

*Contanto que leveis sua presença em vossos corações, estareis em verdade  
amando a Deus por sobre todas as coisas, ao mesmo tempo que amais uns aos  
outros.*

*E no instante de vossa suprema felicidade, sereis um com Ele e com sua  
Criação.*

Não voltei a vê-lo durante algum tempo, pois tive de fazer uma viagem prolongada. Trocamos algumas cartas. Lembro que em uma delas lhe perguntei como alguém podia fazer para alcançar semelhante entendimento da vida e do amor. Sua resposta chegou na forma desta paradoxal poesia:

*Não duvides da dúvida, e duvides.*

*Porém, duvides com fé, e ainda duvides da fé.*

*Pois não é a dúvida, inerte na pendência da fé  
até a obscuridade,*

*e força no impulso para alcançar a compreensão?*

*Não duvides e, ao mesmo tempo, duvides*

*de tudo quanto acredites ser verdadeiro*

*porque a dúvida também é verdadeira,*

*em si e por si.*

*Duvidando da dúvida,*

*e duvidando com fé e da fé,*

*verás o ilusório da dúvida e a fé*

*derrubar-se a teus pés...*

*e elevar-se-á majestosa ante teus olhos*

*a dúvida feita em Verdade.*

Voltamos a nos reunir no começo do outono seguinte. Notei certas mudanças nele, mas não poderia explicá-las. Evitou os temas em torno dos Evangelhos. Unicamente uma vez, quando lhe disse que não podia compreender o fato de que ele pudesse ser tão devoto de Jesus Cristo e ao mesmo tempo tão dado à leitura das obras maias, incas, guaranis, hindus e chinesas, fez-me esta observação:

– Cada povo, cada raça, cada nação, cada época, têm tido mensageiros que deram testemunho da mesma e única Verdade, ainda quando tenham empregado palavras diferentes, símbolos diferentes e diferentes alegorias. Palavras, símbolos e alegorias não têm um valor permanente em si mesmas; são unicamente meios que há de ir descartando pouco a pouco, à medida que cresce o entendimento e a vivência da realidade. Porém, durante muito tempo em nossas vidas não podemos senão ver palavras nas palavras e símbolos nos símbolos. Quando compreendemos que dois símbolos não são iguais, pouco nos preocupamos em averiguar se estamos ou não certos; cremos durante muito tempo que as diferenças externas têm a mesma diferença interior. Porém, cada símbolo é uma palavra e cada palavra é um símbolo. Quantos sabem verdadeiramente o que estão dizendo quando dizem “eu”?

A essa explicação seguiu-se algo sobre as dimensões do tempo e as dimensões do espaço. Como havia dito, eu anotava a maioria das coisas que ele dizia. Porém, nessa oportunidade não o fiz e vagamente recorde algo assim como que o espaço é tempo, que há três dimensões de espaço e três dimensões do tempo, que o símbolo hebreu da estrela de seis pontas era um indicativo de que espaço e tempo eram uma só coisa ou ser. Se mal não recorde, em certa oportunidade também disse que as palavras de Jesus “*Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida*” podiam tomar-se em física como as três dimensões do tempo, ademais de constituir um processo de ordem cósmico que, junto com outros cinco processos baseados na trindade, constituíam todos os processos universais, em todos os graus do Ser. Mas, como já havia dito, sobre isso não conservei anotações de suas palavras, ainda que cogite que há escritos sobre isso em alguma parte. Muitas outras coisas que me disse entraram por um ouvido e saíram por outro.

Nessa fase estava interessado em muitas coisas aparte de minha amizade com ele. Porém, nossa amizade se mantinha firme. Não era um homem ostentoso. Vestia-se bem, porém, sem luxo. Com um pouco mais de alinho haveria sido um homem elegante. Por alguma razão tratava de vestir-se muito discretamente e parecia querer não chamar a atenção; porém, segundo meu ponto de vista, o chamava ainda quando não quisesse fazê-lo.

Muitas vezes fiz-me o propósito de ponderar as coisas que ele dizia. Invejava sua calma, sua serenidade. Eu, em troca, era um espinho um dia e no outro um mar de ternura. Quando sofria alguma contrariedade não podia deixar de recordar suas palavras. Ambos seguimos concorrendo à mesma igreja todas as tardes. Porém, em consequência da Guerra minha vida começou a mudar velozmente, e o tempo me foi ficando mais curto. De visitas rápidas e cada vez mais isoladas à igreja, passei primeiro a vários dias de ausência; estes se converteram em semanas e logo me dei conta de que já havia deixado de rezar e também de que havia deixado de ter essas conversas com meu amigo, a quem não via senão quando ele, sem prévio aviso, apresentava-se em meu escritório.

Minha situação havia melhorado muitíssimo. Era um homem próspero. Tinha um cargo importante e, como todos os homens “importantes”, carecia de tempo para muitas coisas, como, por exemplo, cumprir com a promessa que eu mesmo havia feito de não faltar nenhum dia ao templo. Justificava-me culpando a Guerra. Minha importância restringia-se ao fato de que todo mundo se interessava por estar prontamente informado dos acontecimentos. Diplomatas e políticos sabiam que sobre minha mesa encontrariam sempre a notícia da última hora. Meu telefone funcionava sem descanso. Foi preciso instalar um número reservado. Todos os dias me visitavam ou me chamavam funcionários do governo, das embaixadas, de grandes firmas comerciais etc. E, como era natural que ocorresse, esses contatos profissionais logo se converteram em amizades pessoais. Meu círculo se ampliou. Começaram a chegar os inevitáveis convites para festas, coquetéis de vinho e reuniões íntimas que organizava um ou outro grupo. E eu, que não encontrava tempo para ir à igreja durante meia hora nas tardes, me vi podendo acudir a todas essas funções sociais. Por certo, sempre recorria àquela desculpa: “Trata-se da Guerra e eu devo ao público que paga meus serviços”.

Quando, um dia, dei uma explicação desse estilo ao meu amigo, ele me olhou com uma expressão compassiva e, tomando um bloquinho em branco sobre minha mesa, escreveu: “Nunca te sintas tão perfeito que baixes a guarda ou percas a vigilância. Queira-te bem, porém, não prostituas a ti mesmo.”

– Conserva-a onde possas vê-la sempre – disse-me, ao entregá-la a mim.

Logo, pôs-se de pé e se foi.

Passaram vários meses sem que o visse. Pouco me lembrava dele. Suas estranhas observações, seu oportuno conselho sobre problemas em que o supunha totalmente ignorante, tudo isso e minha própria consciência me produziam uma rara inquietude a cada vez que pensava nele e lia suas palavras.

Naquela época começou o furor da “boa vizinhança”. Começou o furor pan-americanista. As intrigas internacionais, as mais mesquinhas, floresciam por todos os lados. Pude dar-me conta de que várias potências europeias, supostamente amigas dos Estados Unidos, combatiam disfarçadamente a ideia da boa vizinhança. Todos queriam tirar um pedaço nas ganâncias que produziam os bons negócios da Guerra. Nem os industriais, nem os mineiros, nem os políticos, diplomatas ou jornalistas, estavam livres dessa tentação. E eu também caí nela e caí com muito prazer através de um amigo que especulava fortemente na Bolsa de Valores e que precisava estar bem informado, e oportunamente, acerca dos acontecimentos da Guerra. Assim comecei a enriquecer.

Por outro lado, certas organizações de propaganda começaram a me pedir colaborações na forma de artigos. E os pagavam tanto melhor quanto mais altissonantes e estúpidos fossem. Aceitei e ganhei mais dinheiro.

Certa vez, recordei algumas observações que meu amigo havia feito quando se iniciaram os primeiros boatos acerca da boa vizinhança dos Estados Unidos.

– Bom vizinho unicamente pode ser quem paga a conta. Hoje em dia, ninguém está em situação de fazê-lo, muito menos os países sul-americanos. Porém, como o homem vive de palavras lindas, e quanto mais lindas mais ignorantes, acham que o conceito é sonoro, o aplaudem e não sabem no que estão se metendo. É um conceito nascido da Parábola do Bom Samaritano. Mas nos Estados Unidos alguém o tem distorcido e os demais países o têm distorcido ainda mais. Não obstante, a ideia é bonita e como nos Estados Unidos há dólares em abundância, aí vai a comparsa pan-americana que não é senão uma serpente de vinte bocas e uma cabeça.

– Isso é demasiado duro – disse-lhe.

– A verdade sempre é dura, especialmente para os hipócritas. Não te identifiques tanto com a propaganda que escreves e, quem sabe, poderás ver algo da realidade.

– Porém, a boa vizinhança ao menos significa uma boa intenção.

– Satanás tem as melhores intenções para com o homem, por isso o idiotiza.

– Tu vês tudo tão friamente; o pan-americanismo é uma boa intenção.

– Ainda dormes. Se compreendesses que o homem não pode ter uma continuidade em seus propósitos, de pronto compreenderias que a intenção não basta. Se o homem pudesse manter uma continuidade em seu pensamento, sentimento e ação, suas boas intenções dariam frutos generosos. Assim como o indivíduo tem muito boas intenções um dia, no seguinte qualquer coisa o desvia delas, assim ocorre também na política. A ideia democrática é mais velha que andar a pé, porém é uma coisa impossível, pois requer uma discriminação que poucos têm.

Entre minhas anotações dessa época, encontro uma página de uma carta que ele me escreveu a respeito da política internacional do momento, durante uma de suas viagens. Diz assim:

“... O senhor Roosevelt é, sem dúvida, um homem muito bem-intencionado, porém ocorre que o único bom vizinho que tem é seu cigarro. Assim como o único verdadeiro aliado do senhor Churchill é seu charuto puro e o único camarada do senhor Stalin é seu cachimbo. Observe que nem Hitler nem Mussolini fumam. São demasiado virtuosos e como todo fanático da virtude, só veem o cisco no olho alheio. Quando terminar esta guerra, é provável que haja outra e com ela de repente a ciência tenha tanto progresso que lhe dê prazer e desfrute da glória de haver destruído a civilização. Nada é mais fácil que profetizar uma guerra. Porém, a guerra também inclui um desatino na vida dos povos e do próprio indivíduo. Se este desatino interior o indivíduo o utilizasse para seu desenvolvimento, e se tratasse de averiguar de onde vem e por que ocorre, creio que se daria um passo em direção à paz. Porém, não é coisa fácil de conseguir que o homem compreenda que ante os fenômenos celestes é menos que um átomo. A paz é uma conquista individual, jamais será obra das massas. E muito menos obra dos exércitos. O homem ainda não aprendeu a aproveitar o que a história ensina, o que indica a experiência. A Liga das Nações foi, durante muitos anos, uma ilusão de paz, a verdade é que foi um foco de intrigas. Mussolini a destruiu com uma canetada. Atrás desta guerra possivelmente surgirá algo parecido, porém, com algum outro nome. O homem deleita-se pondo e trocando nomes às coisas mais antigas da história. A Liga das Nações nasceu morta. Já havia morrido na Grécia faz mais de 2 mil anos, com a Anficionia<sup>7</sup>. Não se trata de organizações, não há de se trocar de nome, senão que há de modificar o homem. Não me peças que leve a boa vizinhança a sério, porque tudo não soma mais que um montão de mentiras. O trágico é que ninguém mente intencionalmente, ninguém se dá conta da Grande Mentira. Observa-o em ti mesmo, observa como já tens começado a acreditar em quanta mentira que estás escrevendo.”

De tudo isso, o que me interessou foi a ideia de que um bom vizinho pode ser só quem pague a conta. Decidi utilizar a ideia para um artigo e quando publiquei minha vida sofreu uma nova transformação, conectada em certo modo a esse singular amigo.

Vi-me lançado de cabeça às intrigas de espionagem política.

A poucos dias de haver elaborado essa ideia em uma série de artigos, vi-me em contato com certos vendedores de uma maquinaria que não poderia ser fabricada em

<sup>7</sup> Anficionia – Federação de tribos unidas pela lealdade a uma divindade comum ou interesses políticos convergentes, até que outros interesses se sobressaiam a estes. (Nota GnosisOnline)

parte alguma. Eu os conheci mediante alguns amigos diplomatas. E, a partir de então, aumentou minha importância. Logo vi que até minhas opiniões eram “importantes”. Até as burrices mais bem acabadas que eu dizia, quando tinha um pouco mais de álcool no corpo, começaram a ter “importância”. A importância e a consideração que me atribuíam não estavam depositadas nem em minha inteligência, nem em meu juízo crítico, pois fazia tempo que não utilizava nenhuma destas duas funções. Estava claramente ligada ao cargo que desempenhava e que continuaria desempenhando sempre que obedecesse ao vazio de minha importância.

Não vale a pena que relate minha história em meio a todas as intrigas de então. Cito unicamente os fatos que têm relação com meu amigo e suas ideias. Porém, o que pude observar nos políticos, diplomatas e espões com quem alternava daria lugar a uma bela comédia humorística, não fosse pelas trágicas consequências que trazem consigo a atividade desta fauna e flora de nossa cultura. Observo que estou escrevendo com certo rancor e não o oculto. E se meu amigo pudesse ler isso agora, seguramente diria algo assim:

– Não aprendeste a perdoar. Ainda dormes. Tua flora e tua fauna não podem deter ou mutilar a vida.

Ao escrever isso, demonstro quanta saudade sinto por ele, quanto me dá pena não estar a seu lado agora. Porém, voltemos ao relato.

Uma noite, convidou-me para jantar com ele. Minha confiança não havia diminuído. Conversamos longamente e com grande jovialidade. Contei-lhe minhas observações e ele sorriu carinhosa e compreensivelmente, como significando: “Os pobrezinhos não têm culpa”. Depois de jantar fomos juntos ao meu apartamento que contrastava muito com aquela sensível peça de pensão na qual havia vivido tantos anos antes de chegar a ser “importante”. Ele olhou tudo em silêncio. Recordando essa noite, vejo quão inconveniente foi minha conduta. Comecei por mostrar-lhe orgulhosamente todos os meus bens, os títulos de ações, a roupa, um simpático bar em miniatura, minha sala de esportes com um saco de pancadas, o *punching-ball*, as luvas de boxe e os palanques de ferro, minha bela bicicleta italiana. Quando terminei minha exibição, disse-lhe, com tom orgulhoso:

– O que te parece?

– Perfeito – respondeu-me. – Pouco te falta para ser um cretino completo. Não me refiro a isto, à comodidade, senão à tua atitude ante todo este bem-estar e o dano que tu mesmo te estás fazendo.

Não te entendo – disse-lhe. – Ganho bastante dinheiro, vivo bem e desfruto a vida.

– A que preço?

– Não acho tão terrível – protestei. – Não sejas invejoso. Só te falta censurar os vestígios de mulher que encontrei.

– Quisera fossem os vestígios de mulher o único decente aonde tu vais caindo. Porém, é tua vida. Vive-a como te der vontade.

Senti um vago temor ao ouvi-lo dizer essas palavras. Guardamos silêncio um momento. Logo, senti um desejo veemente de confessar-lhe tudo quanto me torturava.

– Necessito de tua ajuda – disse-lhe.

– Escuto-te.

Expliquei-lhe todas as coisas que se haviam convertido em um pavoroso dilema em mim mesmo, aquele infernal círculo de mentiras em que havia caído. Escutou com grande atenção, fez-me algumas perguntas para que aclarasse certos pontos que não queria expor abertamente.

Refletiu um instante quando eu dei por terminado.

– Que me dizes? – perguntei.

– Que queres que te diga?

– O que devo fazer.

– Corta pela raiz, rompe com tudo. Deixa tudo isto e começa de novo.

– Mas estás louco?

– Não, o louco és tu. Olha aonde chegaste.

E, dirigindo-se ao toailete, sacou do closet um frasco que continha tabletes de um estimulante com o qual devia ativar diariamente meu sistema nervoso para poder suportar semelhante trem de vida.

Quando o vi com o frasco na mão, dei-me conta de muitas coisas, de seu enorme poder de observação, de sua real bondade e do carinho que me proferia. Porém, eu sentia que as coisas haviam ido muito longe para mudar. Baixei a cabeça em silêncio.

– Menos mal que te reste um pouco de vergonha – me disse. Aproveita e retoma o fio da tua vida antes que termine por completo. Dentro de pouco tempo passarás deste estimulante para as drogas. E quando sentires a necessidade de fugir da baixeza em que vives, o saco de pancadas e tuas luvas de boxe desaparecerão e colocarás quadros pornográficos em seu lugar. Agora te pode ajudar esse amor que há em tua vida, porém, se não compreendes, se não te aferras a ele com todas tuas forças, se segues cedendo à tentação desta forma, perderás o amor e buscarás a orgia.

– Bem sabes que não posso deixar meu trabalho. Sabes do que se trata. Sabes o que é a Guerra.

– Problema teu. Perguntou-me o que devias fazer e estou te respondendo. Não tenho mais nada a te dizer.

Então, foi quando cometi um lamentável erro:

– Escuta – disse-lhe. Tu és mais inteligente do que eu. Eu te darei a metade do que tenho e tudo quanto ganho se me ajudares a sair dessa situação.

Olhou-me em silêncio, sem dizer uma só palavra. Dei-me conta demasiadamente tarde da forma como o havia ferido. Vi como seus olhos encheram-se de lágrimas. Afastou-se, tomado por uma singular tristeza e, quando estava na porta, disse:

– Trinta moedas de prata...

Senti desejos de pedir-lhe perdão, porém, algo me conteve. Acerquei-me do bar e enquanto me servia de um copo de uísque, recordei aquela outra cena silenciosa que parecia haver ocorrido em um passado já demasiado longe, aquela vez em que, na igreja, eu havia exclamado “merda” e ele havia respondido “amém”. Bebi o uísque de uma só vez, olhei os tabletes de estimulante que ele havia deixado sobre a mesa do bar, e disse a mim mesmo em voz alta:

– Que se vá ao demônio!

Tomei uísque até me embebedar.

## 8

Passou-se o tempo.

De imediato, a máquina na qual eu estava envolvido começou a funcionar de outra maneira, mais intensamente. Acercávamo-nos do final da Guerra. Tudo era mais desesperado. Troquei de cidade, fui para outro país, onde deveria continuar o que havia começado e do que não poderia me evadir. Lembrava do meu amigo só de

tarde em tarde.

Cada dia me causava mais assombro a facilidade com que mentia e enganava, e a facilidade com que todos pareciam crer em minhas mentiras e em meus enganos.

Uma noite em que havia bebido mais que o necessário para esquecer minhas sujeiras, encontrei meu amigo.

Olhou-me em silêncio e, sem dar-me tempo para expressar minha alegria, disse-me:

– Reflete um pouco. Não busques sofrimentos que não necessitas.

Sabia que não poderia mentir para ele. Pedi-lhe que não me deixasse e ele me anunciou que iria permanecer um tempo nessa cidade e que, provavelmente, nos veríamos dentro de pouco tempo.

Foi muito pouco o que conversamos nessa noite. Não deixou de me intrigar isso de que eu estava buscando sofrimentos que não necessitava. Porém, como de costume, pensei que seria uma nova extravagância de sua parte. Em troca, gostei muito de haver-lhe demonstrado uma maior hospitalidade e no geral de corresponder à sua devoção de amigo de uma maneira mais tangível. Quando lhe ofereci hospedagem em minha casa, recusou cortesmente, informando-me que em sua viagem havia sido convidado por outros amigos com quem havia se comprometido hospedar-se, porém, nos veríamos em seguida.

Em nossa próxima entrevista perguntei-lhe se havia lido minhas crônicas e ele respondeu que sim, e que havia recortado uma para conservá-la. Isto me chamou poderosamente a atenção. Esperava que houvesse dito algo como: “Não leio propaganda política” etc. Porém, que ele houvesse recortado uma de minhas crônicas foi, por certo, uma verdadeira novidade. Perguntei-lhe qual crônica era. Tirou-a de sua carteira.

Esperava que se tratasse de alguma dessas especulações cheias de complexidades, que apresentasse um quadro internacional, citando magnatas de banco e líderes de trabalhadores etc. Porém, o que meu amigo havia recortado era muito diferente: um comentário sobre certas canções guaranis em que registrava minhas próprias impressões.

– É muito interessante o que tens observado nessa música – disse-me.

Corresponde fielmente a um tesouro de sabedoria que o guarani ainda sente, mas que já deixou de compreender, abrumado pela cultura ocidental. Encontro nela o mesmo que em todo folclore do continente: um fio escondido no tempo. Lê esta obrinha iucateca e verás o mesmo conteúdo, ainda que de forma distinta.

E me obsequiou um livrinho que ainda conservo.

Disse-me que essa crônica era o que havia induzido a buscar-me novamente, e complementou:

– Tu não imaginas o bem que tu mesmo fizeste a ti ao escutar essa música com tanta atenção. Vibrará sempre em ti.

Sorri com não pouca suficiência e, à minha vez, respondi:

– Homem... Se quiseres música guarani, em casa a tenho em abundância.

Também tenho duas formosas canções maias, e muitos discos de música inca.

Relatei-lhe em detalhes como havia, aos poucos, formado essa coleção e até mencionei o investimento que havia gastado nela. Escutou-me, satisfeito.

– O guarani tem uma riquíssima expressão que significa que tudo quanto o homem diz em palavras, em linguagem humana, é uma porção da substância da alma; verás que este conceito é similar a uma das santas verdades do cristianismo, quando afirma que da riqueza do coração a boca fala. E há quem também tenha dito que o homem só pode expressar o que é. Enfim...

À noite seguinte, jantamos em minha casa e nos fartamos de música guarani. Porém, eu estava agitado e nervoso devido aos acontecimentos do dia e teria preferido discutir com ele meus problemas pessoais. Escutou a música com deleite. Eu bebia uísque. A música era, por certo, atraente, porém, eu tinha a cabeça cheia de muitas preocupações em consequência da minha vida em meio a tanta intriga. Já minha situação se fazia demasiadamente densa e parecia não ter uma só saída por onde fugir. Nesse instante, notei a calma de meu amigo, a incalculável paz que havia nele, sobretudo sua segurança, sua circunspeção.

Quando se pôs de pé, pouco antes de ir embora, disse-me:

– O guarani tem feito mais ou menos o mesmo que estás fazendo com este copo de uísque; eles bebem cachaça. Não é de todo desagradável, porém, bebê-la para fugir de si mesmo é o mais ignorante que um homem pode fazer. Os guaranis têm caído na mesma rede de sonolência que tu tens caído. Essa música que acabamos de ouvir é a voz de sua alma captada por um homem que ainda quer despertar aos seus. A Voz da Vida ainda vibra neles, porém, eles têm se deixado hipnotizar não só pelo álcool, senão pelo enciclopedismo ocidental, que é o veneno que consome os nossos povos.

– Não creio que tenha morrido nada no guarani – disse-lhe. – Sua virilidade é coisa bastante clara. Creio que o guarani é o homem mais valente que já conheci, eu o vi na guerra. E, a propósito, foi durante a guerra que conheci sua música e a encontro tão bela e expressiva como a música do altiplano.

– Sim, ambas são genuínos chamados da alma destas terras, mas as formas são diferentes porque correspondem a distintas latitudes. Ambas são músicas essencialmente místicas. A de origem inca segue o ritmo do movimento dos corpos celestes e não pode ser de outra maneira, é música que abarca, em seu compasso e em sua melodia, tudo quanto a nossa alma já sabe acerca do sistema solar e das incógnitas que a Via-Láctea e as Plêiades apresentam. Há mais de 3 mil metros de altura, tendo um firmamento estrelado por todo o panorama, o homem dos Andes tem, forçosamente, de sentir em termos grandiosos. Se seu pensamento estivesse na mesma altura que seu sentimento, a raça não teria se degenerado. Esta degeneração começou muitíssimo antes da conquista, e, ainda assim, sua degeneração é proporcionalmente menor que a ocidental em relação ao cristianismo. Isto pode ser observado nos escritos que sobreviveram à catequização do Império. A alma dessas raças ainda conserva a suficiente força espiritual, mas, por desgraça, não sabem atualizá-la e a tem escondido nas profundezas das práticas católicas. Quanto ao guarani, a natureza semitropical em que vive lhe dá outro ritmo, outra forma, outro sentimento, porém, em essência, diz a ele o mesmo no que se refere à espiritualidade. Acontece que muito poucos homens entendem a realidade da vida através dos sentimentos, das emoções, e isso tem produzido uma civilização de esquizofrênicos. O que se tem dado chamar de subconsciente não são senão funções correlativas que podem operar harmonicamente com a mente, com o pensamento. Por isso te digo que se todo esse tesouro artístico, se essa expressão emocional fosse compreendida intelectualmente, as raças de nosso continente compreenderiam seu verdadeiro destino. Porém, já existem alguns que trabalham para dar luz a esse entendimento. Neste momento esses homens são como João Batista – uma voz que clama no deserto.

– Pelo que me dizes, pareceria conveniente reviver as religiões e os mitos das raças autóctones – disse-lhe.

– Não, isso seria ignorância. Nesse sentido nada há que reviver porque nada está morto. Não podemos voltar às formas do passado, só podemos compreender o

Princípio Eterno que anima todas as formas. Há que compreender, não há que desagregar nem dividir. E esta é uma tarefa para cada indivíduo.

– Calcula-se que na América do Sul haja 10 milhões de índios. Um homem audaz que conhecesse seus idiomas poderia organizá-los, conduzi-los. Seria interessante.

Olhou-me compassivamente.

– Já te mostro – disse. Aí, em ti mesmo, tens a esquizofrenia ocidental. Tu te saturaste de violência a tal extremo que não podes medir a vida senão em termos de destruição e morte.

Passaram-se vinte dias sem que voltássemos a nos encontrar. Por essa época os assuntos da minha vida estavam se complicando de maneira incrível. A máquina atrapalhava-me implacavelmente e eu me sentia como um passarinho hipnotizado por uma serpente que sabe que vai morrer, que tem de fugir, mas que não consegue fazê-lo. Quando voltei a ver meu amigo, confiei-lhe os fatos.

– Já é demasiado tarde – disse-me. gora tens de seguir o movimento da máquina até onde te leve. Não podes fugir. Observa...

E, conduzindo-me a uma janela que dava para a rua, mostrou-me dois homens que tratavam de disfarçar suas presenças.

– Quem são? – perguntei.

– Estás tão cheio de soberba que não te dás conta das coisas. A mentira tem te atrapalhado. São policiais que te seguem há vários dias.

Senti um golpe no coração. Não me acovardo facilmente e, se bem conheço o medo, também sei que a coragem é justamente dominá-lo o mais intensamente que possamos. Porém, algo em mim tremia horrorizado ante a crua realidade dos fatos que chegavam ao fim. Olhei meu amigo, esperando que dissesse algo, porém, só comentou:

– Deverias sentir-te intimamente agradecido que se te apresente esta saída. No geral, para o tipo de intriga em que embarcaste, a saída é o suicídio ou... um acidente na rua.

Não fiz maiores comentários. Conhecia-me o suficientemente bem para saber que não iria me suicidar. E quanto ao acidente na rua, deixava-me gelado. Sabia bem que eu representava um perigo para muitos e que muitos veriam com agrado meu desaparecimento. Porém, eu havia antecipado essa possibilidade e havia feito saber a todos eles que levava um diário onde havia anotado coisas que o mundo político e diplomático chamam de “muito interessantes”. Havia várias cópias deste diário, algumas delas no estrangeiro, e outras em um banco.

Contei estas coisas ao meu amigo.

– Um rato encurralado sempre tem talento – disse.

Voltei-me até ele com violência e tinha o punho em alto para golpeá-lo, mas seu olhar paralisou-me. Ainda hoje não poderia explicar-me como ocorreu isto. Não moveu um dedo, não fez um só gesto. Unicamente olhou-me e eu fiquei desarmado por dentro e por fora.

– Estás tão podre que perdeste a integridade – disse. Como estás mudado! Certa vez, me revelaste a forma como rezavas tuas orações na igreja. Tu o recordas? Por ignorantes e infantis que tenham sido essas palavras, ao menos tua integridade e tua honradez eram de valor. Agora... Observa-te.

A lembrança daqueles dias tão remotos em minha memória, ao vê-los surgir ante mim nessa situação, nessas condições, sacudiu-me. Sem poder evitar, comecei a chorar como um menino. Nesse momento me dei conta de quanto amava meu amigo, do quanto ele representava para mim. Foi a outro cômodo, enquanto eu deixava correr meu pranto em um rincão. Quando me recompus, fui buscá-lo e o encontrei de joelhos e com os braços em cruz, e olhando para o firmamento através da janela aberta.

Sem demonstrar o menor constrangimento, pôs-se de pé e, olhando-me, disse:  
– O pranto é um bom purgante, purifica o sangue.

Dirigiu-se ao banheiro e o vi lavar o rosto com água fria.

Ele também havia chorado.

Durante esse inverno a situação do país se encrespou sobremaneira. Estava muito estreitamente ligada à Guerra. Porém, foi na primavera quando os acontecimentos assumiram proporções sangrentas e ocorreu uma série de coisas que determinaram que eu, finalmente, fosse detido pela polícia e levado à prisão.

Conveniente seria registrar algumas observações feitas por meu amigo e que têm relação com os fatos de então, apesar de que afirmava que nenhuma dessas coisas que ocorriam eram novas.

Dei-me conta claramente da crescente força que o possível ditador<sup>8</sup> deste país ia ganhando, estava fazendo uma comédia para explorar os sentimentos das massas que lhe seguiam cegamente em virtude de uns quantos benefícios circunstanciais que haviam recebido. Minhas crônicas destacavam esse fato, mas meus chefes protestavam e me acusavam de ser partidário do homem. Houve violências. Queriam uma oposição mais ativa em meus escritos e não pareciam capazes de compreender a necessidade de dizer a verdade e encarar a realidade óbvia que estávamos presenciando. Quando comentei esses fatos com meu amigo, disse-me:

– A única coisa que realmente tem importância em todo este enredo é que a Serpente Emplumada já quer voar, porém, tem as patas atreladas à terra.

– Por favor, não me contestes com enigmas.

– Não há enigma algum nisto. Se em vez de perderes teu tempo em coisas supérfluas, tivesses tomado o fio de algumas indicações que a ti tenho feito de vez em quando, haverias estudado algo transcendental, e compreenderias o enorme significado que para ti tem a Serpente Emplumada.

– Tudo isso está muito bom – respondi-lhe. Porém, não explica a razão do porquê meus chefes serem tão obtusos que não querem ver a realidade da situação neste país.

– É que eles são serpentes sem asas e sem plumas.

– Seguramente poderias me dizer coisas de forma mais clara.

– Não quero dizer de forma mais clara. A verdade é sempre amarga para o adormecido, porque lhe tira de seu letárgico estado.

– Faz anos que vens me dizendo o mesmo e ainda não entendo.

– Porque ainda dormes.

À medida que avançou esse inverno, minhas crônicas começaram a atrair vários personagens de outros países. A situação geral parecia incerta. Outros países recebiam informações contraditórias. Porém, um acontecimento sobre o qual

<sup>8</sup> O autor refere-se a Juan Domingo Perón, presidente da Argentina de 1946 a 1955 e de 1976 a 1977. (Nota GnosisOnline)

informei em detalhes determinou uma nova forma de relações com políticos e diplomatas que chegavam em posse de informes corretos. O ocorrido foi que o suposto ditador, seguindo o atinado conselho de seu chefe de polícia, fez uma batida de quantos opositores destacados havia, incluindo médicos, diretores de grandes jornais, advogados de renome internacional etc., todos os que dirigiam o movimento de liberdade de pensamento e outra série de liberdades que meu amigo classificava, resumindo-as, como “a liberdade de sonhar acordado”. Sobre os chefes políticos, meu amigo disse que se tratava de uma coleção de Pilatos que não podiam ser outra coisa, salvo nos casos em que na comédia humana trocavam de papel e eram Herodes, que, em mais de uma oportunidade, se haviam visto obrigados a encarar as vaidades de distintos tipos de Salomé, e degolar mais de um honrado Batista.

Os fatos confirmaram mais que suficientemente as palavras de meu amigo. Mas, a fim de equilibrar a situação, citarei a opinião dele sobre o ditador e os seus:

– Esses são os que mais e melhor dormem – dizia. Sonham que dominam as massas e não têm a suficiente perspicácia para perceber que gritam “Hosana!” com a mesma facilidade com que gritam “Crucifiquem-no!”

Porém, é conhecido de todos como o fim da guerra confirmou tudo isso.

O fato foi que os líderes democráticos esperaram pacientemente na cadeia que as massas saíssem para resgatá-los, porém, ninguém moveu um dedo a seu favor. Antes melhor, todos aplaudiram o ditador, cheios de euforia, por atrever-se a tocar nos intocáveis. Esse acontecimento transtornou a compreensão política e diplomática de todos.

Era óbvio que esse ditador, como quase todos, conhecia intuitivamente as paixões das massas e as explorava bem. A oposição caiu destruída. Porém, ainda assim, poucos se deram conta da verdade. Houve muitos editoriais, muitos protestos, porém, foi gritaria e nada mais que gritaria.

Minhas crônicas, que até certo ponto refletiam as opiniões de meu amigo, começaram a chamar a atenção e atraíram os homens que já indiquei. Um dia chegou um e lhe informei em detalhes. Este enviado confidencial, não obstante, enviou a seu governo um informe de várias páginas para concluir dizendo que era conveniente postergar uma decisão, que tudo era ainda incerto. Quando regressou, dois meses depois, voltou a informar aos seus que ainda havia necessidade de postergar qualquer decisão.

Isso me irritou.

– Por que você engana o seu governo? – perguntei-lhe.

O homem nem se sentiu incomodado, nem ofendido. Olhou-me muito compassivo e me disse:

– Eu também vejo a situação como você a vê. Porém, ocorre que nós também estamos à vésperas de eleições e ainda não se aclarou nossa situação e, todavia, não sei que postura vou adotar. Fulano de tal – e citou o nome de um governante – não tem nenhuma simpatia por sicrano – o nome do ditador –, e tem, em troca, muitas possibilidades de ser o próximo presidente do meu país. Como ele ocupa uma situação destacada, envio-lhe cópia do informe, a fim de que, como provável governante, conheça com antecedência os fatos. Um informe conclusivo, como são suas crônicas, unicamente serviria para que ele esquecesse meus serviços. Em troca, com vários informes, preparo a possibilidade de que me indiquem à embaixada deste país. Você, amigo, seria um péssimo diplomata.

Esse foi um caso. Houve outros. O diretamente oposto ao anterior foi o do enviado de um país cuja situação era similar à que eu observava. Deu-se pressa em fazer contato com os homens do ditador, não ocultou suas simpatias por ele e

ofereceu comprar-me todo o material que eu havia acumulado. Absorveu como esponja tudo quanto lhe disse. E, em base a isso, emitiu um informe, do qual me proporcionou uma cópia, cheio das afirmações mais fantásticas que já li em toda a minha carreira. Eu mesmo havia mentido descaradamente para falar a “meus leitores”. Porém, o informe deste diplomata sobrepassava toda a fantasia e a realidade juntas. Parecia um conto das Mil e Uma Noites.

Em seguida, fez-me uma série de proposições de índole comercial. Não era a primeira vez que me encontrava com pessoas que ocultavam os fatos para especular com eles.

– Pensas que alguém de seu governo acreditará nisso? – disse a ele.

– Não se preocupe com isso, amigo – respondeu. (Era um homem simpático e agradável, sem-vergonha até à saciedade; porém, não podia eu condená-lo. Ambos estávamos presos em uma máquina).

Meu assombro foi grande quando me dei conta de que seu governo havia aceitado seu informe e estava atuando em base a ele. Não pude nunca me explicar como os homens que parecem ser hábeis nos assuntos de Estado podem ter as guardas tão abertas como qualquer ingênuo.

Esse enviado confidencial, antes de regressar à sua pátria, ofereceu-me uma carteira finíssima cheia de cheques, e quando eu quis, debilmente, recusá-la, disse:

– De modo algum, querido amigo. Tens-me ajudado em um magnífico negócio.

Mais tarde soube que o negócio era um forte contrabando de matérias-primas muito escassas para a indústria devido à Guerra.

Relatei todos esses fatos a meu amigo.

– Essa é a malandragem mais antiga do mundo – disse. Eles não têm culpa. São irresponsáveis. Porém, preocupa-te em não seguir prejudicando a Serpente Emplumada. Recorda que não podes servir a dois senhores.

Novamente, voltei a ignorar seu prudente conselho.

Os acontecimentos tomavam velocidade. A polícia me vigiava cada vez mais estreitamente e, com esperança de salvar-me de alguma forma, comecei a participar de muitas conspirações contra o ditador.

## 10

Em meados da primavera, com o bom tempo, desatou-se uma onda de violência por todas as partes, em todo o país. Os estudantes começaram a alvoroçar assustados pelos próceres democráticos que a polícia havia humilhado. Lançavam manifestos, um após o outro, escritos comodamente em um clube elegante. Um dia tive de me entrevistar com eles, sobre a causa de certos acontecimentos em que vários estudantes acabaram presos e feridos. Informe-os dos fatos.

– Que barbaridade! – exclamaram. Aonde vai nos conduzir esse homem?

– Sabem perfeitamente bem – disse-lhes. Devem agir agora.

– Porém, o que podemos fazer?

– Se tiverem medo de ir à rua enfrentar-se com soldados e policiais, ao menos não incitem mais a esses homens.

– É que neles o amor à pátria arde no sangue – disse um banqueiro.

– Vão à merda, maricas!

Exclamei com toda a fúria que me consumia por esses dias. Fui para casa e meu amigo me esperava. Conte-lhe o incidente.

– A Serpente Emplumada quer voar – foi toda sua resposta.

Eu não estava com ânimo para essas coisas. Dei-lhe as costas e dirigi-me para casa. Quando me acalmei, encontrei-o repassando o caderno em que eu apontava seus comentários e observações. Estava corrigindo algumas coisas.

– És um bom jornalista e tens boa memória – falou. Cometeste poucos erros.

De cada coisa notável de meu amigo, havia não só anotado suas palavras, como havia descrito a cena com luxo de detalhes, nomes, lugares, fatos etc. Pediu-me que destruísse toda referência pessoal, tudo o que fosse um lugar, um fato, um nome. Deixei somente os fatos que podiam retratar a ele e, dessas notas, saiu este relato.

Muitos dos espões e agentes secretos com quem eu havia tido contato haviam fugido a tempo. Os inimigos desses agentes, a serviço de outro país, começaram também a me vigiar mais de perto. Já não havia dúvida de que meu jogo estava descoberto. Um dia soube que alguns espões que me conheciam estavam presos. Como de costume, confiei tudo a meu amigo e ele disse:

– Os que estão presos te delataram, e os que fugiram têm falado em outros países. E estes outros estão te usando.

– O que devo fazer? – perguntei-lhe.

– Recupera tua honrabilidade. Ou entrega-te arbitrariamente e conta toda a verdade, ou segue até o fim e que venha o que vier.

– Seguirei até o fim – disse-lhe, com esperança de que ocorresse algo a meu favor.

Começava a sentir certa repugnância por mim mesmo, e confessei isso a meu amigo.

– É natural – disse. O sonho converte-se em pesadelo porque já se dissipa o efeito das drogas psíquicas que tens tomado durante todo esse tempo. Mas não te desesperes. Algum dia descobrirás o enorme segredo da confissão e seu valor, e então saberás que a Serpente Emplumada pode voar.

Foi por esses dias que descobri que meu amigo era um ator consumado, que podia modificar sua aparência quase à vontade e que podia se transformar em quem quisesse. O incidente que me permitiu essa nova descoberta começou certa noite em que alguns políticos com quem eu estava em estreito contato na conspiração me chamaram com grave urgência. Indicaram-me um lugar longe do centro da cidade. Quando eu saía de minha casa, agitado ante o tom de urgência com que me haviam chamado, encontrei meu amigo:

– Ocorre algo grave. Fulano está me chamando. Acompanhe-me – pedi a ele.

O problema era que um dos conspiradores, diretor de um jornal de contestação e que tinha nessa época uma circulação bastante notável, havia recebido uma advertência confidencial. Nessa mesma noite iam detê-lo e encarcerá-lo. Ele não duvidou da veracidade do aviso. Um policial lhe havia dito que iria tomar parte ativa no assunto. Este policial devia certos favores de gratidão ao diretor e, além do mais, estava sendo pago pelo grupo conspirador. O problema era ajudar o diretor a fugir e pensávamos que sua fuga poderia ser utilizada com fins de propaganda. De imediato era que o fizéssemos desaparecer antes que a polícia o capturasse. Discutíamos vários planos quando meu amigo interveio.

– Pode apelar para o direito de asilo – disse.

Foi uma indicação valiosa. Corri ao telefone e chamei a um amigo diplomata. Estava a ponto de dizer-lhe nosso propósito quando meu amigo tapou minha boca e advertiu:

– Diga-lhe que irá imediatamente até sua embaixada, e que deixe a porta aberta, porque chegarás de automóvel.

Assim o fiz. Este diplomata era um dos que haviam se beneficiado com minhas coisas, de modo que aceitou facilmente.

Sáímos da reunião o diretor, meu amigo e eu. Tomamos um táxi e quando eu estava a ponto de indicar a direção da embaixada, meu amigo deu uma direção completamente oposta. Viajamos durante meia hora, em silêncio. Fizemos uma parada em uma pastelaria noturna. Só quando estávamos sentados a uma mesma deime conta do porquê das precauções de meu amigo. A polícia nos seguira. Eram agentes que não conseguiam dissimular sua condição. Vi como um deles telefonava. Meu amigo também o viu e disse:

– Não se atrevem a agir sozinhos. Estão pedindo ajuda. Agora utilizaremos um truque muito antigo.

Dizendo isso, pôs-se de pé e saiu discretamente. Nós o seguimos. Em um banheiro público trocou de roupa com o diretor. Ambos eram mais ou menos da mesma altura. Fizemos logo uma saída deliberadamente suspeita, um por um, enquanto os agentes de polícia nos observavam. Reunimo-nos os três na esquina e vimos os dois agentes se acercarem de nós com péssimo fingimento. Quando estavam relativamente perto, meu amigo iniciou uma comédia de forma tão natural que quase cai na gargalhada. Fez uma espalhafatosa despedida, convidando-nos para o dia seguinte em tal lugar, a tal hora.

Eu estava perplexo. Meu amigo havia imitado com perfeição a voz e o acento do diretor do jornal. Até caminhou da mesma maneira. Aproximou-se da calçada, chamou um táxi e partiu. Em poucos minutos vimos como os agentes partiram atrás dele.

O diretor do diário e eu estávamos assombrados. Disse:

– Muito nobre o gesto de seu amigo. Quem ele é?

Eu não respondi. Ao ver a polícia partir atrás dele, invadiu-me um temor muito singular. Estava muito bem informado acerca dos métodos da polícia para ignorar a sorte que lhe esperava se conseguissem apanhá-lo. Comecei a sentir uma ira opressora contra esse jornalista, que agora estava a salvo e livre do perigo de ser torturado pela polícia.

Meu amigo, em troca, não só o maltratariam confundindo-o inicialmente com o diretor, como terminariam se dando conta da verdade dos fatos no dia seguinte quando a embaixada X notificasse o governo sobre o diretor que havia sido exilado. Enquanto pensava todas essas coisas, esse homem que estava comigo falava do modo mais insuportável. Eu não prestava atenção. Porém, alcancei uma frase com que terminou um discurso:

– A luta pela liberdade de imprensa por certo é amarga.

Essa frase caiu sobre mim de tal forma que não pude menos que sentir um desprezo indescritível por todos os conspiradores desse tipo, homens que sempre utilizavam os sentimentos alheios para sair-se livres e logo safar-se com o sacrifício alheio.

– Maricas! – gritei, cheio de raiva.

– Como disse? – perguntou-me, surpreendido.

– Peguei-o pelo colarinho, empurrei-o contra a parede e, voltando sobre ele todo o ódio contido em minha mente, falei:

– Disse que você é um maricas. Digo-lhe agora que você e toda a sua coleção de maricas podem ir à mesma merda com toda a sua liberdade de imprensa. Meu amigo nada tem a ver com essa sujeira. E que eu me arrisque não tem importância, porque estou com vocês unicamente para ver um jeito de salvar a mim mesmo. Eu sou tão sem-vergonha e tão hipócrita como vocês. Só que eu não me engano. E se

agora vou ajudá-lo é porque necessito de você para eu me ajudar. O que devia fazer é quebrar sua cara e entregá-lo à polícia para que eles acabem com você. Preocupa-me meu amigo e não vocês e suas imbecilidades. Vamos, imbecil, lá na embaixada esperam-lhe café, conhaque, cigarros e uma cômoda cama para que sonhe com toda a glória que vou fabricar para você com a crônica que escreverei sobre isto.

O estranho era que, ao mesmo tempo em que raiva, sentia certa compaixão por este homem. Era um daquela legião de iludidos que, nos primeiros tempos da revolução, havia considerado impossível que um aventureiro se assenhoreasse do poder. O que mais me irritava é que havia se enclausurado no sonho de que o povo iria defender o que até então era tradicional nesse país e que ninguém havia ousado tocar. Porém, os fatos já o haviam sacudido. E agora se achava pouco menos que perdido, sem saber o que fazer, a não ser pedir ajuda a quem quisesse dá-la, como meu amigo.

Quando estávamos em um táxi, certifiquei-me de que ninguém nos seguia. De toda forma, para maior segurança, mudamos de táxi várias vezes. Durante essas manobras, começou a dar sinais de medo e quis entabular uma conversação. Disse-lhe bruscamente:

- Cale-se!
- Mas...

Não o deixei continuar. Tomamos o primeiro táxi que passou, e partimos até a embaixada X.

- Tens dinheiro contigo? – perguntei ao diretor.
- Tirou sua carteira e disse:
- Quanto necessitas?
- Tudo isso – respondi e arrebatei-lhe a carteira da mão.
- Vou ficar sem um centavo.

– Porém, com o pelo sem um arranhão e com uma coroa de louros. Pague algo, portanto. Você pode obter dinheiro em qualquer parte. Este dinheiro irá para aqueles rapazes que perderam sua liberdade e talvez até a saúde, à sua custa.

- Você está a favor de Fulano – disse-me, nomeando o ditador.
- Pense o que lhe dê na gana. Já não me importa nada.

Entreguei-o na embaixada. Consultei com os funcionários até que ponto poderia estender-me em meus escritos. Colocamo-nos de acordo e os escrevi ali mesmo. Alegrei-me muito quando o embaixador disse que, conforme o direito internacional, não podia fazer figurar uma entrevista política com o exilado. Senti-me agradecido por isso, ao menos diminuía o caudal de mentiras que escrevia sobre ele. Eu o havia pintado como um herói, como um homem audaz que havia logrado burlar os capangas do ditador.

O embaixador de X, um dos poucos homens sóbrios e sensatos que então havia na diplomacia deste país, sorriu quando lhe mostrei minha crônica.

- Por que não ganha a vida escrevendo novelas policiais? – perguntou-me.

Nesse instante, chegou um moço com café, conhaque, cigarros e sanduíches. Pouco tempo depois chegou o secretário do embaixador com o exilado. Olhou-me com ar de reprovação e me dei conta de que estava inteirado do incidente e do dinheiro. Pediu uma palavra a sós com o embaixador, porém, eu me adiantei:

– Senhor embaixador – falei. Um amigo a quem estimo muito está possivelmente agora nas mãos da polícia para que este homem se salve. Este indivíduo aí é para mim uma notícia e nada mais. No táxi tirei seu dinheiro. Aqui está (e coloquei a carteira sobre a mesa). Não o contei, porém vou ficar com ele, e o uso que lhe darei é coisa minha. Nesta crônica o senhor viu como digo que este

homem, em um gesto final, entregou uma grande soma para ajudar à causa e aos que lutam pela liberdade. Pois vou converter esse gesto em uma verdade literal. Vocês são testemunhas que este homem agora faz uma doação voluntária.

O embaixador estava incomodado e molesto. O secretário, surpreso ante minha audácia. O exilado me olhava boquiaberto. Porém, o mais surpreso entre todos era eu mesmo. Não quero, de forma alguma, justificar-me, denegrindo esses revolucionários de salão, porém, tampouco posso deixar de mencionar que já me produziam um asco insuportável. E que este asco se estendia a mim mesmo. Dava-me conta de que estava pegando um homem caído, um homem que havia colocado sua vida e sua liberdade em minhas mãos. Meus sentimentos eram sumamente contraditórios. Mirei-o ameaçador e, com um tom de voz que jamais havia suspeitado em mim, disse-lhe:

– Bem... O que você diz?

E ele, começando um pouco torpemente, olhou o embaixador e falou-me:

– Compreendo que o inesperado da decisão de seu amigo o tenha alterado.

Portanto, logo desculpo-lhe a maneira como me tratou. Você é um ser nobre que está tratando de ocultar sua nobreza. Disponha desse dinheiro e permita-me agradecer-lhe por tudo.

Estendeu-me a mão. Eu senti tal repugnância que a duras penas consegui dar-lhe a minha. Senti-me sujo por dentro, sujo de coração.

E parece que este falou em mim:

– Disse-lhe que sou tudo menos nobre e desinteressado. Sou tão mentiroso e tão sem-vergonha como você. Ao menos não sejamos hipócritas.

O embaixador interveio nesse instante:

– Se não o conhecesse, pediria que fosse embora neste instante. Você está alterado. Não bebas mais. Quanto a seu amigo, mesmo que o senhor tivesse se entregado voluntariamente à polícia, ninguém poderá ajudá-lo. Eu, por certo, é que não posso fazê-lo sem converter meu governo em um partidário aberto de seus atos. Daremos por encerrado este fato. Oficialmente só sei que o senhor veio pedir asilo e este foi-lhe outorgado. Fora isso, não sei de nada mais.

Trocamos meia dúzia de frases protocolares. O exilado se foi com o secretário. O embaixador fechou a porta e ficamos a sós. Conversamos durante um longo tempo sobre coisas que nada têm a ver com este relato. Quando nos despedimos, ele me disse:

– A única coisa que te peço é que não me converta a embaixada em um hotel. Já temos passado por isso na Espanha e estou um pouco velho para essas coisas.

Nessa noite não pude dormir pensando na sorte do meu amigo. Tratei de contatar um espião que tínhamos na polícia, mas não consegui me contatar com ele. Porém, na manhã seguinte, às primeiras horas, meu amigo apresentou-se em minha casa. Eu estava com os olhos irritados pela falta de sono, pelo excesso de álcool que havia bebido toda a noite. Seu sorriso infundiu-me ânimo, alcei-lhe por cima os braços e estive a ponto de chorar de alegria. Porém, ele me acalmou com seu modo tranquilo:

– Não percas a cabeça.

Preparamos o café. Antes do desjejum, fez-me tomar um comprimido efervescente e aconselhou:

– Não te cairia mal um banho turco. Será interessante ver este gordinho da polícia transpirar junto conosco.

Referia-se a um agente que me seguia os passos.

Contei-lhe todo o ocorrido na noite anterior e esperava que me reprovasse,

porém, a única coisa que disse foi:

– Já começaste a se dar conta de que a liberdade que todos falam é um mito fabricado por eles mesmos e para si mesmos. Começaste a ser sincero contigo mesmo. O que agora sentes como repulsivo é justamente o primeiro sabor da liberdade.

– Mas eu lhe roubei o dinheiro, abusei de sua condição. Tenho bastante dinheiro e, além do mais, deixei o embaixador em situação incômoda.

– Às vezes, sabemos muito de coração, porém, nossa inaptidão mental distorce tudo. Mas não importa. O interessante é que não te ocultaste atrás de alguma frase altissonante para justificar tua violência. E quanto ao embaixador, não te inquietes. Ele te tem visto como eu te vejo. É um dos nossos.

– Quem são os nossos? De quem se trata? – perguntei.

– Já os irás reconhecendo com o tempo. Quem tem olhos para ver reconhece sempre os seus. Por outro lado, esse dinheiro te fará falta.

## 11

Creio que meu amigo podia adivinhar o porvir. Nenhum de seus prognósticos havia falhado até então. Este tampouco. Enquanto corria a notícia do que eu havia feito, isso de haver ajudado o diretor a fugir, minha vida sofreu outro baque inesperado. A parte obscura de minha conduta, naturalmente, ficou em silêncio. Os distúrbios na cidade aumentaram. Os estudantes agitavam-se com uma greve após outra. Um dia, chegaram dois em minha casa. Meu amigo me ajudou a fazê-los fugir a um país vizinho. Tomou o dinheiro que eu havia tirado do diretor (que já estava escrevendo seus heroísmos no estrangeiro e sua fantasia superava muito a minha) e o distribuiu entre ambos. Fiquei muito espantado ao ver-lhe fazer-se responsável por toda a situação e ao ouvi-lo dizer que eu agora deveria me dedicar a despistar a polícia para ele ficar com as mãos livres para essa tarefa.

Deveríamos, de imediato, alugar um apartamento em outra parte da cidade. Durante várias semanas nós dois brincamos de “Pimpinela Escarlata”. Meu dinheiro esgotou-se rapidamente. O combustível estava racionado, porém, meu amigo se esforçava para obter cupons. Utilizávamos automóveis diplomáticos e fiscais para nosso empreendimento. Quando vi que o dinheiro se esgotava, comecei a obtê-lo mediante ameaças aos senhores do aristocrático clube de onde ainda planejavam a maneira de dar “apoio moral” a estes estudantes. Os espões com quem ainda mantinha relações somaram-se ao nosso empreendimento e contribuíram também com dinheiro. Meu amigo assumiu a direção efetiva e real de todo o sistema que foi sendo velozmente montado. Tinha um modo muito discreto de fazer as coisas, para que ninguém houvesse pensado que os planos os elaboravam ele.

Por minha parte, eu estava com os nervos desfeitos. Meu amigo se limitava a me observar. Aumentei as doses de estimulantes para me manter desperto e ativo. De dia, tinha de desempenhar minha função de jornalista como se nada de anormal ocorresse. À noite, tinha de ajudar meu amigo. Aprendi muitas coisas levado pela necessidade. Um dia, em uma hora tranquila que tivemos para conversar, contei a meu amigo o quão mal me sentia por dentro, quanto asco me produzia já esta vida de enganos, mentiras e sobressaltos. Ele limitou-se a sorrir.

Poucos dias depois, chegou a hora da desilusão.

Uma manhã, era no fim do verão, chegou uma batida policial em minha casa.

Um deles – enquanto os outros revisavam minhas gavetas, cortavam o telefone e cumpriam seus preparativos para me prender – preparou o desjejum para todos. Eles foram muito amáveis, muito gentis. Apenas um estava sentado em um sofá com uma automática na mão. O extraordinário é que ante tudo isto, comecei a me sentir tranquilo, sereno. E disse a este policial armado:

– Amigo, guarde sua pistola. Asseguro-lhe que estou demasiadamente cansado para resistir ou sequer tratar de fugir.

Minha casa ficou a cargo da polícia. Fui parar em uma delegacia onde me submeteram aos interrogatórios mais absurdos possíveis. A julgar pela maneira como me faziam as perguntas, e a julgar pelas próprias perguntas, parecia que eles necessitavam construir um caso tão sensacional que servisse de base para algo igualmente sensacional. Estiveram a ponto de me persuadir que eu era o ser mais perigoso que poderia existir. Porém, eu já não tinha resistência alguma, nem interna, nem externa. Pela falta do estimulante, meu sistema nervoso repousava. Eu dizia sim a tudo, e não me dava o incômodo negar nada. Os cargos eram tão fantásticos que eu assinava uma declaração atrás da outra sem sequer lê-las.

## 12

Assim terminou minha vida. Minha carreira também. Esperava ver-me envolto em algumas daquelas crônicas escandalosas similares às que eu mesmo havia escrito muitas vezes. E ri de mim mesmo. Pensei que seria justo servir de tema alguma vez e não me preocupava em absoluto o que bem sabia que diriam de meus diários, nem o que pensariam meus companheiros. Nada me importava, nem um pouco. Só queria descansar.

Porém, a polícia se encarregou de deter o escândalo a tempo. Por meu amigo, algum tempo depois, soube que haviam ordenado que os diários dissessem que eu não estava detido e que possivelmente estava de férias em algum lugar. O verdadeiro motivo dessa decisão somente eu a conhecia, porém esse assunto é tão turvo que não corresponde a este relato e neste assunto não interveio meu amigo para nada.

Durante os primeiros dias de isolamento em uma cela, tratei de recordar muitas das coisas que meu amigo havia dito e eu anotado. Porém, eu não tinha meu livreto à mão. Comecei a ver a vida e as coisas humanas de um modo muito curioso, como se estivesse isolado delas. Isso se deveu a que em um momento recordei algo que ele me disse acerca da chave do Sermão da Montanha, de uma chave que estava oculta nas primeiras frases: “E, vendo as pessoas, subiu ao Monte”.

Minhas desilusões e tudo o que havia contribuído para isso, seria isto o “ver as pessoas” de que meu amigo falou? E o que seria “subir ao Monte”? Pensei que o monte seria algo assim como a tranquilidade interior que me invadia ao recordar meu amigo, uma tranquilidade como se soubesse que ele daria todas as respostas a todas as perguntas que eu começava a me formular. Por certo, neste isolamento pude ver a revolução, minha carreira, meus anos de juventude, de um modo bem diferente. Deixei-me conta de quão ignorante, quão inútil havia sido minha agitada existência e que uma vida assim não poderia conduzir a parte alguma, que não tinha sentido.

Não pude explicar a mim o que havia ocorrido com os sentimentos daqueles estudantes que, amedrontados ante o perigo policial, haviam chegado à minha casa em busca de ajuda. Não poderia explicar-me como era possível que agora e voluntariamente estivessem se declarando contra mim no inquérito.

Eventualmente, fui enviado a um cárcere e fiquei em paz.

A primeira visita de meu amigo ocorreu na presença do comissário-interrogador. Perguntei-lhe pelos amigos, e sua resposta foi típica:

– Aqui estou – disse.

– Não estou me referindo a ti, senão a fulano, beltrano, sicrano etc.

Olhou-me compassivamente e, com um tom fictício, contestou:

– Esses? Esses são homens livres. Estão desfrutando de uma formosa sesta.

– Imagino que estejam indo bem.

– O único que está indo verdadeiramente bem é você. Porém, não o entendes ainda.

E, dirigindo-se ao policial interrogador, disse:

– Este homem necessita de descanso. Sobretudo, necessita refletir. Você poderia ajudá-lo? Já que estudaste filosofia, talvez algumas palavras suas lhe sirvam de algo.

Ignoro que conversas prévias havia tido meu amigo com esse policial. O caso é que pareciam ser amigos de confiança. O policial, desanuviando a garganta e em tom de um conferencista que vai elucidar o mistério da vida, começou a falar tal cúmulo de vaidades que tive de disfarçar meu riso acendendo um cigarro. Não me atrevi a olhar meu amigo nos olhos. O discurso terminou mais ou menos da seguinte maneira:

– Nós prestamos um serviço ao Estado para o bem da comunidade. A pátria está acima de tudo. Mas também somos humanos. Você confessou. Tem custado a nós trabalho e dinheiro. Até que as autoridades deliberem sobre seu caso, eu me encarregarei para que passes bem. Os delitos políticos merecem nossa consideração de cavalheiros. Isso é como uma luta de boxe: você perdeu, nós ganhamos. Isso é tudo.

Sua hipocrisia era repugnante. Eu tinha visto alguns dos rostos dos estudantes que haviam acudido com pedido de auxílio à minha casa. E me dei conta de que meu amigo, de algum modo, havia influído sobre esse homem para que se convencesse de suas próprias palavras.

O policial sacou um jogo de xadrez. Pediu café para todos e começou a partida. Durou várias horas e pude me dar conta de que meu amigo fazia um jogo de comédia; simulava esforçar-se para ganhar, porém, perdeu deliberadamente. Ao final, o policial disse:

– É preciso que joguemos outra vez. Quanto me há custado vencer-te!

O homem estava radiante. Durante a partida o havia visto empalidecer por pouco. Ao final, disse muito amavelmente:

– Temos de festejar esta vitória. Rogo-lhe que aceite meu convite a um jantar.

Meu amigo olhou-me antes de responder, porém, o policial continuou:

– Iremos com ele também; mas seria bom que empenhasse sua palavra de honra de que não tratará de fugir.

Meu amigo disse:

– Eu respondo por ele.

A comida da prisão era odiosa, de modo que adorei a ideia de um jantar em um bom restaurante. O policial sacou do armário do escritório a pequena caixa-forte de metal de onde eu sempre tinha uma boa soma em efetivo e que a polícia havia sequestrado “para a investigação”. Eu o vi encher o bolso com um punhado de notas.

Jantamos bem e alegremente, os três. Meu amigo era uma pessoa completamente distinta. Parecia admirar esse policial como um menino admira seu pai. A conversação se entabulou entre o policial e eu. Vendo-lhe tão vaidoso, eu

disse:

– Veja você. Minha carreira como jornalista terminou graças ao senhor. Porém, creio haver descoberto uma possibilidade para o futuro. Conte-me suas perseguições mais interessantes e juntando isso com os antecedentes que eu tenho do serviço secreto, poderia escrever um bom livro de aventuras. Este é um gênero pouco cultivado em nossos países.

– Eu pensarei – respondeu-me, gravemente. Depois de um momento, completou: – Sim, creio que você poderia fazê-lo bem. Tenho lido seus escritos e me agrada seu estilo.

– Obrigado – disse-lhe.

– Como você me descreveria?

– Bem, seria necessário primeiro desfigurar seu nome, não é verdade? Mas fazê-lo de tal forma que se soubesse de quem se trata. Logo, teria de modificar sua descrição física. Estes são detalhes importantes. Creio que seria melhor que você descrevesse o personagem, que tem mais experiência na psicologia da contraespionagem. Eu só conheço a da espionagem e não é muito boa, haja vista que estou preso.

– Parece-me boa ideia. Que pensa você? – perguntou a meu amigo.

Eu me pus a tremer. Qualquer expressão cáustica de sua parte poderia piorar minha situação. Olhei-o com olhos suplicantes. E ele, sem tirar os olhos de mim, contestou:

– Quem ignora sua própria psicologia ignora a dos demais. Isso é óbvio, não é verdade?

– Desde logo, desde logo – disse o policial, olhando muito gravemente o mantel, como se ponderasse algum grave problema filosófico.

Meu amigo continuou:

– Posto que a ignorância de si mesmo faz com que alguém veja sempre distorcida a verdade, que não reste nem sombra dela, creio que há uma diferença notável entre a sua psique e a de meu amigo. Para os fins dessa novela, cujo herói é um agente de contraespionagem, você é o mais indicado para a descrição, porque assim não distorcerá nem um momento sua própria concepção subjetiva. Naturalmente, posso estar equivocado; já veja você que quando o tinha em xeque, você demonstrou fielmente aquela qualidade que acabo de citar. Se me equivoco, rogo-lhe que o diga.

O policial parecia ter subido às nuvens. Seu sorriso era tão grande que tive de fazer um grande esforço para conter meu riso. Ponderou as palavras de meu amigo com uma expressão de tal gravidade que, por um instante, pensei que havia se dado conta de que, em resumo, meu amigo lhe havia dito: “Imbecil”. Porém, meus temores não tinham fundamento. Finalmente, alçando a cabeça como quem houvesse tomado uma gravíssima determinação, ele nos falou:

– Suas observações são sumamente atinadas. Desde logo, você não está equivocado. Minha concepção subjetiva é justamente um dos talentos psicológicos que me tem permitido conseguir um extraordinário triunfo em minha carreira. Como bem disse você, a enorme diferença entre a minha psique e a do senhor (não deixou de me chamar a atenção o “senhor”) me permite justamente uma concepção subjetiva tal que a filiação – perdoem-me vocês a terminologia policial – do herói de serviço de contraespionagem é um capítulo interessante.

Eu o olhava boquiaberto, porém, ele continuou:

– Não estranhe, querido adversário – disse-me. – Eu nasci com um grande talento psicológico. A verdade é que me custou muito persuadir meus superiores para

que adotássemos um método psicológico para nosso serviço. O imperativo categórico faz desnecessários os métodos antigos cheios de brutalidade. A psique é um fator importante na espionagem e na contraespionagem. Você perdeu este *round*, caro amigo, porque você é somente um aficionado nas questões da psique; não devia ter-se afastado de sua profissão de jornalista.

Esse homem se apaixonou rapidamente das palavras “psique” e “subjetivo”. Durante minha prisão pude ouvi-lo muitas vezes explicá-las a seus subordinados.

Meu amigo o manejava a seu capricho; obtinha dele o que queria, porém nunca fez o menor esforço para obter minha liberdade. E quando o reprovei, me disse:

– Estás melhor aqui que lá fora. Ao menos, aqui estás bem acompanhado e até é possível que despertes.

Passaram-se os meses.

Quantas partidas de xadrez meu amigo deve ter jogado com esse homem?

Mas já chegaremos ao final desta história.

Uma tarde, meu amigo chegou ao cárcere e disse:

– Fulano (o da “psique subjetiva”) me falou que te deportarão dentro de duas semanas, ou talvez antes. Ele te tratará bem até então. Eu devo ir-me, mas nos veremos em breve.

Não pude ocultar minhas lágrimas. Óbvio era que ele também o sentia, porém, estava tão protegido por seu sorriso e serenidade que não revelou senão carinho e boa vontade. Foi então que me falou acerca daquelas qualidades indicativas da “promessa de um despertar”.

Fiquei só e amargurado.

Ao cabo de dez dias fui notificado de minha expulsão. Também me informei que minha filiação havia sido enviada a todas as polícias de todos os governos do continente e que vários deles, cada um à sua maneira, havia agregado ou suprimido algo obtido de “fontes reservadas e confidenciais”. Eu bem sabia quem criava essas fontes e os motivos de sua contribuição ao meu *dossier*, porém isto já não tem importância.

Vejo agora tão remota toda essa época que me custa recordar alguns incidentes. A futilidade de alguns homens é uma coisa tão patética em certos casos que talvez a isso se refira meu amigo, quando fala dos homens de barro no escrito que vai em continuação a este.

Porém, ainda falta a última cena ao seu lado e o que ela determinou.

Numa manhã de maio, parti num trem internacional com destino a um país da fronteira, justamente ao país que havia enviado aquele simpático e sem-vergonha agente confidencial que me obsequiou a carteira. Uma hora antes de me levar para o trem, o “imperativo-categórico-da-psique-subjetiva” fez com que eu fosse levado a seu escritório, e em tom solene, disse:

– Jovem, se de mim dependesse, eu o deixaria em liberdade. Eu o teria deixado ir há muito tempo. Mas, uma vez descoberto seu jogo, o espião é coisa inútil senão morta. Isto é o que importa a mim. Pode você refazer sua vida conforme seus desejos. Aqui tem o argumento geral de minhas mais importantes pesquisas de contraespionagem. A você faço figurar como o mais difícil de todos. Naturalmente, tive de exagerar a anotação neste caso, a fim de pôr sua psique à altura da minha. Recomendo-lhe não alterar nada deste capítulo em que exponho minha psique. Tenho-me dissimulado o máximo que tenho podido. Boa sorte, e me escreva o que for produzindo. Estou às suas ordens.

Mudou o tom de voz, voltou a seu escritório, tirou de minha caixa-forte o dinheiro e completou:

– Quanto à sua viagem, a lei lhe permite tirar do país somente tantos pesos. Quando foi detido, havia nesta caixa tantos pesos (sete vezes mais que a lei me permitia levar). Em consideração à simpatia que você despertou, permitirei que leve o dobro do que a lei autoriza. Gastou-se tanto (mais da metade do original) em sua manutenção. De resto, disponha como queira.

Como já nada podia me causar assombro, disse-lhe:

– Seguramente cairá em suas mãos algum outro espião de psique tão baixa como a que eu tenho. Rogo-lhe utilizar a favor dele o que sobre do meu dinheiro, como obséquio de um colega a outro. Quem sabe o outro não disponha de dinheiro.

Entregou-me o dinheiro, o passaporte etc. E sem esperar que eu tivesse ido, tomou o saldo e o meteu em seus bolsos. Despedimo-nos, mas quando estava na porta, voltei-me e lhe disse:

– Irei viajar até a fronteira com um dos seus homens. Qual deles guardará este dinheiro?

Tinha razões fundamentadas para duvidar do altruísmo dos policiais.

Conforme a lei, deve guardá-lo o agente que te acompanhe e entregar-lhe na fronteira. Porém, em seu caso, faremos uma exceção.

E chamou o agente que aguardava na porta com as algemas prontas para pô-las em minhas mãos.

– Este detido vai a seu cargo por ordem do ministro. E leva Z pesos consigo. Isto foi autorizado oficialmente. Os levará ele. Entendido? Além do mais não haverá necessidade que lhe ponha as algemas. Vão como amigos.

– Sim, senhor – respondeu o agente.

Quando saíamos, voltou a chamar o agente e pude ouvir que lhe dizia:

– Seguramente quererá comprar algo especial na viagem. Disponha-lhe.

Era óbvio que lhe havia entregado uma parte dos fundos que eu deixara para futuros espíões desprovidos de uma “psique subjetiva”. O agente saiu radiante, e com a maior das considerações, tomou minha maleta e falou:

– Quando quiser, senhor.

A viagem durou dois dias e uma noite.

### 13

Durante a viagem, repeti a mim mesmo: “E vendo as pessoas”, sem conseguir tirar nada a limpo, salvo uma desilusão completa acerca do gênero humano e de mim mesmo.

Devia ainda viajar cinco dias e atravessar dois países antes de chegar ao ponto onde queria residir e aonde esperava achar trabalho como jornalista.

Ao chegar à fronteira despedi-me do agente. Era um bom rapaz.

Fiquei sozinho na cabine do trem. Pensei em meu amigo. Possuía demasiados dilemas que não sabia como afrontar. Minha reputação estava pelo chão. Seria difícil para mim achar trabalho em um cargo de responsabilidade como o que havia tido. Como muitos, eu havia sido mais uma vítima nessa enorme máquina que é a guerra total. Não contava com amigos além dele. E esperava com fé o momento de vê-lo novamente, pois ele o havia prometido e era seguro que o cumpriria.

Inesperadamente, em uma estação passada a fronteira, subiu ao trem.

– Já aprendeste o bastante? – perguntou-me. Vamos ver se podes tirar proveito dessa lição. É possível que ainda devas sofrer como resultado de tudo o que fizeste.

Porém, não te desesperes. Procura prestar atenção àquele Juiz Interno de que te falei. Se assim fizeres, se não empreenderes nada novo, com o tempo terminará a inércia das coisas que tu mesmo tens posto em movimento.

Isso foi a última coisa que me disse. Entregou-me o livreto de apontamentos das coisas que eu havia anotado, e não voltei a saber mais dele, salvo quando recebi a carta que reproduzo mais adiante e que me pediu que publicasse em parte.

Ao chegar à cidade de onde devia fazer certas gestões para poder seguir viagem, encontrei a mesma situação política que acabava de deixar para trás<sup>9</sup>.

No dia seguinte à minha chegada, recebi a visita daquele agente confidencial, o da carteira.

– Fico feliz que tenhas vindo – falou-me. Aqui podemos utilizar seus serviços.

– Obrigado por se lembrar de mim – contestei. Porém, estou cansado.

E lhe expus minha situação pessoal, minhas obrigações e o sofrimento que já havia causado aos meus.

– Não se preocupe com isso – insistiu. Sua experiência nos será valiosa. Não há nada arriscado. Além do mais, pagaremos bem.

– Reitero minha gratidão, porém, prefiro seguir viagem.

Porém, ele, mudando de tom, disse-me:

– Você não está em condições de rechaçar nosso pedido. Se quiséssemos podíamos detê-lo novamente como suspeito. Você conhece bem nossa situação e lhe asseguro que nós não vamos permitir que amigos diplomáticos o ajudem. Você não tem amigos aqui, tem muito pouco dinheiro e não poderá encontrar trabalho.

– De todo modo – respondi-lhe –, suponho que você não irá se aproveitar da minha situação para me obrigar a fazer algo que não quero fazer.

– A pátria está acima de tudo – contestou.

Não pude conter um sorriso de desprezo.

– Bem sei que aqui as garantias constitucionais estão suspensas, que vocês devem se proteger abaixo de um permanente estado de sítio. Sei que estou em uma situação desmerecida e que dependo de vocês para poder me reintegrar aos meus. Porém, mesmo que seja assim, creia-me também que prefiro que me matem antes de seguir neste trem de farsa e mentiras.

O homem pôs-se lívido. Cruzou-me uma um golpe na cara e eu, que tão só alguns meses antes o teria matado ali mesmo, me senti submisso e não disse nada, nem fiz nada. Algo estranho ocorreu em meu interior, algo que não posso explicar, e, não obstante, não era medo. Era algo muito singular. Ao sorrir, percebi uma grande calma no peito. O homem sentiu-se envergonhado, lançou meia dúzia de ameaças mais e retirou-se. Desde o balcão do hotel o vi sentar-se em um banco na praça pública. Ao cabo de uns momentos, enquanto me recuperava, voltou a se apresentar.

– Desculpe-me – disse-me. Devia ter levado em conta tudo o que você acaba de sofrer. Porém, rogo-lhe que aceite o convite do ministro (*citou um nome*) para almoçar. Talvez, então, mude de opinião.

Não me neguei.

O motivo do almoço era muito simples. Havia uma conspiração em marcha para depor o presidente e colocar o ministro em seu lugar. Para isso era necessário sondar certos ambientes. Expliquei-lhes que profissionalmente estava desacreditado.

– Isso podemos resolver facilmente – respondeu-me.

Nomeou um diário de oposição e deu-me a entender que os proprietários, que

<sup>9</sup> É neste momento que o autor, saindo da Argentina, chega à Bolívia. Lê-se, na página 46 de um Boletim (de 1947) do Ministério das Relações Exteriores argentino o seguinte: “Em 3 de maio do ano 1946, o espião Armando Cosani foi entregue às autoridades militares de Villazón, Bolívia... (Nota GnosisOnline)

também eram donos de grandes interesses na riqueza natural do país, não veriam com maus olhos minhas colaborações.

– Não – disse-lhes. Estou cansado de tudo isso.

– De qualquer maneira, pense por alguns dias. Em meu escritório tenho um *dossier* muito interessante sobre você e sobre suas ideias políticas. Também me dou conta de que você é discreto.

Era uma ameaça que não podia passar despercebida.

Encontrava-me novamente nas redes de uma dessas abomináveis intrigas políticas dos países sul-americanos, uma máquina cheia de mentiras, crimes e extorsões.

Desiludido, pensei, nessa tarde, em suicídio.

## 14

Senti que me afogava. Não podia fugir ainda que quisesse. A polícia me vigiava. Tomei uma estrada e parti para fora da cidade. Pela atitude das pessoas, por sua maneira de falar e por muitas indicações que um observador experiente facilmente aprende a levar em conta, compreendi que qualquer um que iniciasse um movimento contra o presidente atual poderia triunfar. As pessoas também queriam desfrutar da liberdade de trocar de amos. Depois, novamente queriam depor a quem elas mesmas tivessem levado ao poder.

Os anos de mentiras somadas a mais mentiras haviam terminado por fazer-me sentir desprezo não só por mim mesmo, senão a todo o gênero humano. Entretanto, algo se modificava em meu interior e notei que meu desprezo não era tão cáustico nem tão poderoso. Era algo assim como resignação ao ver as pessoas. Repeti a mim mesmo: “E vendo as pessoas”... ponderei sobre isso, porém, meus pensamentos voaram a meu amigo, e logo esqueci o assunto.

Logo assaltou-me o desejo veemente de rezar.

Encontrei uma capela cheia de indígenas. Observei-os e senti carinho por eles. Acerquei-me de um canto e comecei a conversar como antes, com um Cristo Crucificado. relatei-lhe em detalhes tudo o que me ocorria, e terminei dizendo assim:

– A julgar pelos fatos, parece que utilizei muito mal a inteligência que me deste. Por que não me dás uma nova oportunidade? Se te é possível, dá-me outra classe de inteligência, uma que não só me permita sair desse enredo, senão também que me permita viver em paz com meu amigo.

Elevei os olhos ao rosto do Cristo.

Não sei se seria a imaginação atizada pelo desejo, porém, creio que o vi sorrir.

Quando voltei para a cidade, já pela noite, refugiei-me na habitação do hotel.

Sobre o criado-mudo encontrei a mensagem de um ex-diplomata a quem havia conhecido muitos anos antes e que agora ostentava em seu timbre o título de Senador. Liguei para o número que indicava e ele mesmo atendeu. Foi muito amável. Disse-me que se havia inteirado de minha presença pela cidade, que conhecia minhas crônicas nos jornais e que tinha um vivo interesse em conversar comigo. Ofereceu vir ao hotel me buscar.

Senti-me já sem forças para recusar.

Quando estivemos juntos nossa cordialidade era um artifício. O homem estava inteirado de tudo, porém, dissimulava. Um senador não busca um jornalista dessa

maneira só para recordar tempos passados em uma capital amável. Nossa conversa, durante a viagem, foi mais oca do que normal. Ao final, o automóvel de luxo em que íamos se deteve em frente à casa do Governo.

O senador sorriu, como significando:

– Não esperavas, hein?

Jantamos no refeitório presidencial. Eu não tinha apetite. O disparo não chegou até depois, quando o senador, o presidente e eu ficamos a sós em um pequeno salão privado. Tratava-se de uma nova intriga, porém, desta vez tinha de ser de maior envergadura. Devia ir a certo país, ativar ali uma campanha de imprensa dada que permitisse a este presidente unir as forças de seu partido e eventualmente todo o país.

– Se for preciso – me disse –, podemos até mobilizar.

A ideia de uma nova possibilidade de guerra espantou-me. Porém, conservei a calma e decidi contar-lhe minhas observações do dia, entre as pessoas. Durante todo este tempo me perguntava se estariam ou não informados da conspiração que havia no seio de seu próprio gabinete. Passei isto por alto e comecei a explicar que era impopular não por si mesmo quanto porque o povo carecia da necessária educação cívica, o que o convertia em fácil vítima de qualquer exaltado.

Tanto o presidente como o senador falaram de seu profundo amor pela pátria, dos sacrifícios que haviam feito, dos que ainda deveriam fazer e de quão necessário era agora galvanizar a opinião do país, fazendo-o ver o perigo dos inimigos etc. etc.

Não respondi. Senti asco. Quando saí dali do palácio não fui ao hotel em um luxuoso carro, senão a pé.

Passaram os dias e as semanas. Minhas gestões para prosseguir viagem encontravam obstáculos por todos os lados.

Num dia de domingo, eu me lembro bem, começou aquela embriaguez de sangue que durou vários dias. Ouvi os primeiros tiroteios desde o hotel. Depois, houve uma dança macabra e durante ela vi, em meio a uma frenética e delirante turba em sua embriaguez de sangue, o cadáver do presidente, mutilado<sup>10</sup>. Correram rios de sangue. Ninguém estava seguro de nada.

Uma noite encontrei um compatriota. Contou-me que havia aproveitado o tiroteio para fugir do cárcere onde havia estado preso uns meses. O tiroteio podia recomeçar a qualquer momento, de forma que decidimos roubar um automóvel e, juntos, fugimos a todo vapor até a fronteira.

Passou o tempo e encontrei um trabalho humilde.

## 15

Um dia, recebi a anunciada carta de meu amigo, indicando-me a parte que devia publicar juntamente com as demais.

A parte pertinente diz assim:

*A Serpente Emplumada tem de voar; quando souberes o que é o voo da Serpente Emplumada saberás o que tens de fazer; até então... a ti será notório que através dos séculos vibre A Mensagem dos Imortais:*

<sup>10</sup> O autor refere-se a Gualberto Villarroel López, presidente boliviano deposto por uma insurreição popular. O corpo de Villarroel foi dependurado num poste de iluminação na frente do Palácio Quemado, em La Paz. Isso ocorreu no dia 21 de julho de 1946. (Nota GnosisOnline)

*“DESPERTA! CONHECE-TE A TI MESMO!”*

*O misterioso impulso que fixa tua atenção nestes manuscritos não é senão o eco do grito que despertou a essência imortal do teu próprio sangue. E junto com o evocar das forças gloriosas da Vida, também estarás invocando as sinistras forças da Morte.*

*Tanto uma quanto outra são tu mesmo, de modo que não temas.  
Afronta-as, conhece-as, domina-as.  
Teu destino é ser Senhor das duas.*

*E ainda quando a princípio acredites haver perdido O Caminho que leva ao Despertar, jamais estarás só. E teu extravio não passará de um processo com que tua alerta inteligência, sacudindo a letargia de tudo o que é mortal, ensaie tímidos passos por todos os sendeiros.*

*O importante é que obtenhas experiência.*

*Jamais perguntes a outro homem: “O que é que devo fazer?”; porque é a mais nefasta de todas as perguntas. Se a fizeres a um ignorante, a um adormecido, o estarás convidando a arrastar-te ao sonho. Com o que terás caído em dupla ignorância e te será duplamente difícil voltar a Despertar. E se fizeres tua pergunta a um sábio, a um desperto, compreenderás, porque um desperto sempre contestará:*

*“Faz o que melhor te pareça; se nisto colocares todo teu coração, agindo sempre alerta, ganharás em riquíssima experiência”.*

*Ao passo que farás da Solidão e do Silêncio teus mais apreciados companheiros; sumindo-te com eles no mais profundo de ti mesmo, irás vislumbrando gradualmente todo o horror do Sonho que é a tua humana escravidão. E, pelo mesmo, aumentará teu poderio para reclamar tua liberdade.*

*Nem todos escolhem esta senda que leva ao coração mesmo das coisas.*

*Se tens invocado teus amigos, também tens posto em guarda teus piores inimigos. Tanto uns quanto outros aparecerão em ti e ante ti de mil formas distintas, e a princípio os confundirás em teus primeiros passos. Teus amigos não serão sempre os mais gratos e amáveis, pois te irão privando de tudo quanto agora estimas. Então, será quando teus inimigos, zelosos e sorridentes, demonstrarão ante tua visão interior mil possibilidades para elevar-te sobre tua condição atual. E se chegares a ceder e a morderes o venenoso fruto que te oferecerão, cairás preso e estarás sujeito à tríplice cadeia de ilusão e de sonho que sempre se apodera do ingênuo que ignora o valor da experiência e da oposição.*

*Porém, conhecerás bem a teus amigos nos silêncios infinitos a que tu mesmo te lançarás ansioso e sedento de palavras de verdade. Então, sentirás fluir um ‘algo’, áspero ou suave, segundo a circunstância, e o mero fato de senti-lo te indicará que estás n’O Caminho até um completo despertar.*

*Porque esse Verbo, esse ‘algo’, és tu mesmo, o Amo, o Criador.*

\* \* \* \* \*

*Estuda este desenho atentamente. Com ele aprenderás a utilizar todas as tuas faculdades para Despertar.*

*Cada elo na Cadeia dos Imortais contribui com um grão a mais para aliviar a carga de quem vem atrás, mas cada alma que se aventura nesta singular empresa é um ensaio original da Vida para fazer deste planeta Terra também um Mundo de Divina Vigília.*

*Cada homem que aspira a esta vigília deverá abrir sua própria estrada e marchar só, atento unicamente ao passo do instante, sem preocupar-se com o triunfo ou com a derrota, sem se inquietar pelo seu fim terreno.*

*Isso é viver no Eterno Agora.*

*De outro modo, não teria valor algum a experiência do Homem sobre o planeta Terra.*

\* \* \* \* \*

*O Caminho começa no corpo com os cinco sentidos.*

*Despertar é usá-los, e não confundi-los contigo.*

*Até agora, tens pensado que teus cinco sentidos te informam sobre o mundo exterior. Não é assim, não há tal mundo exterior, nem há tal mundo interior. Estes são ilusórios conceitos que não podem penetrar mais além das formas. O real é que não és forma, e sendo A Vida, és tudo o que É.*

*Observa que o arco e as flechas não apontam em uma só direção, senão em duas simultâneas. Entender e viver esta simultaneidade é a primeira rebelião da mente, rebelião que terminará por despertar-te totalmente.*

*E se refletires um pouco no que trata de expressar essa simultaneidade, de pronto perceberás também que não és teu corpo, senão aquele que vive em teu corpo, que anima teu corpo e que, por falta de melhor expressão, aqui chamo de Deus-Eu, invisível.*

\* \* \* \* \*

*Com teus cinco sentidos, atributos do teu eu-pessoal, do eu-forma, não te é dado penetrar mais além da superfície das formas. Quando fores conscientes de que*

*teu Deus-Eu é quem usa teus cinco sentidos, te será dado penetrar no significado, a essência, o Espírito de todas as coisas, que também é Deus-Íntimo.*

*Latente no cérebro, impregnando o cérebro, está aquilo que se chama a mente – aquilo com que podes conhecer o que captam teus cinco sentidos, e Quem capta por eles. E mais profundamente ainda, está depositado o Coração, o próprio centro de toda a tua vida. Deste centro, estendido a Mente, haverá de brotar teu Eu-Individual, a essência de tua alma anelante de viver em espírito e adorar em verdade.*

*Observa também que o Pensamento e o Sentimento conectam teu Eu-pessoal com teu Eu-individual e os coloca na metade luminosa do Círculo Vital, a Consciência Desperta, pois podem ser a luz que reflete a verdade de ti mesmo nas trevas de tua personalidade.*

*E porque são os sentidos da verdadeira vigília, são os que, ao unir-se no que se chama O Espírito Santo, estabelecem o contato vigílico com Deus-Eu em ti e Deus-Eu fora de ti, um só Deus, não mais, Deus Pai com quem tu podes comungar, ajudado por Cristo, O Senhor.*

\* \* \* \* \*

*Se em teu coração não arde uma inquietude que te abraze até a consumação de teu corpo, não poderás invocar nem a Deus, nem ao Espírito Santo. E não saberás pedir e por isso tua hora ainda não terá chegado.*

*“Vigia e ora” foi a herança que Cristo deixou aos audaciosos.*

*Vigiar é fazer-se todo desperto; Orar é sentir um ardente desejo de SER.*

*Mas quem orar e quem vigiar, ainda quando o fizer de um modo imperfeito, receberá generosa ajuda e tratará de aprender a recebê-la também generosamente...*

*A ajuda está Aqui, e é Agora.*

*A Península de Iucatã, no Sudeste do México, é a zona arqueológica mais rica da América, que se estende até Honduras e Guatemala.*

*Povoado desde remotíssimos tempos pela raça maya, este território foi chamado de “O Mayab” (Ma: no-yaab: muitos, ou seja: a terra dos poucos, a terra dos escolhidos).*

*Também, no que hoje é propriamente Iucatã, teve por nove – que recolheram os Conquistadores, “A terra do Faisão e do Veado”, denominação que guarda um singular sentido místico. Esta comarca foi chamada, de diversos modos, como*

“Yucalpetén” (*pérola da garganta da terra*).

NOTA tomada da obra *A Terra do Faisão e do Veado*  
de dom Antonio Mediz Bolio

## SEGUNDO LIVRO

### 1

Sou o mais pobre e infeliz dos mortais, mas agora atingi o meu limite, e para minha dita não há limites porque sou amado pela Sagrada Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab.

Por ela suspirei durante muitos anos de muitas gerações, aguardando a hora em que se dignasse descer até mim e levar-me à Sagrada Terra do Mayab.

Mas, durante todo o tempo em que eu acreditava esperá-la e que acreditava aguardar sua aparição, eu estava na realidade caminhando até ela e até a Santa Terra Bendita do Mayab.

Como poderei descrever este andar de anos em desertos, em serras, este andar de um anelo solitário que só se vive quando o corpo se aquieta?

Como poderei dizer a quem isto lê em que consiste este andar para poder receber um só beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté?

Como poderia explicar à Sagrada Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab, e seu beijo que é o beijo que arrebatava os homens da morte e os leva à origem de sua linhagem maia, onde se encontra o caminho que na Verdade é a Vida?

Tenho-a visto envolta em seu glorioso esplendor de simplicidade e luz, como jamais poderia imaginar o homem que prospera no vale dos sonhos, recorrendo ao sendeiro da morte.

Eu a beijei, e seus lábios roçaram os meus, levemente.

E essa leveza foi um toque de fogo que incendiou meu sangue e deu vida à minha carne e com suas chamas consumiu a escória petrificada que me afastava dela.

Já transcorreu um tempo desde esse amanhecer de primavera quando eu caí desnudo ante ela, livre da infernal roupagem que são os sete mantos de toda ilusão. E, ao recordar seu beijo, meu coração palpita ansioso de consumir-se nela, e tudo em mim arde, transformando meu ser.

Nada me disse com palavras a Sagrada Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab.

Nada me disse com palavras e não poderia me dizer nada assim, porque ela é como uma só palavra que é todas as palavras; e em seu olhar, que é a plenitude da vida que desperta a alma, há a luz que nos mostra a entrada da Terra do Mayab e nos envolve pelos séculos dos séculos, e faz dos homens de barro parte do Grande Senhor Oculto para quem não haverá nunca um homem capaz de descrevê-lo integralmente.

E nesse olhar que é plenitude e amor da Princesa Sac-Nicté, aspirei o singular perfume que emana da mais pura flor do Mayab e em meus ouvidos ouvi:

– Tens me visto, me conheces, tens gostado dos beijos dos meus lábios. Tu estás em mim e eu estou em ti, és eternamente meu. Não poderás me esquecer jamais e minha recordação será teu consolo na solidão e tua emoção o trará a mim quando quiseres vir.

Poderia dizer algo a mais sobre isto?

Ó Homem de linhagem maia!

Faz-te olhos para ver, ouvidos para ouvir, abre-os, escuta e desperta para poder também morrer.

Morrer integralmente de uma só vez!

Porque a plenitude que ela é, a Princesa Sagrada Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab, só a encontram os homens em cujas veias corre o sangue da linhagem maia; são os que nascem para a vida que acende o beijo de seus lábios, e esse beijo é o beijo da mais doce morte porque é o beijar da Ressurreição com a qual toda carne verá a salvação de Deus.

Despertarás um dia e logo morrerás e serás livre, completamente livre para poder converter teu barro numa ânfora justa na qual possa o Grande Senhor Oculto oferecer aquela comida e aquela bebida, a única comida e a única bebida com que poderá saciar sua fome e sua sede de justiça todo aquele que procura evadir-se do vale da morte para alcançar o ápice dos formosos cumes do Mayab.

Aproximei-me dela, a Sagrada Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab, em um amanhecer de primavera, em uma das tantas voltas que a Terra também se aproxima do Sol para trocar beijos com ele, dar-lhe sua seiva e receber sua semente, e fecundar em seu ventre para que coma também daquele amor sua descendente, a Lua.

E é a seiva que nos dá a Terra e a semente que procura o Sol, o que nos faz compreender o Homem e dar vida à Lua e servir e adorar tudo aquilo que nos deixou em herança todo Filho do Homem, seja do Mayab, seja de Belém que é a Casa do Pão; seja do elevado Monte Sinai, ou seja nascido debaixo da sombra de uma sagrada árvore de Bo...

Esta é a herança da *compreensão*.

E a Sagrada Princesa Sac-Nicté é a amante que a dá em amor, é a mãe que a oferece em seus seios para quem quiser amamentar-se dela; sem este amor ninguém verá a Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab, porque o amor é a força que Ela dá ao homem enamorado de seu encanto e que faz a si mesmo servidor do Mayab.

Na noite anterior a seu sagrado beijo estava eu em trevas, buscando como uma criatura extraviada busca sua mãe quando tem fome, e eu queria agarrar o fio que me desse certeza e força para poder andar. E a chamava dizendo: Vem! Vem! Vem!... Mas a Mãe Terra se apiedou de mim e me colocou em um sono profundo...

E desse sonho me despertou o coração com um violento palpitar de ansiedade, e ao despertar senti um estranho perfume que elevou minha emoção porque intuí que era o perfume dela, da Sagrada Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab.

Eu, pobre e infeliz mortal, afugentei o sonho de meus olhos, afinei meus ouvidos...

E olhei até os cumes dos montes andinos, e distingui suas silhuetas perdidas em trevas. Um pedaço da Lua acercava-se para amamentar-se no seio da Terra. Entretanto, tudo seguia obscuro, mas tudo palpitava no grande silêncio. A claridade da primeira aurora, aquele reflexo prateado que precede a luz, iluminou pouco a pouco o cume dos montes. Desde os galhos das árvores vi elevar-se em um voo silencioso algumas aves, não havia gorjeio entre elas e os animais ainda despertavam para adorar a luz.

*Só o homem dormia.*

E nesse recolhimento que unifica a vida, quando a alma da Sagrada Terra se prepara para tomar a semente do Sol, o espasmo de dita também era silente.

*Somente o homem alvoroçava.*

Recolhi-me no silêncio de mim mesmo, sabendo-me um mendigo daquela comunhão a qual não pode aspirar senão o ousado em que arde o sangue dos homens maias.

E apareceu a luz...

Palpitou ainda um pouco de tristeza neste miserável coração de barro porque senti o fogo e soube que morria para sempre nesse instante, mas morria satisfeito porque queria morrer...

Então ela, a mais formosa entre todas as formosas, a Sagrada Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab, mostrou seus lábios para que os beijasse, e seu sorriso me incendiou somente quando havia morrido a última gota de temor e de tristeza em meu coração de barro.

Então a Terra se nutriu de Sol, e eu me nutri do fogo do amor.

O coração de barro se abriu e o fogo o cozeu e o fez ânfora para o Grande Senhor Oculto, e os lábios da Princesa Sac-Nicté sopraram no barro e fizeram dele uma forma com seu alento inefável da Eternidade.

Nesse instante eu senti seu beijo. E nesse instante começou a vibrar a vida de verdade em tudo aquilo em que eu fixava meus olhos, porque era EU, EU, EU quem em meu coração dizia que olhava, e esse EU que falava era a doce voz de minha Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab, que não fala com palavras porque ela é todas as palavras de uma só vez.

Irromperam as aves cantando em uníssono, dando alimento à minha alma, quando a luz apareceu sobre elas acima dos montes andinos; as folhas das árvores se fizeram a si mesmas a voz sempre madura e verde da vida, e cada uma delas era como eu, transitórias e eternas à sua vez, e por cima dos cumes dos montes andinos vi como as trevas fugiram quando chegou a luz.

O que aconteceu depois?

Não poderia dizer ainda que quisesse. Ninguém pode dizê-lo, ninguém poderá jamais dizê-lo com verdade, porque essas são palavras que só pode pronunciar com seus beijos a minha Sagrada Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab, e seu beijo é a sagrada palavra do Mayab que é todas as palavras de uma só vez.

Porém, posso dizer que nesse instante morre o homem de barro quando em suas veias corre o ardente sangue da linhagem maia.

E entende para que e por que foi feito à Imagem e Semelhança de seu Criador.

Sabe também que a partir de então viverá unido ao Mayab, sem poder ignorar nem esquecer seu entendimento e que passarão os mundos, os homens, as estrelas, os sóis, mas jamais passará a palavra Mayab, que é a palavra d'Ele.

Se és um homem de linhagem maia, eis aqui que EU falo agora essa palavra no fundo do teu coração para que a ti também te fale com seu beijo a eternamente bela e Sagrada Princesa Sac-Nicté, e se cozinhe teu barro e tua água para que quando a água se evapore e o pó do teu barro ao pó volte, permaneça tua ânfora viva no amor do Grande Senhor Oculto.

Para que se cumpra a profecia do Sagrado *Chilam Balam de Chumayel* que diz que “não está à vista tudo o que há dentro disto, nem quanto há de ser explicado. Os que sabem, vivem da nossa grande linhagem, os homens maias. Eles saberão o que isto significa quando lerem. E então o verão e o explicarão”.

E assim também se cumprirá em vós a santa profecia do Mayab de Jesus e virá um dia em que sabereis que “não sois vós quem falais, senão o Espírito de vosso Pai que fala em vós”.

## 2

Ai! Para muitos o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté marca o fim de suas

desventuras.

E no calor de sua recordação acham abrigo no inverno de sua vida de barro.

Para mim, ao contrário, seu beijo foi o começo de um caminho infinito na eternidade.

E por isso, talvez, tenha sido só um beijo fugaz, para que seguisse caminhando em busca dela por todos os sendeiros do Mayab.

Bem me dou conta de que, para os demais, tudo isso é sonho e é loucura.

Mas os demais são homens de barro e minha linhagem é maia.

E eu digo estas coisas para os homens cujo sangue é maia.

Ainda que agora não entendam completamente o que está escrito aqui, algum dia saberão e entenderão e lerão e me compreenderão no que quero dizer, porque o Mayab é uno e tem muitos nomes, e o Universo é uno e tem muitas formas.

E o Mayab tem dado muitos filhos e tem feito muitos homens realmente à Imagem e Semelhança de seu Criador.

Por isso eu lhes asseguro que sou o mais pobre e infeliz dos mortais porque nada é meu, e tudo é do Mayab.

Porém também escrevi que possuo minha ânfora cheia e completa de uma dita secreta que não poderei perder, ainda que queira perdê-la, porque é a dita do Mayab e seguirei andando sempre com a Sagrada Princesa Sac-Nicté, ainda que às vezes ocorra que meus olhos não a vejam.

Seguirei andando com ela, porque somente com ela e nela estou desperto.

E na embriaguez de tão singular vigília, quisera agora dar um pouco de justiça como me tem sido dado conhecer.

Asseguro-lhes que sou o mais pobre e infeliz dos mortais, que nada tenho que possa chamar de meu, e ainda esta vida que tenho também me tem sido dada, mas só a mim cabe saber por que e para que me tem sido dada.

Quero lhes falar de Judas, o homem de Kariot, aquele a quem vós haveis amaldiçoado muitas vezes, mas que foi um amabilíssimo irmão daquele Filho do Homem que se chamou Jesus e que também foi um filho do Mayab.

Minha história e meu relato começam com um impulso que falou em meu coração, dizendo palavras tão claras e precisas como aquelas que dizeis ao ouvido dos seres que amais; foram palavras nascidas do beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté.

Suplico-lhes me outorgueis atenção.

Bem sei que o que vou dizer de agora em diante, neste empenho de justiça, está em contradição aberta com tudo aquilo que vós acreditais que seja a verdade sobre o ocorrido em tempos muito remotos com o Filho do Homem, Jesus de Nazaré, filho do Mayab, que habitava em outro continente e que também foi andar entre homens de barro buscando àqueles que queriam fazer-se da sagrada linhagem do Mayab. Porque amava a Sagrada Princesa Sac-Nicté e espalhava seu beijo em muitas santas e sagradas palavras, e por isso também foi morto pelos *chupadores* de seu tempo.

Jesus de Nazaré nasceu também com o sangue dos homens maias, que é sangue universal, sangue unitivo e é sangue ardente que em seu ardor diz: “Sou Unidade, Sou Eu”.

Nasceu em uma casa igual a toda casa do Mayab e em um lugar que em suas palavras se diz Bethlehem, que significa Casa do Pão, do Pão de onde o Sol ainda come o seu Pão.

Mostrou para os sábios o caminho até o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté,

que é o Pão de toda Vida, e porque havia *chupadores* que não queriam ser ânforas do Grande Senhor Oculto, a quem Jesus chamava de Pai, decretaram morte a seu corpo em uma cruz levantada no Monte das Caveiras.

Os homens de barro que no barro viviam, enlodando-se uns aos outros, viviam longe do Mayab verdadeiro desse continente e por isso os *chupadores* jamais puderam entender aquilo que Jesus de Nazaré falava:

– Quero misericórdia e não sacrifício.

E poderá haver compreensão em um cérebro onde se oculta o amor?

Ai! Tu, em cujas veias corre o ardente sangue da linhagem maia e que quereis também ser filho do Mayab, ânfora pura do Grande Senhor Oculto.

Aprenderás, antes de tudo, a ser justo para alcançar o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté e este beijo te acenderá a luz para que conheças o Pai de toda Terra do Mayab.

Jesus de Nazaré, em quem palpitou o Cristo Vivo, o espírito sagrado do Mayab, disse aos homens de seu tempo e de todos os tempos que todos os seus pecados seriam perdoados, mesmo os pecados cometidos contra o Filho do Homem, mas que jamais seriam perdoados os pecados cometidos contra o Espírito Santo, que é a Sagrada Palavra do Mayab.

Durante 2 mil anos muitos têm pecado contra o Espírito Santo, crendo que com isso faziam justiça ao Filho do Homem e ainda perseguiram outros homens, esquecendo que ao morrer na cruz Jesus disse:

– Pai, perdoa-os porque não sabem o que fazem.

Por Sua Misericórdia, que é a Misericórdia do Mayab, esse perdão alcança todo aquele que na realidade não sabe o que faz e por isso alcança a vós também, porque não é vossa culpa ter errado e pecado contra esse outro homem do Mayab, nascido nas longínquas terras de Kariot, e cujo corpo e cuja vida de barro foi conhecido pelo nome de Judas.

Porém, tende presente, vós, homens, que sois do clã da linhagem maia, que qualquer injustiça e qualquer falta de misericórdia é um pecado contra o Espírito Santo que é o Sagrado Espírito na Palavra do Mayab.

Recordai-o e lede! Eu, o mais pobre e infeliz dos mortais, lhes contarei o que sei de Judas, o homem de Kariot.

### 3

Quando o calor do beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté chegou em meu coração, quando o ardor da vida que ela me deu impeliu-me a seguir meu caminho ao Mayab, quando fechava olhos e ouvidos às coisas de barro para escutá-la, em meu peito vibrava uma mensagem singular com uma insistência igualmente singular e meurgia:

– Ajuda a espargir luz sobre Judas, o homem de Kariot, para que o homem possa construir a ponte através da qual passará do Caminho de Pedro para o Caminho de João<sup>11</sup> e assim entregar-se ao beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté.

Ai! Eu, o mais pobre e infeliz dos mortais, devo agora confessar que não entendia essa imperiosa ordem e suplicava luz à minha adorada Princesa Sac-Nicté.

E me foi advertido que nessa ordem havia um estranho sabor de Eternidade.

<sup>11</sup> Leia o texto gnóstico ao final do livro. (Nota do GnosisOnline)

Como se a infinita e inesgotável força da Santa e Verdadeira Justiça do Mayab insistisse que essa passagem obscura vivida na Terra do Cristo Vivo em Jesus fosse aclarada para o entendimento dos homens maias.

E também me foi dado entender que não poderia ser eu, o mais pobre e infeliz dos mortais, o único a quem este impulso do Mayab havia chegado, porque deviam ser muitos os homens que, como eu, haviam feito do beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté o começo e não o fim de seu amor pelo Sagrado Mundo do Mayab.

E buscando em mil formas distintas encontrei que muitos homens cujo sangue é maia, e muitos outros que são de barro, haviam escrito e dito muitas palavras sobre Judas, o homem de Kariot.

Uns dizem que ele era filho do Mayab, outros dizem que não, que foi só um homem de barro que enlodou sua memória cometendo uma horrenda traição.

Mas como eu vivo do beijo de minha Sagrada Princesa Sac-Nicté e ela me diz que é necessário que eu ouça meu coração, eu direi o que vi com os olhos que só fazem o sangue maia, e o que eu ouvi com meus ouvidos de carne maia, acerca desse homem chamado Judas e nascido em Kariot.

Eu unicamente sei aquilo que minha bem-amada Princesa Sac-Nicté quer que eu saiba e não me interessa e não quero saber nada mais do que isso, porque a única coisa real que existe para mim é aquele beijo que ilumina o caminho até o Mayab, mais além dos cumes dos montes andinos.

E por isso sei que o destino não está nem nunca tem estado nas mãos dos homens, e sim na vontade do Grande Senhor Oculto no Mais Alto e Sagrado do Mayab, mais além do cume dos montes andinos.

O doce beijo de minha Princesa Sac-Nicté ensinou-me que destino e Espírito são uma mesma coisa.

Para os demais, que são somente homens de barro, o destino é aquilo que ocorre dentro do tempo entre o berço e o sepulcro.

Mas ocorre que, pela vontade do Grande Senhor Oculto, para alguns há também um caminho que vai do sepulcro ao berço e que por isso é importante ajudar a fazer luz sobre Judas, o homem de Kariot.

Que caminho, que sepulcro e que berço são esses? Isto é uma coisa que o homem, cujo sangue é maia, poderá aprender e conhecer, se é que busca o beijo da Princesa Sac-Nicté.

Quem acredita que o destino é aquilo que ocorre entre o nascimento e o sepulcro se rebaixa a si mesmo, nada sabe sobre o tempo e muito menos sobre a vida.

Tampouco pode afirmar que tem algum destino, ainda quando acredite no oposto.

É um homem de barro, pensa coisas de barro e por isso mesmo ao barro há de voltar.

Porque não se cozeu no fogo da Sagrada Princesa Sac-Nicté para ser ânfora límpida do Grande Senhor Oculto no Mais Alto e Sagrado do Mayab.

E quem tente explicar o destino como aquilo que ocorre no tempo entre o nascimento e o sepulcro não explicará absolutamente nada real nem verdadeiro, porque confundirá um sopro da vida, um aspirar e exalar da Terra, com a verdade da existência humana.

Ai! Homem que lê e em cujas veias quiçá corra o sangue maia:

Pensa, pondera, indaga a verdade do destino que se urde no Sagrado Reino do Mayab, mais além do cume dos montes andinos, e quiçá também brilhe sua luz em teu coração.

Pensa na Luz, sente seu Amor e pondera que essa luz tem um poder que diz de

si mesma, EU.

E esse EU crescerá em ti e seu fogo fundirá a legião de demônios que a cada desatino que te induzem ao sonho, o qual tu chamas vigília, também dizem de si mesmo: ‘eu’.

São muitos ‘eus’ que te dominam e *chupam* seu sangue, o sangue que te chega do Reino do Mayab.

Sê tu o amo, sê tu um só, íntegro EU, esse EU ao qual a Sagrada Princesa Sac-Nicté tanto ama.

Porventura, um desses ‘eus’ que tanto te confundem quiçá te faça pensar também que o destino é aquilo que ocorre no tempo limitado entre o nascimento e a morte.

E lhe dirá que o destino que ocorre entre a morte e o nascimento é loucura.

Assim é com muitos, e assim tem ocorrido sempre e seguirá ocorrendo na vida de barro, porque os homens de barro sempre estão adormecidos e não lhes tem sido dado compreender que todo homem é também a Humanidade, que quando ele sofre ou desfruta, também é a Humanidade que sofre ou desfruta, e tudo aquilo que está por vir ao homem também está por vir à Humanidade.

É difícil levar a palavra, e difícil é para o homem de barro suportar a realidade.

O homem tem esquecido que não há destino que seja individual, mas aquele que busca e que recebe o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté e ouve a Silenciosa Voz do Grande Senhor Oculto que vive no Mais Alto do Sagrado Reino do Mayab, é indivisível e deixa de lado a ilusão individual e não busca outro destino, senão aquele que é o destino do Mayab.

No homem de barro só existe uma ilusão de destino individual, e por isso indaga com palavras lindas e com palavras néscias que unicamente lhe fazem ver-se isolado e separado de tudo que o rodeia e de tudo que vai tecendo o destino comum.

E esse destino é aquele que o de Baixo sempre tende a reunir-se com o de Cima e assim vive abaixo da lei que se chama Bem e Mal.

Porque nesse destino a serpente se arrasta na Terra e só enxerga aquilo que está na frente e atrás e não tem a plumagem do Condor que lhe empreste asas para empreender o voo mais além do cume dos montes andinos.

Mais além dessa lei está o Sagrado Beijo da Princesa Sac-Nicté, que ilumina o destino.

Quem não busca esse beijo está morto.

Viver é buscar a verdade do destino, e não fugir-lhe.

Quem não busca em si mesmo a verdade do destino não vive, porque seu sangue não ferve com o ardor do fogo da linhagem maia.

E no torpor dessa morte animada poderá até sonhar que é livre, que tem um destino próprio e porventura chegue a convencer-se de que esse mesmo torpor em que vive é o cumprimento de seu verdadeiro destino.

Está certo que assim seja, porque isso também é verdade.

Mas eu tenho de afirmar que todos são arquitetos de seu próprio destino... como se o homem que vive anelando o Mayab pudesse fazer algo que não fosse o destino do Reino do Mayab, o destino imortal.

Esse “próprio” destino é um profundo torpor.

E Judas, o homem nascido nas longínquas terras de Kariot, havia renunciado ao torpor.

Como para todos aqueles em quem arde nas veias o sangue dos homens maias, a Sagrada Princesa Sac-Nicté havia escrito no Livro da Vida:

“Aquele homem cuja linhagem é maia e que anela conhecer a verdade sobre o

destino, a verdade sobre si mesmo, sobre todas as coisas, o destino lhe veda o torpor de uma vida normal”.

E foi essa a verdade que Judas buscou.

E ao buscar a verdade de seu verdadeiro destino, o destino o uniu àquele homem que chamavam de Rabi e que era o Senhor Jesus, nascido em Bethlehem.

E Judas, então, só agora teve destino em verdade.

Porque em seu coração começou a arder também o amor pela bela e sagrada Princesa Sac-Nicté.

E recebeu seu beijo e seguiu seu caminho rumo ao Mayab.

Porque Judas também anelava cozer seu barro para ser ânfora pura do Grande Senhor Oculto, cujo amor modula vozes no coração dos homens por cujas veias corre o sangue da linhagem maia.

E essa voz modulou em meu peito o mandato, e foi luz que me orientou nos caminhos empreendidos por outros que também haviam buscado a realidade sobre a vida e a morte do homem Judas de Kariot.

E também foi o farol que me mostrou os recifes por onde eu não haveria de navegar.

Mas agora é preciso que eu explique essa voz.

#### 4

Sou homem nascido do barro de outras terras, mas em minhas veias corre o ardente sangue da linhagem maia.

Arde em todo o meu Ser, e esse ardor me impulsionou a pedir o beijo da Princesa Sac-Nicté e o calor de seu beijo foi um *EU*.

Porque a voz do destino interior também me havia chamado para o mistério que oculta o Mayab; mas primeiro tive de me perder em um deserto cheio de dúvidas e alimentado de temores. E o coração meurgia a que permanecesse impassível em todo esse deserto e me dizia que somente assim, no meio daquela solidão, e com fome, poderia comer o pão do Grande Senhor Oculto e que dá com seu beijo a Sagrada Princesa Sac-Nicté a quem não vacila em arrancar os olhos para poder ver, e destruir seus ouvidos para poder ouvir.

Até então havia caminhado pelo primeiro sendeiro, o sendeiro da indecisão, que às vezes revela, mas quase sempre oculta a verdade do Mayab.

É o caminho largo onde estamos sempre estará acompanhados e muitos transitam nesse caminho por temor ao silêncio, por medo da solidão.

E nesse sendeiro havia visto brilhar por momentos a luz da Princesa Sac-Nicté.

Mas a luz se apaga ao cair sobre a Pedra que o Senhor Jesus deixou colocada como primeiro obstáculo no destino que conduz ao Mayab.

E no deserto encontrei somente pedras para saciar minha fome e minha sede, e eu era uma ovelha a mais no rebanho que Pedro apascentava e era uma ovelha branca, mas morria de fome e de sede do Mayab e não queria morrer assim.

A luz da Sagrada Princesa Sac-Nicté, que brilhava mais além da Pedra que era meu destino, fez minha lã negra e as ovelhas brancas me arrojaram de seu seio e me deram por perdido quando deixei o rebanho e caí nos riscos onde a tormenta açoita.

Eu não havia feito uma ponte para cruzar o abismo.

Até então eu não sabia, mas agora sei que o destino que está nas mãos do Grande Senhor Oculto no Mais Alto e Sagrado do Mayab tem um caminho que

começa em Pedro, com as ovelhas brancas, e que conduzem a João somente quando o amor pelos beijos da Sagrada Princesa Sac-Nicté faz negra a sua lâ.

Ferindo-me entre riscos e maldades, entendi as palavras do Sagrado Mayab, ditas e escritas naquele remoto continente, por outro ser cuja linhagem é maia e que se chamava João.

E essa palavra se entende golpeando a Pedra na escuridão.

Essa palavra diz que no princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e é Deus, o Grande Senhor Oculto, e por esse Verbo tudo foi criado: o sol, a lua, a terra, as estrelas, o homem, o animal, os vermes, os frutos que dão vida, os frutos que dão a morte, e as palavras de todos os mayabs que existiram, que existem e que sempre existirão.

Porque as pedras mudam os rebanhos, mas o Verbo sempre permanece, ainda que tudo mude.

Assim tive notícias do destino que é o destino do Mayab.

E esse destino é o destino de todo aquele que encontra o Caminho de João, caminho que também falou Judas, o homem de Kariot, caminho oculto dentro do homem e que conduz ao centro do Mayab e que também mostrou o Cristo Vivo em Jesus para levar à outra carne com ele em seu mesmo destino.

Por isso é que peço justiça e reflexão para Judas, o homem de Kariot.

E já faz 2 mil anos que começou um destino na Vida do Homem, que ainda não se tem cumprido.

E numa noite daquela época, naquele remoto continente, o Cristo Vivo em Jesus comeu pela última vez com todos seus discípulos que eram Gigantes da Pequena Cozumil<sup>12</sup> e que também marchavam rumo ao caminho do Mayab.

Aquela noite foi ordenada a “voz” que é o impulso no coração de alguns homens por cujas veias corre o sangue da linhagem maia.

Ai! Ditosos os ouvidos que naquela noite puderam ouvir as grandes verdades do Sagrado Mayab que revelou o Santo Senhor Jesus!

Ai! Pesado coração de pedra e de barro daqueles que o deixaram sem cozer por ignorar o fio com que o Santo Senhor Jesus urdiu o destino desta civilização!

Mas esta civilização não é a visível, a que está visível é a que diz e não faz e por isso sua obra tem sido amaldiçoada e se consumirá em sua própria destruição.

Porque quando mencionou que um deles o entregaria, os demais, que eram 11, tampouco sabiam aquilo que só sabiam nessa noite Jesus de Nazaré e Judas de Kariot.

E, em suas próprias palavras, assim foi escrito:

“... *O que tem de fazer, faça-o logo ... Mas nenhum dos que estavam à mesa entenderam a que propósito disse isso (Jesus a Judas)...*”

Pondera: por que tanta pressa?

Pois é bem sabido que muito tempo antes desse dia Jesus já sabia que haveria de morrer de uma morte infame.

Pondera: por que tanta pressa?

\* \* \* \* \*

<sup>12</sup> Cozumil – Pequena ilha ante a Península de Iucatã que significa “Terra das Andorinhas”. Atualmente se chama Cozumel. Esta ilha foi indubitavelmente a sede de um seminário ou escola esotérica da cultura maia. (Nota GnosisOnline)

Enquanto ocorria tudo isso, o discípulo João, que era o mais jovem de todos, tinha sua cabeça apoiada no Coração de seu Senhor Jesus.

E Pedro, a quem Jesus havia chamado, em suas palavras, Cefas (que significa Pedra) protestava seu amor pelo Senhor Jesus oferecendo a sua alma por Ele; mas o Senhor Jesus o advertiu que três vezes ele o havia de negar antes que o galo cantasse nesse mesmo amanhecer.

Homem por cujas veias corre o ardente sangue da linhagem maia:

Pondera e medita nessa cena, pesa cada conceito, porque toda ela foi urdida no destino que conhece o Grande Senhor Oculto no Santo Mayab.

Pedro ofereceu sua alma, mas Judas a deu.

E porque Judas a deu é que João pôde colocar sua cabeça apoiada no Sagrado Coração de Jesus.

Ainda agora poderás ler claramente escrito em luz e abaixo do símbolo do Sagrado Coração de Jesus, as ardentes palavras do Mayab, que dizem:

*“Dê-me albergue de amor em vosso lar e Eu os tornarei eterno em meu Sagrado Coração”*.

Homem que lê: estuda e pensa, medita e sente, o que para ti está escrito no fundo de teu próprio coração, e assim teu sangue maia se vivificará e verás cumprir-se em ti a profecia de *Chilam Balam*, sacerdote inspirado do Mayab:

“Porque não está à vista tudo o que há dentro disso (o escrito em teu coração), nem quanto há de ser explicado. Os que sabem vêm da nossa grande linhagem, os homens maias. Eles saberão o significado do que há aqui quando lerem”.

Haverás, portanto, de poder ler com o coração.

Aquela noite começou a urdir-se o destino da alma maia destes tempos, deste Katun<sup>13</sup>, e da Humanidade que se encontra condenada, da qual poderá fugir quem buscar o Santo e Puro beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté.

E entrará na Arca de Noé invisível para criar uma nova civilização.

Pois, antes daquela noite, naquele remoto continente, a voz do Grande Senhor Oculto que falava pela boca do Santo Senhor Jesus, deixou dito:

“Quem tem olhos, veja; e ouvidos, que ouça”.

E o Santo Senhor Jesus conhecia o destino do Homem.

Porque havia nascido para ensinar a despertar, a morrer e assim viver e mostrar O Caminho até o fim.

Mas nenhum dos que estavam com Ele naquela noite o entendia assim.

Entenderam-no muito tempo depois, porque naquela noite ainda dormiam.

Como agora dormes tu.

Mas, se és zeloso, te esforças e não desmaias; estas palavras te ajudarão a despertar e assim também poderás morrer também e logo poderás viver.

E aquele que vive aprende que o destino mostra muitas coisas ocultas para o homem de barro, pois somente ao que desperta lhe é dado morrer, ao que morre lhe é dado viver e vivendo se vive no Coração do Mayab.

E aquilo que Judas, o homem de Kariot, fez rápido, foi sujeitar seu tempo para que o Santo Senhor Jesus colocasse mais um fio na teia do destino humano que aponta em terras maias para uma nova civilização que há 2 mil anos somente Ele conhecia.

Porque se Judas não tivesse feito rápido o que fez, não teria sido possível que

<sup>13</sup> Katun – Termo maia que designa ciclo, período, época; há diversos katuns, de alguns dias a bilhões de anos. De acordo com o Calendário Maia, o início, o apogeu e a destruição de toda humanidade planetária são medidos em um total de 13 Katuns. Algumas profecias afirmam que o 13º Katun se dará entre 2012 e 2043. (Nota GnosisOnline)

ocorresse tudo aquilo que os escritos de João relatam.

Porém, isso já está a caminho.

Mas agora não farei outra coisa a não ser recordá-los dessa parte da Escritura Sagrada e que leva a assinatura de João.

Era a terceira vez que o Santo Senhor Jesus aparecia entre seus discípulos por vontade do Grande Senhor Oculto, depois que seu corpo de barro havia morrido na Cruz. Nessa noite comeram peixes pescados nas águas do Lago Tiberíades, e novamente o Santo Senhor Jesus perguntou a Pedro: “Me amas?”, e Pedro respondeu que sim; e o Santo Senhor Jesus lhe disse: “Apascenta minhas ovelhas”. E duas vezes mais lhe perguntou: “Me Amas?”, e duas vezes mais disse Pedro que sim, e duas vezes mais lhe disse o Senhor Jesus: “Apascenta minhas ovelhas”.

*Três vezes no total.*

E assim começou a urdir-se o destino das ovelhas brancas, algumas das quais quando veem a luz que brilha mais além da Pedra, luz acesa pelo ardor da Sagrada Princesa Sac-Nicté, perdem a cor branca de sua lã e tornam-se negras por um tempo, mas depois se tornam prudentes como as serpentes, simples como as pombas, e a serpente se empluma e voa.

Mas o Santo Senhor Jesus disse ainda mais a Pedro. Mostrou-lhe a teia do destino quando lhe disse: “Segue-me!”

Pedro morreu como o Senhor Jesus, cravado em uma cruz, distante dos seus e preso por outros que o levaram para onde não queria.

E aquela noite, depois da ceia com pescado do Lago Tiberíades, e quando Pedro tinha sido informado da teia do destino, olhou para João, aquele cuja cabeça havia se apoiado no Sagrado Coração de Jesus, e perguntou:

– E a esse, o que lhe vai ocorrer?

– Quero que ele fique até que eu retorne. A ti importa?

E muito se fala sobre a imortalidade de João em base a isso, porém, se fala e se discute sem saber o que é que de João permanece nem o que é imortal.

Esforça-te em entender o que é que permanece até que venha aquilo que é EU.

## 5

Assim começou a urdir-se o destino do que agora amanhece como o começo de uma nova civilização.

É o destino que modula impulsos no coração de muitos homens para quem eu, o mais infeliz e pobre de todos os mortais, escrevo em obediência ao beijo de minha Sagrada Princesa Sac-Nicté.

Para que eles também sejam beijados.

Assim como Pedro obedeceu ao destino que falou pela sagrada boca do Senhor Jesus e que lhe disse que iria morrer onde não queria morrer, Pedro morreu distante de seus irmãos do Mayab, em uma grande cidade de outro continente, onde não havia linhagem de homens maias que estivesse formada como uma alma.

Pedro morreu na cruz, mas ele mesmo se dispôs a morrer com a cabeça apoiada na Terra, enquanto muito perto dele a espada de um homem de barro que só obedecia ao barro do Império Romano, decapitou a cabeça do tardio maia Paulo, Apóstolo da Santa e Eterna Verdade da qual deu testemunho o Senhor Jesus.

E se falo que Paulo foi um maia tardio, é porque nele se cumpre, comparado com os outros, a verdade dita pelo Senhor Jesus que os últimos serão os primeiros.

Porque Paulo foi um tigre que se transformou em cordeiro após ouvir a palavra do Mayab de Jesus. Assim se acrescentou mais um fio na teia do destino que é teu e é meu.

E se tu perseveras, ainda que sejas homem de barro, poderás atrair a essência da linhagem maia para que acenda teu sangue que agora é indeciso.

E eu aos poucos me tenho feito esta pergunta:

– Por que Pedro escolheu morrer crucificado com a cabeça para a Terra?

– Por que João escolheu apoiar sua cabeça no Sagrado Coração de Jesus?

Só o sabe o sagrado silêncio do Mayab, onde se urde o destino das ovelhas brancas e das ovelhas negras, ali donde emana a prudência das serpentes e a simplicidade das pombas e de onde se fazem os ouvidos maias que ouvem e os olhos maias que veem, e de onde tudo se junta numa só palavra.

E eu, o mais pobre e infeliz dos mortais, estou repleto de alegria, porque sendo homem de barro, o barro de meu coração foi cozido no fogo do beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté, e no sagrado silêncio do Mayab tenho percebido um murmúrio que converte aquelas palavras tão obscuras, e tão obscuramente ditas às margens do remoto Tiberíades, em um vislumbre daquilo que dirige e que urde o destino do homem.

Falta algo naquelas palavras, por isso são obscuras.

E o que falta nelas é a luz.

E essa luz está em ti mesmo.

Acende-a!

Porque João permanece e Pedro apascenta as ovelhas.

Mas a pomba empresta suas asas emplumadas para que a serpente voe.

E o que é simples pondera na prudência.

E o que é prudente busca o caminho que leva até o Mayab.

E o Santo beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté lhe ilumina o caminho.

Para trilhar o Caminho de João é preciso, primeiro, conhecer ou intentar o propósito do Caminho de Pedro, mas intentá-lo e conhecê-lo com o coração, pois quem o intenta o conhece só com a cabeça, é um *chupador*; para este não há caminho fora da Terra.

O caminho do maia é o caminho do Sol.

É o caminho da inteligência que orienta o Amor.

Porque Pedro morreu na cruz com a cabeça na Terra e João apoiou sua cabeça no Sagrado Coração de Jesus.

Pondera e julga.

Mas nem todos compreendem o Caminho de Pedro e não andam nele porque não sabem que mesmo as pedras têm coração. Tampouco compreendem o Caminho de João.

São muito poucos aqueles que compreendem que não são dois caminhos, senão um só destino urdido pelo Grande Senhor Oculto no Mais Alto e Sagrado do Mayab.

Homem por cujas veias corre o ardente sangue da linhagem maia, não te posso dizer mais nada.

Se em ti arde o anelo de conhecer a verdade do destino, procura ter olhos para ver e ouvidos para ouvir e encontrarás, algum dia, como fazer em ti mesmo a ponte que une o Caminho de Pedro ao Caminho de João e que te leve ao Mayab.

Essa ponte é a morte.

Só pode fabricá-la quem ousa despertar.

Muitos homens neste Katun têm caído em profundos abismos e no meio da tormenta e da dor têm vivido unicamente para que possamos saber despertar. Venera-

os e busca-os no mundo da realidade, aproximando-te deles, conhecendo suas ideias, penetrando no sentido oculto de suas grandes palavras.

Eu te darei somente a medida que deram a mim, mas a ponte deverás fazê-la tu mesmo, em ti mesmo, ao impulso que sejas capaz de lograr do ardor de teu anelo.

A medida que tenho é muito simples – se a vês. É complexa – se ainda dormes.

Porque o Santo Senhor Jesus não apareceu somente três vezes, senão muitas, muitíssimas vezes mais, como Cristo, depois que seu corpo foi morto na cruz.

Pois haverás de saber que o Cristo vivo em Jesus está vivo.

E se aquele que é João permanece, permanece porque Judas fez rápido o que lhe foi incumbido.

Como atesta esse outro fato escrito do mesmo Mayab, com a assinatura de Lucas, e que revela que em uma de suas aparições o Santo Senhor Jesus, “*então lhes abriu os sentidos (aos discípulos) para que entendessem as Escrituras*”.

E, aberto esse sentido, conhece-se o caminho real que conduz ao Mayab, e o Mayab dá a esses homens o Poder, o Amor e a Vida porque para eles Deus, o Grande Senhor Oculto, deixa de ter duas caras.

E o de baixo se junta ao de cima e o de cima dá vida ao de baixo.

Para esses as Escrituras são claras e sagradas porque sua verdade não está impressa nos livros, senão que se lê na alma.

Para esses, os dilúvios os verão de dentro da Arca.

E a Serpente Emplumada voará.

## 6

Ai! Como o amor, o tempo é impossível de se entender com a razão. Da mesma forma que existem amores diferentes, também existem tempos diferentes.

Só quem tem o Grande Destino em suas mãos pode explicá-lo a quem faça o esforço de entender.

Nós só podemos dizer do tempo e do amor aquilo que eles não são.

O tempo não é neutro.

O amor não é neutro.

O de Cima não podes amar se amas o de Baixo.

Mas, amando o de Cima, amarás o de Baixo e o do Meio.

O tempo pode ir contigo para o Segundo Nascimento, pode ir contigo à morte final.

Se desperto fizeres o que hás de fazer hoje, muitas coisas farás que não queres fazer, e muitas coisas também deixarás de fazer por muito que as queira fazer.

E não terás de esperar nenhum “amanhã”.

Porque o tempo *é*, e o amor também *é*.

Se entendes, tu também podes *Ser*.

O amor, como o tempo, está em todas as coisas, está em todas as formas.

Está no destino como no desatino.

Porque no tempo o amor faz todas as formas.

Guarda-te bem do *chupador* que te diga que o tempo não existe, ou que te diga que no amor há pecado ou maldade.

Somente no peito do Grande Senhor Oculto o três é um.

O tempo e o amor são forças poderosas que evaporam a água do barro, e só deixam terra que à terra volte.

A água e a terra se unem por obra do amor.  
 Unem-se para o tempo, como barro.  
 O beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté coze o barro por obra do amor daquele  
 que quer viver, para que não evapore a água.  
 Seu beijo é o fogo oculto do amor.  
 A ânfora de barro bem cozida para outro tempo é.  
 No homem de barro a água é “*sim*”, a terra é “*não*”.  
 Por isso, Deus tem duas caras para ele, mas nenhuma das duas é verdadeira.  
 O beijo de fogo da Sagrada Princesa Sac-Nicté é o que queima o “*não*”.  
 Mas também queima o “*sim*”.  
 E o homem é EU.  
 E Deus é Deus no homem iluminado pela Sagrada Princesa Sac-Nicté.  
 O tempo do destino dos homens de linhagem maia não é um tempo que está  
 separado do destino dos demais homens, porque os homens de linhagem maia não  
 estão separados dos outros homens; para eles vivem e para eles trabalham.  
 Só são diferentes porque seu tempo é o tempo de uma luz que nunca se apaga.  
 E este tempo é o tempo imortal, tempo do Sol dos sóis.  
 O tempo dos outros homens é o tempo da água, como a água de dilúvios.  
 Não são dois tempos, nem são dois destinos.  
 São o tempo de Cima e o tempo de Baixo que fazem o tempo do Meio.  
 E quem vê pecado ou maldade no amor, quer castrar o Sol, mas será castrado.  
 E não comerá o alimento do Sol, e seus testículos se secarão e estará morto  
 mesmo antes de morrer.  
 Presta atenção, se é que és homem de linhagem maia!

\* \* \* \* \*

O amor nasce do próprio seio do Grande Senhor Oculto, o Muito Alto, que  
 criou o tempo para poder permanecer O ETERNO, e o amor é Seu Meio e dá vida no  
 Tempo.

Busca em teu coração: qual é teu amor?

Para não ser castrado e fazer tua criação viril.

Se teu amor é uno e neste amor inclui todos os teus amores, teus testículos  
 comerão o alimento do Sol.

Só no peito do Grande Senhor Oculto há UNIDADE; depois, tudo anda em  
 três.

Em tudo o que veem teus olhos, em tudo que ouvem teus ouvidos, em tudo que  
 tocam tuas mãos, em tudo que sente teu nariz, em tudo que degusta teu paladar, em  
 tudo está latente a força que é um, a força que é dois e a força que é três.

Os três juntos fazem tudo uno.

Assim é feito tudo o que é feito.

Todo um é um Ser em três maneiras de ser.

Assim foi feito o homem de barro, o homem de água e terra.

O um é a água, o dois é a terra e o três é a união da água com a terra para que  
 se torne barro.

E o que será o três?

Não será, pois, *um querer estar no tempo* do Grande Senhor Oculto que,  
 entretanto, permanece ETERNO?

Assim é como vem desde Cima até Abaixo.

Mas o homem que permanece barro, se alguma vez pensa nesta Unidade, não lhe presta atenção; e se aquilo que é o Três logo a esquece, porque o trabalho de recordá-la é muito árduo.

Por isso Deus terá sempre duas caras para ele, mas nenhuma é verdadeira.

Quem sabe e vive no *querer estar* do Grande Senhor Oculto, se eleva.

Logo, compreende e sabe e vive desde Cima a Baixo, segundo o seu tempo, segundo o Katun que se haja feito em si mesmo.

É um pequeno três, um pequeno um.

O barro então É, porque o sentido está aberto, e atrai a luz que com seus santos beijos a Sagrada Princesa Sac-Nicté acende.

E lhe é possível manejar os quatro, para poder fazer.

E está Acima e Abaixo no Grande Senhor Oculto.

Isso também se faz por três; mas sua ordem muda.

Assim o um é o *querer estar* do Grande Senhor Oculto, o dois é a água, o três a terra que se aproxima do Sol.

Aí tens o segredo da geração e da regeneração.

E quando exista outra vez o número da nova linhagem dos homens maias na Sagrada Terra do Mayab, te pedirão uma árvore do vinho de *balché*<sup>14</sup> e a apresentarás no alto, e não serás morto, nem lançado fora.

A Serpente Emplumada voará.

Pedir-te-ão, também, porventura, traje de bodas; se não o tens, se tens sido preguiçoso, se não tens velado, serás lançado fora, onde haverá choro e ranger de dentes.

Porque o traje de bodas é a vestimenta da regeneração e é o mesmo que a videira de *balché*.

A regeneração é o Real Caminho de João até o Mayab.

Mas terás de saber ainda mais.

O que não sabe nada do *querer estar* do Grande Senhor Oculto não pode ser, não pode fazer, não pode fazer acontecer; está abaixo, nada mais, e não tem videira de *balché*, e a água de seu barro se evaporará à luz da lua, seu vapor irá, pois, para a lua, e a terra à terra e assim tudo terminará.

Essa é uma verdade e assim está bom; a este homem deixa-o estar como está, porque não é de tua estirpe.

Deixa-o dormir em paz.

Aquele que sabendo do *querer estar* do Grande Senhor Oculto e diz não mais, e não faz o que tem de fazer para poder viver, torna-se um *chupador*; este tampouco é da tua estirpe maia; afasta-te dele a menos que ele te suplique para que o ajudes a fazer o que tem de fazer; então lhe falarás de tua linhagem maia porque mesmo um *chupador* insensível pode mudar seu sangue se é sincero e verdadeiro.

Mas guarda silêncio ante o hipócrita.

Pobre de ti se chegas a crer-te melhor que um *chupador*, ou superior a quem não tem uma videira de *balché*!

Não serás homem, serás um maricas, vai e coloca saia de mulher!

O homem mostra sua virilidade fazendo obras de amor, não falando do amor que é incapaz de fazer.

<sup>14</sup> Balché (*Lonchocarpus violaceus*) – Bebida inebriante tirada de uma Planta de Poder entre os maias da Mesoamérica, especialmente entre os iucatecas e lacandões (que em suas tradições afirmam que esta planta foi dada pelos deuses para que os povos maias de aproximassem d’Eles). Esotericamente, também representa a Árvore da Vida, a Serpente da Kundalini – ou Princesa Sac-Nicté. (Nota GnosisOnline)

O Santo beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté é para o maia viril.  
Só o maia viril pode entender a verdade que existe Acima.  
E sua virilidade existe porque é o corpo vivente do *querer estar* do Grande Senhor Oculto.

Estuda, pois, como se faz a verdadeira linhagem de homens maias.

Em cada um que é uno, também há três.

Em cada um que é dois, também há três.

Em cada um que é três, também há três.

Como se faz isso?

Pretendes ser maia e não conheces a profecia dos 16 versos do cantor de Maní<sup>15</sup>, Chilam Balam<sup>16</sup>?

Em cada verso há o 1, há o 2, há o 3.

O 4 está em ti mesmo, és tu mesmo se é que vive um EU.

Quando disso souberes, faze-o!

O que está escrito nos escritos de João é o mesmo que está escrito nos escritos de Chilam Balam.

Os dois são um só livro do Espírito do Mayab com palavras distintas, nada mais.

E o Espírito disse:

“Eu Sou! Sou Deus!”

\* \* \* \* \*

Porque o ETERNO, o Muito Elevado, é de Uma Só Idade; quis fazer Descendentes de Sete Gerações, e este é o Grande Descendente que contém e mantém a todos os pequenos descendentes para que se mantenham entre si.

Se és maia viril e se estás orgulhoso de teu Mayab, humilha-te em segredo e em silêncio ao elevar teu pensamento a ELE, ao ETERNO, ao de Uma Só Idade que é seu próprio Katun e que fez todos os Katuns e fez a ti também, e te fez igual a ELE, uma pequena cópia, um pequeno igual, com tudo o que ELE é, até com seu Infinito Verbo Criador, dizendo:

“Eu Sou! Eu Sou Deus!”

São sete Suas Gerações, desde o Mais Acima até o mais Abaixo.

A sétima geração tem uma Árvore da Vida com tantos galhos como trinta e dois vezes três, e estes galhos sujeitam os seres porque são muitos galhos, e não podem subir pelo tronco da videira de *balché* por si só; e o seu subir é o subir de toda essa sétima geração.

Lento subir, dolorosa ascensão.

Quem na sétima geração degenera, o choro e o ranger de dentes é certo.

A vida na Terra é o viver da sexta geração, e a Árvore da Vida tem tantos galhos como dezesseis vezes três; amarelas são as folhas de 24 galhos, negras são as

<sup>15</sup> Maní – “Tudo passou.” É o nome de uma famosa cidade maia que nos tempos da conquista, foi sede dos reis Xiu e último refúgio da civilização maia e de sua cultura científico-religiosa. (Nota GnosisOnline)

<sup>16</sup> Chilam Balam – Do maia, significa A Boca do Jaguar (ou do Sacerdote-Profeta). Compilação de escritos encontrados em diversos povoados do Iucatã (México). Trata-se de revelações não só de ensinamentos sobre astronomia, agricultura, administração etc., mas de textos iniciáticos e proféticos, especialmente sobre o fim de nossa civilização, no Katun 13. (Nota GnosisOnline)

folhas de 24 galhos; são galhos com as folhas da cor do Poente e do Sul; quem juntar os galhos amarelos com os galhos negros e por sua própria vontade as faça verdes, agarrará o tronco da Árvore da Vida e subirá para saber do Grande Pauah<sup>17</sup>, daquele João que permanece, e do Grande Amor d’Ele.

Como o farás?

Despertando e estudando.

Despertando e trabalhando.

Despertando e lutando.

Estudando, trabalhando e lutando em ti mesmo para que sejas tu mesmo, para que sejas EU.

Pega um pouco de tinta negra, pega um pouco de tinta amarela, mistura as duas e observa; o que vês? Não é por acaso verde esta nova cor?

Amarelo é o Sol, negra é a Terra, verde é o florescer da imortalidade.

Assim poderás começar a trilhar o caminho de regeneração e tua geração será então a geração que é oito vezes três. Assim eram os Gigantes da Pequena Cozumil.

Quatro vezes três, assim eram os Pauahs, o do Oriente, o do Poente, o do Norte e o do Sul.

O Pauah alimenta-se da comida do Sol.

Duas vezes três não o concede senão o Pauah que não pode morrer.

Mas todo homem pode ser Pauah.

Uma vez três não podemos sequer pensar em nossa atual condição, porque é um Katun que somente um Pauah o entende.

Todos são tempos diferentes, medidos por medidas distintas.

O maia audaz e ousado vai de um a outro Katun, sempre para Cima e é três gerações em uma.

Por seu *querer estar* na quinta geração, geração de barro que se está cozendo, pode o Grande Senhor Oculto fazer-se conhecer ao maia audaz que tenha um só amor no qual ele tenha fundido todos os seus amores; mas o barro o fará querer mais que o barro, a água o fará querer mais que a água, o homem de barro o fará querer mais que os Gigantes da Pequena Cozumil e ainda mais que os Pauahs do Norte e do Sul, do Oriente e do Poente.

Haverá de querer mais do que as palavras obscuras de João ou de Chilam Balam.

Haverá de querer tanto que não o enganarão as lindas palavras dos *chupadores*.

E este querer lhe fará entender e viver aquilo que, com suas sóbrias palavras, disse o Santo Senhor Jesus que era o segredo da Vida Eterna:

“*Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*”.

E quando o homem de barro assim aprender a querer, o Grande Senhor Oculto falará a Palavra que é Deus e que por sua vez é o Verbo, e fará saber:

EU SOU A UNIDADE.

Pois tem sido dito, o segredo está aí.

Conhece-o se puderes.

Não estará claro tudo isso para ti até que tenhas golpeado a pedra na escuridão.

A Grande Palavra, no selo da noite, no selo do céu, disse Chilam Balam.

“*Eu sou o Princípio e o Fim.*”

E a João Pauah que permanece o mesmo que Chilam Balam:

“*Eu sou o Alfa e o Omega*”.

<sup>17</sup> Pauah – Termo maia que pode significar Iluminado, Mestre, Guia, e no aspecto macrocósmico, os Quatro Reitores, os Tetrassustentadores ou Querubins que sustentam as pontas da Grande Cruz Cósmica, mencionada no Calendário Maia. (Nota GnosisOnline)

Os dois são o mesmo Verbo, os dois permanecem porque assim tem sido, é e será através dos séculos e muitos o têm ouvido.

Foi aberto este Katun para que possam ouvir muito mais.

E permanecerá até que chegue o Filho Unigênito do Grande Senhor Oculto, espelho que abrirá sua formosura, Pai.

Por Teu Querer Estar que é Teu Espírito Santo, Pai.

Para que comece na terra a nova civilização. Amém.

Ao que quiser saber, a Palavra do Pai o fará saber, porque para as novas ânforas maias há este novo Katun, para que quando chegue e caia sobre o mundo de barro a justiça em três partes, segundo as profecias de João e de Chilam Balam, os justos sejam com ela, a Justiça de Deus, a justiça do Mayab, pela *misericórdia de suas cabeças* e a *sabedoria de seus corações e o amor da Vida em suas ações*.

São novamente três.

E a Palavra emanou desde as entranhas do Oriente para que não haja Poente; e foi escrita no Norte para que não haja Sul.

E esta palavra disse novamente para aquele que tenha olhos para ver e ouvidos para ouvir:

**EU SOU UNIDADE.**

O que é um está dentro de teu cérebro, o que é dois estende-se por tua espinha dorsal, o que é três, que é o *querer estar* do Espírito Santo do Grande Senhor Oculto, jaz dentro, muito dentro, de teu coração, e por onde o quiseres ver, se és capaz de ver.

Se entendes e fizeres isso, dominarás a Serpente que se arrasta na Terra e tua prudência lhe dará plumagem para que possa voar.

São o Pequeno Pai, o Pequeno Filho e o Pequeno Espírito Santo, os três Pequenos Pauahs, o Vermelho, o Branco e o Eternamente Verde.

*Guarda-te da Serpente que te dizem que faz milagres!*

Todo barro que sabe onde e como fazer a guerra para poder morrer é Terra de Vigília e Oração, Terra sem Sede, Terra regada pelo amor que há de servir a Deus para uma nova civilização; e quando morra em sua sexta geração, viverá outro Katun na quinta; três vezes quatro será seu “sim”; três vezes dezesseis será seu “não”.

Irá do sepulcro ao berço se é que quer ir, porque terá passado da morte à Vida e permanecerá com João.

Pois seus testículos terão comido o alimento do Sol, e seu sêmen não será sêmen de carne unicamente, será sêmen com o espírito de regeneração e não expulsará espírito fora de ti quando expulse seu sêmen.

Porque não haverá fornicção nele e seu um, seu dois e seu três serão realmente castos e seu sexo estará cheio de pureza.

Será sexo, nada mais.

\* \* \* \* \*

Filho do Mayab!

Ouve-me bem!

**NÃO ANDES ÀS CEGAS!!!**

Busca o conhecimento dos Homens Maias, qualquer que seja sua ânfora,

qualquer que seja sua língua!

Busca o conhecimento que chegou outra vez do Oriente!

Busca o conhecimento que está escrito no Norte.

E não terás nem Poente nem Sul, se és diligente.

Porque o Senhor Jesus, cuja vinda foi precedida por uma estrela do Oriente, disse que àquele que pedir lhe será dado o que pede; e àquele que busca encontrará o que busca e àquele que chama às portas do Mayab Interior, a Princesa Sac-Nicté lhe abrirá.

Deves saber *poder* pedir, deves saber *poder* buscar, deves saber *poder* chamar.

Para esses três poderes que são um só poder, deves saber poder pensar.

Pensa à luz do dia, pensa na obscuridade da noite, pensa debaixo da chuva, pensa debaixo do calor:

PENSA NO GRANDE SENHOR OCULTO E EM SEU *QUERER ESTAR*  
QUE É O COMEÇO DO TEU *QUERER SER*.

Então *sentirás* seu querer estar e *farás* seu querer ser.

E compreenderás e saberás.

\* \* \* \* \*

Quem quiser ser amo, faça-se servo, disse o Pauah do Norte.

Quem quiser ser livre, faça-se escravo, disse o Pauah do Oriente.

Quem quiser viver, aprenda a morrer, disse o Pauah do Poente.

Quem quiser morrer, ouça e desperte, disse o Pauah do Sul.

\* \* \* \* \*

Quem ouve e não faz o que nos silêncios da real quietude fala a linhagem de seu sangue maia, sofrerá, pois o escravo matará seu amo e o servo colocará no cárcere a liberdade, e o escravo sugará o sangue do amo e também morrerá, e o servo tiranizará a liberdade e não viverá, mas degenerará por sua condição de *chupador*.

O barro adormecido sonhará, e a água se evaporará à luz da lua.

Todos os tempos de todos os Katuns desaparecerão com dor para ele.

Isso é uma verdade; já aconteceu antes, e irá acontecer neste Katun em muitos continentes de homens de barro que já perderam o sentido das palavras que disse seu Mayab.

Assim foi antes, assim é agora, assim será até que ELE queira que seja.

Porque o homem *tem sido feito* à Imagem e Semelhança de seu Criador, e se assim foi feito, com um propósito foi feito.

Não será esse propósito aquilo que o Senhor Jesus disse a todos os homens de linhagem maia: “*Sejais perfeitos como vosso Pai que está nos céus é perfeito*”?

Talvez porque Pedro morreu com a cabeça na terra, suas ovelhas estejam mal apascentadas e *chupadores* as tosquam; e às que querem que sua lã seja negra, os *chupadores negros*, os ladrões de alma, seu sangue sugam. Dos dois *chupadores*, os *chupadores negros* são os mais perigosos, porque são ignorantes que pretendem saber e por sua pretensão caíram e seguirão caindo.

Guarda-te deles, porque mais vale não saber nada que saber o pouco e mal que

eles sabem.

*Guarda-te da Serpente que dizem que faz milagres!*

Inúteis se tornaram as pedras usadas para fazer a ponte para o Mayab Interior, tendo se tornado poços enquanto ELE chega.

Mas o Senhor do Tempo que vem pelo Oriente dá a medida justa, e há poucas ânforas que sabem receber.

Por isso, para aquele que não tem feito olhos para ver e está em trevas, o que é vermelho lhe parecerá negro na escuridão.

E o Senhor do Amor que vem pelo Norte dá em abundância e generosamente e também são contadas as ânforas que sejam continentes e que saibam se empenhar.

Por isso, a quem não tenha coração que lhe contenha sua abundância, sempre o destrói na desagregação, pois branca pura é a cor do reino dos céus.

E o senhor que não tem Poente e que não tem Sul, que é o Senhor do seu QUERER ESTAR, emanará de si outras águas, emanará de si outras terras e fará outros barros que lhe recebam melhor.

Outras vezes o tem feito, e assim pode-se ver quando se estuda atentamente o que perderam em seu Katun os seres-formigas, os seres-cupim, os seres-abelhas que um dia foram e *já não são*.

Homens néscios!

Isto é unicamente o princípio de um saber.

Homem por cujas veias corre o sangue da linhagem maia!

Abre teus olhos, destampa teus ouvidos!

Tenho-te explicado o três, e tenho-te explicado o sete, mas apenas uma ideia tenho-te dado do quatro, e nada sobre a vontade com que se dá continuidade a todo sete que se quebra em dois pontos, em dois tempos.

Quem não sabe *como* se dá esta continuidade não poderá fazer a Ressurreição de sua carne.

Busca esta continuidade diligentemente e ouve o que Chilam Balam disse sobre isso faz muitos séculos, Grande Sacerdote da Linhagem maia:

“O mau do Katun é que um golpe de flecha pode destruí-lo. Então, vêm os juízes e recolhem os tributos. Pedirão provas. COM SETE PALMOS DE TERRA ENCHARCADA!”

Não será isso o mesmo que em seu Katun falou o Santo Senhor Jesus?

“E qualquer um que ouve estas palavras e não as cumpre, compará-lo-ei a um homem insensato que edificou sua casa sobre um monte de areia; e desceu a chuva, e vieram os rios, e sopraram os ventos, e atingiram com ímpeto aquela casa, e caiu e grande foi sua ruína”.

E não será isso o mesmo que falou em outro Katun o Santo Senhor Moisés?

“Aos céus e à terra chamo hoje por testemunhas contra vós, pois coloquei-os diante da vida e da morte, da bênção e da maldição; escolhe, pois, a vida para que vivas tu e tua semente”.

E não seria ainda o mesmo que em outro Katun falou o Santo Senhor Buda?

“Iluminai vossas mentes... Quem não pode desde logo quebrar as oprimentes cadeias dos sentidos e cujos pés são muito fracos para trilhar o caminho real, devem disciplinar sua conduta de tal modo que todos os seus dias terrenos transcorram irrepreensíveis, praticando obras de caridade”.

E não seria ainda o mesmo que em outro Katun falou o Santo Senhor Lao-Tsé?

“O Universal é eterno; o Universal é eterno porque não existe como indivíduo; é esta a condição da Eternidade. Da mesma maneira o Perfeito, eclipsando-se se impõe; derrotando-se se eterniza; DESEGOISTIZANDO-SE é que se individualiza”.

Todos, pois, falam do verde florescer do Imortal, de como o Infinito sempre vive no Eterno.

\* \* \* \* \*

Néscio é o homem que se crê dono do tempo.

Néscio é o homem que se crê dono do amor.

Néscio é o homem que se crê dono da Terra.

Néscio é o homem que se crê senhor do Mundo.

Três vezes néscio é aquele que deliberadamente ignora que o homem é um propósito do amor *no* tempo para a vida do Mundo *na* Terra.

\* \* \* \* \*

Jesus, Santo Senhor, foi um homem feito na Terra com Água do Amor e cozeu seu barro no fogo do Amor.

Judas foi um homem que desafiou o poder do mundo e o Amor o ajudou.

Se é que aspiras ao conhecimento do Mayab, tens de procurar entender.

E te abrirá as portas o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté e o fogo de seu amor cozerá teu coração de barro e por seu amor serás ânfora do Grande Senhor Oculto que te dará aquilo que podes conter.

Eu agora só quero fazer justiça a Judas, o homem de Kariot.

Para que comece um novo Katun na linhagem maia.

*E o Mayab dos Andes seja, pois, o berço de uma nova civilização.*

Tu farás tua parte se em tuas veias corre o sangue da linhagem maia.

Para que haja misericórdia em tua cabeça, sabedoria em teu coração e possas encontrar a pedra justa com a qual possas estender a ponte que vai de Pedro a João no destino do Homem Verdadeiro que aqui declaro que é o Cristo vivo no Senhor Jesus.

No Nome do Pai, e no Nome do Filho, e no Nome do Espírito Santo.

Para que assim seja.

E te relatarei como e por que Judas, o homem de Kariot, estendeu um fio importante na teia do destino deste novo Katun.

Seu fio fez possível que a Quarta e a Quinta Gerações falem nos tempos e nas medidas da Sexta Geração.

Eu te relatarei, assim como eu o tenho aprendido no Santo Mayab. Amém.

## TERCEIRO LIVRO

### 1

Havia um homem entre os fariseus que se chamava Nicodemo, Príncipe dos Judeus. Maia era a sua linhagem, maia o seu coração; seus pensamentos eram do Mayab; não eram pensamentos de barro e chorava lágrimas vivas. E era austero na virtude para aumentar os tesouros do Senhor, e procurava ser justo, pois consumia-lhe o anelo de fazer viva sua fé.

E seu pranto era pranto de lágrimas vivas, como só pode chorar um bem-aventurado que não é rico em espírito e que anseia o Espírito que anima a vida no reino dos céus, que é a sagrada terra invisível do Mayab.

E pensava neste Espírito que é a chama que pela luz ilumina o santo beijo da Princesa Sac-Nicté, e seu coração dizia, quando pensava nela, porque ele também queria ser ânfora viva para servir a ELE: “Prova-me que teus lábios não foram feitos para serem beijados e eu te provarei que as trevas são a luz”.

Santo e sagrado era o anelo desse homem, pois não queria tesouros do céu para si, mas para servir ao Grande Senhor Oculto, ao muito Elevado, ao Eterno.

Por isso, Nicodemo também buscou a água, a água viva que havia na *taça* do Santo Senhor Jesus, pois também havia entendido que o *Caminho* que ele trilhava abrangia um vasto reino dentro e fora deste mundo. E que somente bebendo dessa água viva poderia entender o mistério das sete gerações, evitar o juízo com sete palmos de terra encharcada, morrer e renascer.

Para entender e conhecer o homem e para vivificar o Homem Verdadeiro, Príncipe dos Céus e Herdeiro da Terra, é preciso entender a harmonia das Sete Santas Gerações do Grande Descendente, do Muito Elevado, O ETERNO, Pai Nosso que está nos Céus.

E neste novo Katun, desde o Oriente chegou aos de linhagem maia a Palavra Eterna do Norte que não é palavra Poente e que não tem Sul.

Para que seja entendida e logo compreendida pelo cérebro e no coração dos homens da linhagem maia.

É a palavra eternamente verde, e este Katun será o Katun da Primavera Eterna para uma geração, mas deixará murmúrios nos corações de outras.

É a palavra que junta as 24 folhas negras com as 24 folhas amarelas na Árvore da Vida, e que faz a videira de *balché*, e tece o fio com que se faz a vestimenta para as santas bodas do Céu.

Assim, pois: o que virá é um Gigante da Pequena Cozumil, cuja geração é uma árvore de tantos galhos como oito vezes três, tem o poder, o amor e o saber de todos os planetas. Por isso são os Senhores da Terra, mas não são deuses. Porque sua geração é somente o começo da regeneração e é ainda de Baixo para Cima para fazer o do Meio, e seu alimento é o alimento do Sol. E juntará doze ramos de folhas negras com doze ramos de folhas amarelas, e então para ele a Árvore da Vida será de quatro vezes três. E virá o *Pauah* com o tempo e o alimento do Sol. Haverá estendido em si

as asas do *Sagrado Kukulcan*<sup>18</sup>, a Serpente Emplumada que o homem há de levantar no deserto, golpeando a pedra na escuridão e acalmando a sua sede com a água do *Cenote*<sup>19</sup> *Sagrado*. Assim terá ele a potestade de *Tzicbenthan*, palavra que é necessário obedecer, pois é a palavra de *Ahau*<sup>20</sup>, o que governa todas as gerações do Grande Descendente, desde o Katun donde tudo começa a andar em três.

Assim como há Sete Grandes Gerações no total, criadas pelo Muito Elevado, O ETERNO quando fez o Grande Descendente, assim, em cada geração, há pequenos descendentes, e também muitos pequenos descendentes. E em todos há também sete gerações.

E há sete tempos, sete medidas, e em cada uma há novamente sete.

Cada Pequeno Descendente parecido é com o Grande Descendente. Pequeno Descendente é o homem, e está na sexta geração; e leva consigo medidas para medir os tempos da quinta, da quarta e ainda da terceira gerações; se da pura água do Cenote Sagrado faz seu vinho de videira de *balché*, se quando come de sua plantação come também a palavra do Grande Gerador, que diz:

“Eu sou. Eu Sou Deus”.

Como era em Yucalpetén<sup>21</sup> muito tempo antes da chegada dos *Dzules*<sup>22</sup>.

E como também ocorreu em Yucalpetén, assim também havia ocorrido lá na terra do Mayab de Jesus, cujo Chichén era Jerusalém.

A voz da Princesa Sac-Nicté, havia-se perdido ali, também pela mesma loucura dos sacerdotes.

Havia-se perdido a sabedoria de seus corações e já não havia mais misericórdia em seus cérebros, e sua alma já não comia o alimento do Grande Sol que ilumina todos os mundos e dá vida a todos os sóis.

Muitos eram aqueles que anelavam, contados eram os que indagavam.

Deserto estava esse Mayab onde há sabedoria.

Poucos gigantes havia na pequena Cozumil, naquele remoto continente.

Como agora em Mayapán.

Todos queriam servir-se a si mesmos, poucos queriam servir ao Senhor.

Nicodemo era um dos poucos.

E ardiam, abrasando seu coração, as sagradas palavras que havia escrito com potestade de *Tzicbenthan*<sup>23</sup> o Santo Senhor Moisés, em seu Katun de Luz. E estas palavras eram:

“Porque este mandamento que eu te intimo hoje não está oculto, nem está longe. Não está no céu para que digas: Quem subirá no céu por nós e nos trará e nos representará para que o cumpramos? Nem está do outro lado do mar para que digas: Quem atravessará o mar para que nos traga-o e nos represente, a fim de que o cumpramos? Porque muito próximo de ti está a palavra, em tua boca e em teu coração, para que a cumpras.

<sup>18</sup> Grande instrutor divino, ‘Serpente com Plumas’ equivalente ao Quetzalcoatl náhua. (Nota GnosisOnline)

<sup>19</sup> Cenote – Do maia, Poço Sagrado. O Cenote Sagrado existiu em Chichén Itzá (que significa na beirada do poço do povo Itza) e era lugar de cerimônias místicas. Simboliza o centro sexual carregado da energia criadora. Sugiro ao leitor que pesquise mais sobre os poços sagrados dos druidas, o poço da Deusa Modron, que fica em Cornwall (Inglaterra), o poço sagrado das sacerdotisas de Avalon e tantas outras simbologias ao redor do mundo antigo. (Nota GnosisOnline)

<sup>20</sup> Ahau – Deus, homem divino, rei, “Deus-Rei”, “Grande Senhor”. (Nota GnosisOnline)

<sup>21</sup> Yucalpetén – Antigo nome do Iucatã, foi também um porto importantíssimo. (Nota GnosisOnline)

<sup>22</sup> Dzules – Nome dado pelos maias aos padres que vieram “cristianizar” os povos pré-colombianos. (Nota GnosisOnline)

<sup>23</sup> Tzicbenthan – Palavra, ou ordem, que deve ser obedecida, de qualquer forma. (Nota GnosisOnline)

Olha, eu tenho colocado diante de ti hoje a vida e o bem, a morte e o mal”.

Assim havia escrito o Santo Senhor Moisés, Pauah que comia o alimento do Grande Sol que ilumina todos os mundos e dá vida a todos os sóis.

E estas palavras haviam-se escrito no coração de Nicodemo. Mas os homens de seu Katun só comiam palavras, e não comiam o alimento do Sol nem do Grande Sol.

Não tinham fome, não tinham sede da palavra do Mayab de sua terra.

Mas Nicodemo tinha fome, tinha sede.

E indagava.

E por isso, em seu pranto, repetia em secreto à Princesa Sac-Nicté:

“Prova-me que teus lábios não foram feitos para ser beijados, e eu te provarei que as trevas são a luz”.

A luz tem vindo outra vez pelo Oriente na palavra do Norte, para que quem ouça e veja não tenha poente e não tenha sul, e o Eternamente Verde seja para sempre nele, e ele n’ELE.

Indaga, pois, com diligência, porque o formoso céu do Mayab está sempre aberto para quem está pronto.

E pronto está quem indaga e não desmaia.

Assim pois indagou Nicodemo, e seguiu a voz do destino, e viveu seu destino e não fugiu dele.

## 2

Por seu destino inteirou-se um dia acerca do rabi de Nazaré, Chilam Balam da Galileia, que falava do Grande Senhor Oculto chamando-o de seu Pai que está nos céus.

Era o Santo Senhor Jesus que subia na Árvore da Vida e ensinava a subir.

A voz de seu destino falou-lhe secretamente em seu coração, e Nicodemo secretamente foi ver o Chilam Galileu, porque sabia que nele havia Palavra de Verdade.

Débil era a luz da terra nessa noite, grande era a luz do céu.

Grande era a chama de amor no coração do Nazareno, grande era o anelo de luz no coração do fariseu.

E foi um fio de luz que se somou ao destino naquela noite, e abriu os véus para que o homem de barro pudesse empreender o caminho da regeneração.

E o rabi Nazareno falou a Nicodemo, e suas palavras caíram incendiadas em seu coração.

“O que é nascido de carne, carne é, e esta é uma geração.”

“O que é nascido de Espírito, espírito é, e esta é outra geração.”

“Não te maravilhes, Nicodemo, que te haja dito que é necessário nascer outra vez, porque aquele que não nascer outra vez não pode ver o reino de Deus.”

E antes disso, era fama em Jerusalém que os discípulos de Jesus haviam repetido suas palavras, proclamando que não se pode pôr vinho novo em odres velhos...

O que haveria de mudar?

Assim se foi essa noite, pensando e pensando Nicodemo.

Porque de coração sabia que esse nascer precisava de uma morte, mas que semelhante morte não é a morte dos mortos, senão a dos vivos que sabem que todo homem pode viver, ser ânfora cozida com o fogo do Mayab e levar nela a medida

que queira empregar o Grande Senhor Oculto.

### 3

Homem de linhagem maia, dou-te aqui a primeira prova deste novo Katun:  
Leva para o Verdadeiro Homem o sol que te pede, estende-o em seu prato, com a lança do céu cravada no meio de seu coração, e o Grande Tigre sentado sobre ele e bebendo seu sangue.

E Nicodemo levou a luz de seu entendimento aos pés de Jesus, e o saber de Moisés era um aguilhão doloroso em seu peito, pois era somente saber; e desde então a garra da sabedoria lhe manteve submisso.

Nicodemo tinha a experiência de muitos anos de uma existência entregue a mostrar aos jovens de seu tempo como deveriam andar nos caminhos do Senhor.

E o rabi de Nazaré havia dito a ele essa noite acerca da geração que havia de morrer para poder renascer em outra, e assim poder viver. Havia-lhe dito assim:

“Tu és Mestre de Israel e não sabes essas coisas? Em verdade te digo, Nicodemo, falo-te daquilo que eu sei e que eu sou e dou testemunho do que tenho visto; mas os homens de tua geração não querem receber meu testemunho. E se te digo coisas da Terra e não podes entendê-las, como poderás entender coisas que são do céu? Porque ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, e este é o Filho do Homem que está no céu. E assim como Moisés levantou a serpente no deserto, assim agora é necessário que o Filho do Homem seja levantado, para que todo aquele que nele crê não se perca, senão que tenha vida eterna”.

As palavras desse Homem Verdadeiro aprofundaram a ferida já aberta no coração do fariseu, e no fundo do seu peito indagava:

“Como haverei de fazer, Senhor?”

E assim começou a morrer seu espírito de fariseu e em sua mente ressoaram as singulares palavras que havia ouvido dizer pelos discípulos do Galileu:

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”.

Assim começou a atrair sobre ele o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté, que já velava por ele, mas ele ainda não sabia.

Seu coração sangrava em abundância porque eram muitos os jovens que concorriam à sua casa em Jerusalém para ouvirem a sua palavra. E como ele queria servir ao Muito Elevado, ao ETERNO, em sua consciência ardia o fogo da morte que precede a ressurreição e em seus ouvidos a palavra do rabi Nazareno:

“Tu és mestre de Israel e não sabes essas coisas?”

E pensou em Judas, o jovem nascido nas longínquas terras de Kariot, e em cujo coração ardia também o impulso sagrado que ocultamente a Princesa Sac-Nicté acende. Judas havia chegado aos pés de Nicodemo para também aprender a caminhar pelos caminhos do Senhor, que é o caminho do Mayab, e se alimentava com as palavras de seu rabi e nutria-se delas, e seu rabi lhe amava e ele amava seu rabi.

Pesava o coração de Nicodemo naquela noite.

Homem de linhagem maia, eis aqui a segunda prova: o Verdadeiro Homem quer que vás trazer-lhe os fundamentos do céu, porque nem todo aquele que diz “Senhor, Senhor” entrará no Reino de Mayab, mas sim, aquele que faz a vontade do Pai, o Grande Senhor Oculto. E o Verdadeiro Homem sente muita vontade de conhecer os fundamentos do céu, porque a Ele lhe é dado o Juízo.

Isso está escrito nas escrituras da Quarta Geração.

Se tens olhos, verás; se tens ouvidos, ouvirás.

Se ainda não os tens, entregando tuas reflexões ao Homem Verdadeiro os terás.

E assim, talvez, se cumpra para ti a profecia de Chilam Balam, profecia que alenta a passagem da quinta para a quarta geração, onde “eles falam com suas próprias palavras, e por isso nem tudo pode ser entendido em seu significado; porém, está escrito corretamente, tal qual tudo ocorreu. E outra vez será tudo bem explicado” (na quarta geração, geração invisível dentro de ti mesmo).

Por tudo quanto foi escrito nas Sagradas Escrituras, também está escrito em ti, em tua alma, caso possas ler.

#### 4

Assim disse:

Eu, Judas de Kariot, amava meu rabi Nicodemo, quem me ensinava a trilhar os caminhos do Senhor.

Servia-lhe como um discípulo digno de Israel deve servir ao seu rabi, e aguardava a minha hora de servir ao ETERNO, e em meu coração ardia o amor pela Verdade.

Mas naquela manhã meus olhos fizeram-me ver que meu rabi Nicodemo não era meu rabi Nicodemo. Em seu rosto vi angústia, e assim pude sentir como seu coração estava ferido, mas não sabia se sua ferida havia-lhe causado o mal ou o bem que anelava; porque meu rabi seguia o caminho dos sábios de Naim, conforme a tradição de Hillel.

Dispensou nessa manhã todos os seus discípulos, menos a mim.

Quando fez isso, meu coração se agitou, e pareceu-me que o presságio era obscuro, porque não consegui compreender o que lhe ocorria. Era frequente, até então, ver rostos decompostos pela ira e a angústia entre os fariseus. E Jerusalém era berço de confusão. Pôncio Pilatos, procurador romano, queria para si os tesouros do templo, queria construir um aqueduto pelo qual fosse lembrado por muito tempo. E nas ruas, o povo se agitava em meio de um buliçoso falatório no qual se percebia o ódio por Roma.

Um homem humilde, vindo da longínqua Galileia, havia acendido em seu peito uma nova esperança, falando-lhes de liberdade. E os pátios do templo eram testemunhas mudas por onde seu ensinamento ressoava e os homens recolhiam suas estranhas palavras e viam os estranhos feitos desse homem que, sendo judeu, profanava o sábado curando enfermos, e não guardava os preceitos de pureza, bebia vinho e comia carne com os publicanos e com pecadores, dizendo que tinha vindo para redimir os pecados e não para condenar os pecadores. E entre aqueles que o seguiam estava Maria, a prostituta de Magdala, e o agente dos publicanos Levi, e estranhos homens que pescavam, e um moço, João, e seus irmãos.

Coisas estranhas dizia este rabi, coisas estranhas fazia. Mas aqueles que o amavam, diziam, por sua vez, que o que ele ensinava fazia doce o amargor das lágrimas do coração e que os sábios de Naim, os mais eruditos e puros da terra, falavam em suas palavras tesouros ocultos de Hillel, maravilhas do Talmude. Mas não podiam entender suas ações, pois para eles todas as ações haviam de ter por fundamento o temor a Deus.

E eis que esse rabi havia dito:

“Tanto ama Deus ao mundo que mandou o seu Filho Unigênito para que seja

salvo, e não para condená-lo”.

Estranhas palavras nas quais não havia nenhum temor.

E também havia dito:

“Amarás teus inimigos”.

Havíamos, pois, de amar os inimigos de Israel?

Nas sábias palavras da Lei de Moisés, meu rabi Nicodemo nos havia repetido as tradições de nossos pais, mas eis que este rabi da longínqua Galileia não as apoiava em nenhuma escritura, e proclamava ante o povo e os doutores da Lei:

“Esquadrinhai as Escrituras, porque antes que Abraão fosse, Eu Sou”.

Nessa manhã, quando compreendi a angústia no rosto de meu rabi Nicodemo, o presságio me disse que o que ocorria era por causa desse Nazareno que anunciava o batismo com fogo do Espírito Santo.

“Judas”, disse-me meu rabi, “tu tens vindo desde as terras de Kariot beber os mandamentos do Senhor e trilhar por seus caminhos segundo a tradição.”

Eu guardava silêncio.

“Judas, tem piedade de mim”, continuou meu rabi Nicodemo. “Me consome a dúvida; sou um homem de coração atribulado. Não estou seguro de que meu saber seja bom, não estou seguro que te esteja ensinando a trilhar pelos caminhos do Senhor.”

Graves palavras essas que disse meu rabi Nicodemo.

Graves, porque na austeridade de sua virtude muito era o que exigia de nós, os que havíamos chegado até ele, para estudar com diligência a verdade da Torá. Graves palavras para este homem, um alto membro do Conselho dos Anciões em Jerusalém, homem erudito e puro, e respeitado e amado.

Contive o alento para não responder, e vi a palidez em seu semblante e o tremor em suas mãos e a consumação de seu espírito.

“Temos perdido o fio que conduz à verdade”, disse-me. E citou aquelas palavras de Moisés que como fogo ardiavam em seu coração, e contou-me a entrevista da noite anterior e como as palavras do rabi Nazareno haviam aumentado a sua sede e sua dor. E o rabi Nazareno também lhe havia dito:

“Só quem crê haver perdido o fio que corre através dos tempos tem o verdadeiro fio em suas mãos, e quando encontre sua alma, não a perderá”.

Que estranho mistério e paradoxo continham essas palavras?

Protestei com veemência, porque, ao citá-las, meu rabi Nicodemo havia acendido a dúvida no mais fundo do meu peito, e eu sofria e não queria mais tribulações. Por isso tinha ido até ele, para encontrar refúgio e abrigo em seu ensinamento, e assim poder ter sempre um fio em minhas mãos.

Falamos disso durante muito tempo, mas ele me observava compassivamente, e terminou dizendo:

“Em tua veemência existe temor ao destino, Judas. Vem comigo, iremos juntos ouvir a esse estranho rabi”.

E já era notório em toda a Jerusalém que esse estranho rabi havia expulsado os mercadores do Templo, açoitando suas costas com um látigo e chamando-os de ladrões que haviam convertido a casa de seu Pai em um covil.

Eu protestei ante meu rabi Nicodemo, pois os mercadores permitiam cumprir com as demandas do sacrifício.

“Guarda tua língua, Judas”, respondeu-me. Pois em sua austeridade meu rabi havia colocado uma cerca na maledicência, e não era como outros fariseus que se entregavam à censura e à murmuração.

“É preciso que encontremos o fio de nossos pais”, disse. “Porque naquelas

palavras que à noite queimaram meu coração, o rabi Nazareno me disse a verdade...”

Não pude suportar essas palavras. Meu coração se agitou com violência e a meus olhos chegaram rios de lágrimas e senti a dor de meu rabi como se fosse minha. Eis aqui, me dizia eu em silêncio, eis aqui que meu rabi se confessou em trevas, quais não serão, pois, as minhas? Quais serão, pois, as da juventude de Israel? Meu rabi, luz das luzes, refúgio de nossa juventude, me disse que também está em trevas e já não terá mais uma resposta precisa para dissipar nossas dúvidas e me abandona no meio de uma multidão de estranhos sentimentos.

E me senti perdido como uma criança de peito a quem sua mãe abandona para ocultar sua vergonha...

## 5

Marchamos juntos, em silêncio, em direção ao Templo.

E, ao chegar aos pátios, não foi difícil encontrar o rabi Nazareno.

Rodeava-lhe uma multidão e nela também havia alguns fariseus.

E o silêncio que encontramos estava repleto de ameaças.

Muitos na multidão abriram passagem para que meu rabi Nicodemo se aproximasse, pois todos o conheciam e o estimavam como um homem de virtude e saber.

E vi o rabi Nazareno.

Pôs sobre nós seus olhos, em silêncio. E neles brilhava um estranho fulgor, mas seu rosto era sereno e forte e quando pôs seu olhar em mim, acreditei notar nele uma mensagem especial que me mandava sua alma, e senti que sua alma sorria e a minha também, e senti que nesse olhar ele me saudava com boas-vindas, como somente dá quem tem estado separado durante muito tempo de um ser que ama.

Houve alegria em meu coração; mas meu pensamento permanecia turvo.

Soube nesse mesmo instante que esse estranho homem seria meu rabi, e que eu também sentaria a seus pés para beber de suas palavras; então, senti uma dor aguda em meu coração, porque significava que eu haveria de deixar meu rabi Nicodemo para ir junto desse estranho profeta que procedia da distante Galileia, de onde nada de bom poderia vir.

Houve ainda mais angústia em meu coração. Uma hora antes meu rabi havia me deixado tal qual uma criança abandonada às suas próprias trevas, perdido o fio o qual pensava encontrar aos seus pés. E eis que o Nazareno dava-me sua silenciosa boas-vindas, e, por um instante, pensei que ia me perder nele e com ele.

Foi apenas uma olhada, porém ela me mostrou um destino que se expandia de uma estranha forma, impossível de descrever com palavras. Intuí um destino que não corria na largura, nem na altura e nem no comprimento, senão que fazia destas três proporções uma distinta proporção na qual estavam todas as demais. E era um estranho mundo no qual me sentia perdido.

Porque por um instante não tinha sido eu, senão o rabi que me olhava, e tive medo, e meu coração turvou-se e logo voltei a ser eu mesmo, e olhei-o.

Ele também olhou-me, e desta vez sua alma sorriu dentro de mim e me senti perdido.

Foi uma estranha experiência a dessa manhã.

Voltei meus olhos para meu rabi Nicodemo para implorar seu auxílio, mas ele já se havia afastado de mim e estava ouvindo alguém que lhe explicava o incidente

do momento. Mas eu poderia jurar que estávamos todos vivendo nesse lugar há séculos.

“Responde”, disse um fariseu ao Nazareno.

Meus olhos fixaram-se no estranho rabi; vi-o traçar um círculo na terra, com a ponta do pé, e nele envolveu a mulher que estava ao seu lado e em quem eu ainda não havia reparado. A mulher estava envergonhada, mas o círculo que o rabi havia traçado na terra envolveu a ela também. E ainda agora juraria que nada poderia penetrar nele.

O ambiente estava tenso, impregnado de ameaças. E eu me propunha a defender o Nazareno porque ouvia às minhas costas palavras de impaciência e de maldade; mas ele me acalmou com seu olhar sereno e, da mesma maneira que antes havia agitado meu coração, agora o acalmava. E fiquei quieto, em paz, esperando.

E o Nazareno, fixando seus olhos nos fariseus, disse:

“Se a haveis surpreendido no ato, e constatais seu adultério, eu digo: lapidai-a conforme a lei”.

Correu um murmúrio nervoso e de triunfo entre a multidão. A mulher tremeu de medo e de seus olhos caíram duas lágrimas aos pés desse homem cuja palavra havia vibrado íntegra e suave no meio da multidão. Mas o burburinho logo se apagou, porque o rabi Nazareno voltou a mirá-los e os silenciou.

“Mas que atire a primeira pedra aquele que, entre vós, se considere livre de pecado.”

Grande e temível foi o silêncio que se seguiu a essa palavra. Porque no coração de todos os judeus o pecado estava sempre vivo, e diariamente tinham de recorrer aos rituais de purificação para ficarem limpos conforme a Tradição. E havia consciência neles de que nem sempre se cumpria como é devido com os rituais de purificação. Ninguém ousou dizer que estava puro e limpo de pecado. Entretanto, essas palavras do Nazareno haviam sido uma adaga incrustada em carne viva, e o ódio se desenhava nos rostos dos homens e dos fariseus, pois grande é a fraqueza humana e sempre é melhor e mais cômodo ver o pecado alheio e ignorar o próprio; é fácil sentir-se virtuoso ante o impuro e amar a virtude para dar cumprimento à Escritura e não para limpar de maus pensamentos o próprio coração. Assim nos havia dito nosso rabi Nicodemo, tal era sua virtude, tal era sua austeridade. E senti então como o destino se urdia para os tempos que viriam, e porque o coração de meu rabi Nicodemo havia-se turvado na noite anterior. Agora também havia-se turvado o meu, e soube, sem palavras, que o rabi Nazareno tinha a potestade da Verdade, e que nele haviam se unificado a graça e a lei...

A multidão se debandou rapidamente, e com ela marchou Nicodemo, sofista, incomodado pelos novos presságios que delatava seu rosto. Eu fiquei só, ante o rabi de Nazaré, sem poder me afastar.

Ouvi-o dizer à mulher:

“Onde estão os que te condenavam? Nem eu te julgo. Vai e não peques mais.”

Que lei regia a conduta desse homem para quem as Escrituras pareciam não existir? Em que águas bebia sua sabedoria? Que Tradição havia formado sua alma?

Todas essas palavras se alçavam em minha mente como um torvelinho, e meu coração estava sem poder entender, quando o rabi, dirigindo-se a mim, me disse:

“Bem-vindo, Judas de Kariot. Aproxima-te de mim”.

E aproximei-me com temor, mas o rabi pegou-me pela mão e me fez entrar no círculo que havia traçado com o pé, na terra, e me tranquilizei.

“Rabi, como sabes meu nome?”, perguntei.

“Todos somos irmãos e filhos do mesmo Pai, pois seu anelo é o nosso”,

respondeu. “Por que, então, não haveria de conhecer-te?”

Ambos guardamos silêncio; ele olhava meus olhos e eu os dele, e cada vez mais sentia a esse homem em mim, e eu nele, mas não conseguia explicar-me, tampouco compreender.

“Não te inquietes agora, Judas”, disse. “Dia chegará em que compreenderás o que sentes agora, até então o trânsito da chama à luz é árduo.”

Passou um breve silêncio, até que ele me disse:

“O que haverias feito tu em meu lugar?” Eu entendi que se referia ao juízo que havíamos presenciado recentemente. A mulher se afastava de nós, voltando a cada instante um olhar ansioso sobre esse rabi.

Mas não pude responder. Grande era minha confusão, porque a lei condenava o adúltero ao apedrejamento quando o surpreendia no ato, mas eu sabia que muitos eram os casos de adultério cometidos em segredo e sem testemunhas. E, assim, muitos andavam livres de suspeitas e os homens nada diziam, porque nada sabiam sobre o adultério que era mantido em segredo. E isto não estava contemplado nas leis dos homens e meu rabi Nicodemo nos havia dito que esse adultério unicamente o contemplava a lei de Deus, a quem ninguém pode mentir de coração. Tal era a virtude de meu rabi Nicodemo, e, às vezes, sua autoridade se apartava da letra da lei e nos dizia que um pecado em segredo é um duplo pecado, porque há mentira e covardia nele, e o escândalo ante os olhos do Senhor é sempre maior que o que se faz ante os olhos dos homens.

E esse rabi de Nazaré me disse:

“O rigor da lei corresponde sempre ao que se oculta no coração humano, Judas. Não o esqueças, para que aprendas a julgar com justiça. Por seus juízos conhecerás o coração dos homens. Mas meu Pai, que está nos céus, misericórdia quer e não sacrifícios; quer um coração faminto de seu amor e sua sabedoria, ainda que seja um pecador, pois, às vezes, a virtude isolada do Bem pode ser pior que o próprio Mal”.

Esse rabi destruía a lei e as interpretações dos doutores, e me escandalizei; mas, em meu coração havia dita, porque suas palavras brotavam de onde eu não me atreveria a nomear nem nos meus mais piedosos sonhos. E esse homem falava sem nunca se referir às Escrituras, como faziam os eruditos e ainda os sábios de Naim, em cujos pés também eu havia sentado.

“O Pai a nada julga, mas deu todo o juízo ao Filho. E não tenho vindo para julgar os homens, mas sim para dar testemunho da verdade”, disse-me. “Há quem julga os homens, e muitas são as formas de adultério, e o desta mulher quiçá não seja porque há fornicções que abomina meu Pai que está nos céus. E quando cheguem a quem os julgue dizendo que têm retirado demônios e tem feito muitas coisas em seu nome, eu lhes direi nessa hora: ‘Afastai-vos de mim, obreiros da maldade’.”

Estranhas palavras, estranha sabedoria que me inquietava.

“Vens comigo, Judas?”, perguntou-me, começando a andar.

E eu o segui.

Não sabia, até então, mas a partir desse dia tenho andado sempre com ele de geração em geração, porque nosso destino estava unido desde o começo dos tempos.

Disse-me muitas coisas insólitas; mas tudo no seu devido tempo.

Pois a alma do homem sobe despregando suas asas pouco a pouco, à medida que a luz se expande nas trevas.

Muitas vezes quis perguntar-lhe o que havia feito comigo naquele dia no pátio do templo, diante da mulher adúltera, pois, às vezes, vinham a Jerusalém magos caldeus que demonstravam suas perícias, mas meu rabi Nicodemo nos havia afastado desse caminho. Agora, esse rabi de Nazaré dizia palavras de sabedoria sem se apoiar

em Escritura alguma, mas tinha um poder superior ao daqueles magos que atraíam discípulos para sua estranha ciência.

“Quando o homem tem fome pode converter as pedras em pão”, disse-me.

“Mas eu tenho um pão que saciará toda fome e uma água que acalmará toda sede. E ao que quiser comer eis aqui que lhe dou, e ao que quiser beber eis aqui que lhe digo: beba. Porque mesmo nas pedras encontrarás o Verbo de Deus.”

“Quero de tua água e de teu pão, rabi”, respondi-lhe, sem poder me conter.

“Eu sei”, contestou-me.

“Quem és, rabi? Só um homem do céu, verdadeiro, pode dizer e fazer as coisas que tu dizes e fazes. Não há o temor a Deus em teu coração?”

“Não, Judas; não há temor em meu coração. Meu Pai que está nos céus é o único Deus e sua bênção é de amor. Quem a mim ama, amará a Ele, e Ele o amará em mim. Não tenho vindo para ab-rogar a lei ou os profetas, senão a dar-lhes cumprimento. O temor oculta-se somente em um coração incerto, e um homem assim nubla o seu entendimento sobre o Reino dos Céus. Mas é necessário que assim seja no começo, até que o homem aprenda a ver a luz de seu próprio coração e a ouvir com a voz de seu amor. Por isso digo que o Pai, que está nos céus, misericórdia quer e não sacrifício. E o que é um coração misericordioso, senão um coração pobre no amor-próprio e anelante do amor de Deus?”

“Sancionas por acaso o mal, rabi?”, perguntei-lhe.

“Há aqueles que falam sobre o bem e o mal, mas que nada sabem da vontade do Único Bem e por isso precisam de juízos e condenações. Mas se nossa justiça não fosse superior à deles, seríamos muito pequenos no reino dos céus. Tão perfeito é o amor do Pai que faz que seu sol abrigue por igual justos e pecadores. Assim é preciso que seja a nossa perfeição, pois tal é a misericórdia. Como explicar o inexplicável? Qual orvalho silencioso e invisível ao amor de Deus move os homens de diversas maneiras e tudo quanto anelo em seu serviço é ensinar o homem a receber por si mesmo a bem-aventurança. Só mostro um caminho pelo Espírito Santo, para que o homem aprenda a julgar com justiça.”

Muito sutil era a diferença que esse rabi traçava entre os homens, mas não me atrevi a perguntar mais e continuei em posse dele.

Poucas oportunidades tive para falar a sós com ele desde essa vez. Estava aqui, estava acolá e, onde quer que fosse, sempre se formava uma multidão em torno dele e ele falava em parábolas e anunciava o Reino dos Céus. E com os demais homens, impuros como eu, que lhe seguiam como discípulos, costumava falar a portas fechadas e eles saíam com o rosto iluminado, ou seriamente preocupados. Mas quando quis falar-lhes das palavras e feitos de seu rabi, todos guardavam prudente silêncio.

Um dia o rabi me disse:

“Vens comigo, Judas?”

“Rabi”, respondi-lhe, “Meu coração está em ti, mas me pesa muito deixar meu rabi Nicodemo.”

“Não haverás de deixá-lo.”

“Como posso entender tuas palavras? Vem comigo, me dizes, quando estás de saída, e também que não deixarei meu rabi Nicodemo? Como pode ser isso?”

“Se pudesses ter um pão e uma água que acabasse com a fome e acalmasse a sede de todos os tempos, guardá-los-ia somente para ti?”

“Tu bens sabes que não.”

“Então, Judas, segue-me. Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. E partirás o pão que eu te dou com teu rabi Nicodemo, pois quem está em mim, em meu Pai está,

e o amor de meu Pai oculta-se nele, porque meu Pai e eu somos uma única coisa. Vens comigo, Judas?”

“Vou, rabi”, disse-lhe.

Mas, em meu coração, houve um amargo pranto, e naquela noite me despedi de meu rabi Nicodemo. E ainda que não me dissesse, vislumbrei em seu olhar a ânsia oculta de recobrar o fio que corre escondido de geração em geração, e que o rabi Nazareno dizia que era o Reino dos Céus e que ‘esse reino está em vós mesmos’.

## 6

Grandes e belas coisas disse-nos meu rabi Jesus, durante aqueles meses em que vivemos com ele, sem outro lar que o amor ao Pai que está nos céus. E junto a ele aprendemos aquilo que é o mandamento de buscar primeiro o Reino de Deus e sua Justiça, e muito nos foi dado por acréscimo.

Meu rabi curou enfermos, deu visão a cegos e limpou leprosos.

“Onde está teu poder, rabi?”, perguntei-lhe um dia.

“Por mim mesmo nada posso fazer”, respondeu-me.

Sua palavra era breve, sua austeridade não era severa. Em algumas coisas o peso de seus mandamentos era maior que o peso da lei de nossas Tradições, e, em outras, era mais leve.

Grandes e belas coisas nos disse sob céus estrelados e sob a luz do sol!

Grandes e belas coisas que o homem já esqueceu. E havia escribas que anotavam tudo o que ele dizia, mas não anotavam o que ele dizia somente para nós.

Um dia, relatou a parábola do traje de bodas, agregando que quem tem lhe será dado e terá ainda mais, e quem não tem ainda o pouco que tem lhe será tirado. Perguntamos como um homem poderia fazer este traje e ele respondeu que havia somente uma resposta para estas perguntas:

*“Amarás a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo”.*

Esse era o mandamento principal, e nos urgia cumpri-lo em nossos atos, em nossos pensamentos, em nossos sentimentos, e continuou:

“Se isso não sabeis cumprir, vos estará vedada a vigília da verdadeira oração”.

E acrescentou:

*“Velai e orai para que não caiais em tentação”.*

E, aos poucos, a dúvida nos inquietava e ele então explicava:

“Não podereis velar sem orar, e não podereis orar sem velar”.

E quando havíamos escrito a Oração do Senhor, o Pai-Nosso, nos urgiu a desentranhar o significado de cada uma das suas palavras, porque nosso propósito era de Santificar Seu Nome em todas nossas ações no mundo, porque sem esta santificação a lei de Deus seria coisa morta.

“Ao orar, não percas o fio secreto de vosso mais íntimo pensamento. E não vos angustieis por vossas necessidades, porque o Pai que está nos céus sabe o que haveremos de precisar mesmo antes de pedirmos. Pois ELE também criou vossas necessidades.”

Durante muito tempo permaneceram obscuras essas palavras, e entre nós ocorriam frequentes disputas sobre seu significado e sobre o galardão que haveríamos de encontrar nos Reinos dos Céus.

Pois nosso rabi lia em nossos corações e costumava dizer-nos:

“Não julgueis para não serdes julgados, pois com a medida com que julgardes

sereis julgados. Tudo o que é dado ver por fora é somente um reflexo do que se oculta em vosso coração e o mundo e os homens são o que sois vós”.

Muitas palavras se espargiram entre as pessoas, porque meu rabi falava e dizia segundo o que lhe perguntavam, mas nem todos podiam entendê-lo. Um dia, disse:

“Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra, e bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados”.

Então ocorreu que vieram homens dos fariseus, mas meu rabi não quis falar com eles e alguns de nós disputamos sobre o significado que eles buscavam nessas palavras. Mas o significado delas estava oculto no coração de cada qual e o anelo de justiça havia de ser o anelo de ser justo mais que o de receber justiça.

Pelos povoados sempre havia enfermos para serem curados, possessos para serem aliviados. E aos poucos encontrávamos neles escribas de todas as partes do mundo que anotavam com grande zelo as palavras de meu rabi. Foi então que ele nos disse:

“Guardai-vos da levedura dos fariseus. O Reino que vos falo não é deste mundo e eu tão-só tenho vindo para vos mostrar o caminho e dar testemunho da verdade”.

## 7

À noite, meu rabi velava de joelhos, enquanto nós dormíamos. Algumas vezes levou-me com ele até as colinas e falou-me de suas aflições. Porque sofria, e aos poucos dizia, suspirando como preso de grande dor:

“Grande é a messe, mas faltam ceifadores”.

E explicou-me muitas coisas que até então não havia explicado aos demais. E quando lhe perguntei por que me isolava assim dos demais, disse-me:

“Eles dormem com o coração tranquilo porque encontraram parte do que buscavam, mas tu, Judas, não tens encontrado a tua, e teu cálice será amargo de beber, mas teu galardão será grande nos céus. Mas eis que aqui desabarará sobre todos nós uma grande tormenta e haverá inquietudes nos corações tranquilos, mas o teu será sacudido em sua solidão e encontrarás paz somente no gozo do Senhor quando se tenha cumprido a lei. E quando tudo houver passado, ressoarão minhas palavras, no fim dos séculos, pois tudo passará, mas elas não passarão”.

Essas obscuras palavras de meu rabi produziram em mim longas noites de agonia, pois, através delas, começava eu também a entrever o destino. Foi pouco tempo depois que anunciou a todos:

“Acaso não fui eu que vos escolhi e ainda assim um de vós é *diabo*?”

## 8

Todos anelávamos ver-nos livres da opressão da Roma Imperial, mas meu rabi falou-nos de uma opressão pior que a de Roma, a opressão das trevas externas, onde sempre há choro e ranger de dentes, e acrescentou que poucos eram os que podiam compreender essas palavras.

Nosso rabi não tirava palavras da Torá, senão de seu próprio coração, e passou um tempo antes que eu pudesse entender por que ele nos falava os mandamentos da

lei e acrescentava: “*Mas eu vos digo*”. Com isso, supria aquilo que faltava nas palavras da Torá e todos os dias produzia em nós o entendimento vivo, feito sangue e convertido em carne em nós. E em alguma oportunidade nos disse que a letra das Escrituras era coisa morta, como era a filosofia dos escribas gregos que costumavam visitar-nos e ouvir meu rabi, e que só tinham vida quando o homem ia da morte à vida, por amor. Os doutores da Lei e os escribas ajustavam tudo à Torá e eis que seus corações estavam secos e apergaminhados como o papel em que estavam impressas as suas Escrituras. E por esse motivo chegou o dia em que muitos deles começaram a murmurar, dizendo que meu rabi andava por caminhos de pecado. E então o coração dos doze que o seguíamos turvou-se mais de uma vez.

Meu rabi também nos dizia sobre o gradual ir de vigília em vigília, sempre orando no segredo de um coração ardente, porque este despertar gradual precedia a morte do efêmero, sem o qual não há vida eterna possível. Dizia-nos que sem esta morte não há nem amor nem regeneração. E falava também daquilo que Moisés havia dito aos nossos pais, daquilo que nos era inacessível, porque é o Reino de Deus e que estava à flor da pele, dentro da pele, e no mais oculto dos ossos e em todas as nossas entranhas, mas, principalmente, em nosso coração e em nossa boca.

E, na verdade, está tão perto de nós que, quiçá, não o possamos advertir. Mas eu o encontrei e soube que era.

E quando assim ocorreu, caí prostrado aos pés de meu rabi, e disse-lhe: “Rabi, rabi, louvado seja teu nome pelos séculos dos séculos”.

E ele respondeu:

“Judas, jamais o esqueças, e assim ocorrerá que, com o tempo, o homem também poderá entendê-lo e o saberá e o viverá, pois lhe será dado penetrar no sentido de que EU SOU O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA”.

E, olhando-me nos olhos, disse-me com uma voz profunda:

“Eis que tenho convertido água em vinho. Mas virá a hora em que o diabo converterá o vinho em vinagre”.

E jamais esqueci essas palavras. Por isso é que agora posso escrevê-las em teu coração com letras de fogo, para que a ti seja dado saber e conhecer como Deus está no céu, na terra e em todo lugar, e como o homem pode estar com Deus de coração.

E aquilo que era o mais íntimo de mim mesmo, e mais real ainda que o meu próprio nome, não era só meu corpo; o era e não o era; meu corpo não era senão a morte na qual o amor o despertava para a vida. E de meu próprio corpo devia partir no caminho do regresso. Assim também as pedras no deserto, como tudo no Universo, estavam impregnadas de Deus pelo Verbo, mas para o homem nem tudo era Deus, ainda quando Deus seja tudo.

De modo que quando nosso rabi nos disse que se nosso amor por Deus nos traria padecimentos e lágrimas na terra, sinal era de que o oposto, o céu, se encontrava muito próximo de nós, e que isso seria nossa consolação, pois todo aquele que chora tem consolo, segundo seja o que motiva suas lágrimas.

E assim pudemos entender a parábola do Filho Pródigo, pois todos nós começamos a sê-lo. Também, desde esse dia, compreendi e venerei Maria, a prostituta de Magdala, e ao publicano Levi, pois era evidente que neles também a morte despertava à vida por amor, assim como a João seu amor por meu rabi o havia livrado de caminhar por nosso vale de lágrimas.

E em nossos corações houve grande regozijo.

Mas, no fundo do meu peito, continuava ardendo uma secreta inquietude e grande era o meu anelo de dar do que era meu para meu rabi Nicodemo e aos demais Anciães do Sanedrim.

Assim também compreendi que as medidas de uma vigília não podem ser as mesmas que as de outra. Porque na vigília o ser verdadeiro cresce e cresce, e se transforma até que o prazer e a dor deixam de ter realidade e se convertem somente em formas agudas de uma mesma substância. E no homem há seis modos de vigília, seis maneiras de obrar. Um são obras do Pai, outras são obras do Filho, outras do Espírito Santo e também há as de Satanás, e em todas elas se encontram a vida, o amor e a morte.

E eu soube que quem desperta no caminho da regeneração vai de uma a outra vigília, e assim compreende que de nada vale ao homem ganhar a terra se com isso vier a perder sua alma. E que Deus Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra, para ele deu potestade à Comunhão dos Santos por seu Espírito Santo, para o perdão e a remissão dos pecados para que os pecadores levem também em si a vida eterna na eterna vigília, amém.

E assim como a alma vai se forjando pouco a pouco de uma vigília à outra, assim também as forças que a integram vão se perdendo pouco a pouco para aquele que esquece o Espírito Santo. Nada se ganha de uma só vez, nada se perde de uma só vez. Tudo depende de como o homem anda na infinita ronda em que Deus existe, indo da vida, por amor, à morte, e como o homem sabe de sua existência indo da morte, por amor, à vida.

Por isso é que meu rabi falava em termos de comércio e dizia “ganhar” e “perder”, porque para tudo há de se pagar um preço, e quando se lhe paga sabe-se que é aquilo que é o infinito e que anda e anda na eternidade.

Também dizia que somente podem sanar-se aqueles que sabem que são enfermos.

E quando as multidões de mendigos, enfermos e pobres o assediavam, ele costumava dizer:

“Olha esta geração e nela vede como se tem escravizado à sua própria cegueira. Ama a sua dor e ama seus males. Dizem-me: ‘Dá-me, dá-me, dá-me’ sem sequer se atrever a suspeitar que aquilo que me pedem levam em si mesmos e por direito próprio. Mas só sabem pedir, não sabem receber. E são avaros, ainda quando nenhum deles é culpado da sua sorte. Mas vós, que podeis ver, cuidai-vos muito de confiar naquilo que não emana de vosso próprio coração, porque em meu caminho somente anda quem quiser dar. A estes outros, conquanto eu lhes dê, me seguirão. Mas se lhes dissesse: ‘Despertai para que aprendais a dar’, me apedreariam. E dia virá em que me apedrearão”.

E se afastava da multidão, mas seu coração permanecia com os pobres, ainda que tivesse reparos a fazer deles:

“Quanto pecado e quanta iniquidade há naqueles que fazem da pobreza um meio e evitam a senda da alegria. Por isso eu lhes digo hoje: poucos são os verdadeiramente pobres, miseráveis são muitos. E tão miserável é aquele que se revolve em meio à sua riqueza como quem se regozija em meio à pobreza. Porque o pobre que faz de sua pobreza uma profissão é um ladrão que rouba o amor que se oculta no coração piedoso. Um verdadeiro pobre é grato ao coração de Deus e se fará rico, pois se fará livre até do desejo da pobreza. E haverá muitos ricos a quem lhes serão abertas as portas do céu porque não se revolvem em seu seio, e haverá muitos pobres que serão lançados ao inferno, onde há choro e ranger de dentes”.

Essas estranhas palavras sacudiram nossos corações, mas nosso rabi nos disse ainda mais:

“O que o homem tem não é do homem, senão de Deus. E a Graça de Deus chega aos homens pela Comunhão dos Santos, as sete potestades que estão à direita

do Pai. E uma delas escraviza o homem, afastando-o de sua vigília íntima e é a tentação, cuja origem sempre é o esquecimento do santo e sagrado. Por isso muitos são os chamados e poucos os escolhidos. Aqueles que escolhem a recordação da íntima divindade, esses serão os escolhidos, pois para eles o juízo do Filho não será prejudicial”.

## 9

O destino do homem se tornava mais claro em meu entendimento. E, numa noite, numa solitária colina, enquanto os onze dormiam, aproximei-me de meu rabi para que me dissesse o sentido de suas palavras quando anunciou que haveria tribulações em mim.

“Não temas, Judas”, disse-me. “Tu também me acompanharás e me ajudarás no caminho da regeneração para que outros também sejam salvos. Eles”, disse, estendendo sua mão para os onze que dormiam, “encontraram sua alma e há paz em seus corações. Tu, ao contrário, haverás de perder a tua antes de encontrá-la. Ainda não podes compreender o sentido de minhas palavras, mas eu te prometo que um dia compreenderás e, então, também haverá paz em teu coração e tua tarefa não será tão difícil.”

Nessa noite meu rabi abençoou-me de uma maneira estranha.

Perguntei-lhe se profetizava o mesmo para todos, e ele respondeu:

“Não, Judas, porque meu reino não é deste mundo. Se fosse, há muito tempo que sobre minha fronte levaria uma coroa ainda mais esplêndida que a de Salomão. Mas tu me verás coroado como o mundo coroa a todo Filho do Homem. Chorarás nesse dia, mas teu caudal de lágrimas será como uma corrente oculta nas profundezas das águas dos rios, e que conduz a uma fonte mais além dos cumes das montanhas, em vez de conduzir ao mar. Por essa corrente vives e por essa corrente servirás para que outros também remontem ao rio dos destinos”.

A inquietude que me produziram essas palavras foi um impulso que me lançou a insondáveis abismos, e novamente senti aquilo que havia sentido com as palavras de meu rabi Nicodemo, aquele vagar perdido como de uma criança que chora quando se vê abandonada sem peito materno do qual recebe vida e amor. Meu rabi me observava em silêncio, e havia grande ternura em seu coração, e me disse:

“Logo terás de voltar armado de espada para o mundo dos homens. Irás como um recém-nascido, mas não temas o juízo dos homens, porque tua vida será a vida do Pai que levanta os mortos. E recorda que o Pai a nada julga, mas deu todo o juízo ao Filho. Tampouco temas àqueles que matam o corpo, mas teme a quem pode destruir a alma”.

Recordei então meu rabi Nicodemo e suas reflexões, e fiquei pensando por um instante nele, nas palavras que há muito tempo não ouvia, e disse:

“Rabi, rabi, tende piedade de mim, o mais aflito de todos os seus discípulos. Assim como o Pai dá vida e levanta os mortos, e assim como também o Filho aos que ama também dá vida, assim a ti te declaro Filho de Deus, o Cristo vivo, e te suplico dês vida e acalme a agonia de meu rabi Nicodemo”.

Guardei silêncio e meu rabi também.

\* \* \* \* \*

Então, uma grande Luz, como jamais o homem poderá imaginar, envolveu-nos aos dois.

E ouvi grandes palavras de verdade faladas no Reino dos Céus.

E prostrei-me aos pés de meu rabi, e exclamei:

“Já sei quem és!”

\* \* \* \* \*

Mas meu rabi pôs sua mão sobre meus lábios, olhou-me ternamente e disse-me:

“Judas, bem-amado de meu coração. O que tens visto, cala-o por enquanto, porque não chegou ainda a minha hora. E é preciso que se cumpra o destino e tu me ajudarás nele”.

E me disse muitas belas e formosas palavras de verdade, sem pronunciá-las; e todas se gravaram em meu coração.

Depois, falando com a boca, disse-me:

“Não temas por Nicodemo. Foi dado a ti conhecer coisas do céu que Nicodemo ainda não pode compreender. Porque não trago paz, Judas, senão espada. E quem de mim recebe a espada e faz guerra em si mesmo, esse será salvo porque velará. Não há inimigos da vida, só há inimigos do homem. E assim será também salvo Nicodemo, quando tenha a espada e não necessite mais dela. Assim é contigo. Então tu acalmarás as águas e declararás aquilo que o Pai colocar em tua boca nesse instante, pois não serás tu quem fala, senão o Espírito do Pai que falará em ti”.

E compreendi o que o meu rabi queria.

E houve também lume e luz em meu coração, e soube que eu também tinha de dar a espada, e que a espada dá guerra ao que está em paz, mas dava paz para quem estava em guerra.

E louvei ao Pai que está nos céus, e a seu Filho Unigênito, que era meu rabi Jesus.

Então ele me disse:

“Judas, sê simples como a pomba e prudente como a serpente”.

Mas a minha espada não era como a de meu rabi; eis que em vez de cortar as amarras com que os pés dos homens se agarram às trevas externas, a minha haveria de cercear o fio com que a alma se sujeita à luz.

E, elevando os olhos para o meu rabi, assim lhe disse. E vi em seu rosto duas lágrimas que brotaram de seus olhos, e então beijou-me com amor e disse-me:

“Judas, eis que te chamo meu amigo, mas o mundo dificilmente compreenderá que o és em espírito e verdade. Mas chegou a hora em que te lave os pés, pois aquilo que é necessário, que cumpras logo, e de duas maneiras se faz: sabendo tudo e por quê, ou ignorando o serviço. E o homem sempre preferirá ignorar a verdade e verá somente um aspecto de Deus, e em seu extravio crerá que o terá conhecido no todo. Mas tu e eu cumpriremos agora como é preciso que se cumpra toda a justiça do Pai. Bem-aventurado quem possa entender o que agora se oculta em seu coração, Judas”.

De meus lábios brotou o reflexo de Luz que ali havia, e respondi:

“Bem-aventurado tu, meu rabi, Filho de Deus. Porque tu és o ‘sim’ e eu serei o ‘não’ para o homem. Eis aqui que te vejo como a luz que dissipa as trevas e serei teu

reflexo nas mesmas trevas, para que os homens saibam que caminho seguir, que caminho evitar, na alma à luz de teu amor, de onde brota a chama do fogo de meu zelo”.

Meu rabi olhou-me novamente e disse-me:

“Em virtude de teu zelo muitos poderão compreender que eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida e não me rechaçarão”.

Novamente sua graça voltou a iluminar meu entendimento e acrescentei:

“MAS EU SOU O DESERTO, A ILUSÃO E A MORTE, E MUITOS A MIM VIRÃO”.

\* \* \* \* \*

E uma vez mais nos envolveu a Luz, e nela conheci o terrível mistério oculto nas poucas palavras repetidas por meu rabi:

“O Pai a nada julga, mas deu todo o juízo ao filho”.

E tremi de terror.

\* \* \* \* \*

Pois o homem sabe isso mesmo na sua ignorância, e por isso havia vindo a nós nosso rabi Jesus, para nos indicar o Caminho, a Verdade e a Vida.

Porque no coração humano jamais surge uma inquietude, a menos que a consolação esteja pronta, e não há anelo que não esteja florescido ainda antes de nascer.

E nesse instante se formulou em meu coração o voto de amor para o homem do mundo. E entendi a minha missão, aquela que a Graça de Deus me indicava no amor para meu rabi e que meu rabi havia semeado em meu peito. E ainda quando minha alma se abateu e de meus olhos brotaram abundantes lágrimas, olhei para seus olhos e assim lhe supliquei:

“Rabi, rabi de meu coração. Eis que vejo chegar a noite e como haverei de perder-me nas trevas para que o homem seja salvo. Afasta de mim este cálice se assim é tua vontade e a de nosso Pai que está nos céus e ajuda-me a sobrelevar a agonia que me espera”.

Minhas palavras afogaram-se no desespero que sentia. E ao elevar novamente meus olhos para ele eu o vi chorando em silêncio, mas com amargura. Pois em seu coração havia mais dor que no meu. Ao cabo de um instante, na solidão da noite, suas palavras brotaram como um murmúrio cujo consolo ocultou-se em mim até que se fez a noite de minha alma e chegaram a ela as trevas. Disse-me:

“Judas, eis que em nome do Pai te prometo que nesse momento retirarei o aguilhão da dor em tua inteligência e somente te iluminará o fogo do teu zelo. Para que em virtude dele te seja passado o cálice da agonia que haverás de sentir quando chegue nossa hora. E no mais recôndito de ti mesmo saberás que nem mesmo o Pai te julgará e que meu juízo será juízo e não condenação. Pois o que é preciso que faças o haverás de fazer por mim e pela vida do homem”.

Compreendi então que meu rabi e eu estávamos unidos na eternidade. Que

onde quer que ele fosse, ali estaria eu também. Eu nele e ele em mim. Porque até então havia falado sempre de *sua* hora, e eis que dizia *nossa* hora.

E assim foi, assim é, e assim sempre será para quem não tenha olhos nem ouvidos.

E por isso ele acrescentou:

“Mas o tempo corre, e nele, nossa existência”.

Quisera eu agora iluminar em teu coração a verdade das coisas, não foi a minha vontade senão a do Pai e de meu rabi o que foi feito naquela fatídica noite. E por isso também aconteceu que no dia da Páscoa se urdiu a trama de tal modo que minguiu a luz de meu zelo e só ficou brilhando o fogo. Mas nem tudo foi manifesto e ainda não o é completamente. Para mim as trevas que haviam de ser chegaram ao mesmo momento em que meu rabi, compadecido de minha dor, insuflou a parte do esquecimento.

Pois do mesmo modo que o homem necessita da luz de meu rabi para orientar seu caminho ao Pai, assim também precisa da luz do meu zelo para não se ferir nos perigos do deserto. Porque é meu rabi quem ilumina o caminho que leva à plenitude de Deus, e eu quem o ilumina na aridez na qual gira e gira na eterna roda de ilusões, quando unicamente lhe arrasta seu zelo. Bem-aventurado quem puder seguir meu rabi sem ouvir a minha voz; bem-aventurado quem escutar a minha voz e nela reconheça também o meu rabi, porque somente assim poderá entender que não é possível servir a Mamon com a Graça de Deus.

A luz de meu rabi havia-me feito compreender que quando há luz e lume no coração do homem, lhe será dado compreender que há caminho porque há deserto, que há verdade devido à ilusão, e vida em virtude da morte. Pois, sendo criatura de Deus, semelhante é a Deus. Mas somente há caminho para quem sabe que está no deserto, e verdade para quem sofre a ilusão. Assim também há vida para quem reconhece a morte em si mesmo e morre e renasce em sua íntima vigília, orando. Eis que o homem sente a aridez do deserto pela graça do caminho e reconhece a ilusão à luz da verdade, pois, se o homem não conhecesse a luz desde o começo dos tempos, como haveria de reconhecer as trevas?

E porque era sua luz a qual me permitia ver, meu rabi sabia de meu entendimento e me disse nessa noite:

“Ainda terás de ver mais, Judas”.

## 10

E, pela terceira vez, nos envolveu a Luz.

E nela meu rabi conduziu meu entendimento aos pés do nosso Pai que está nos céus.

E o vi sentar-se à direita de Deus.

E eu fiquei à esquerda.

Mas o Pai, meu rabi e eu fomos uma só coisa nesse instante.

\* \* \* \* \*

E ante meus olhos desdobrou-se a vida, multiplicando-se nos atos de meu rabi,

pois junto a toda a vida brilhava mais plena a vida do homem. E nessa plenitude os feitos de meu rabi viriam a ser os atos de muitos homens; também os meus atos já estavam multiplicados.

E assim como isso era a trama oculta de todo o mundo, assim também era a trama oculta na vida do homem em si mesmo.

No homem, como no mundo inteiro, todo começo do Pai no coração humano é precedido da voz da consciência, a voz do anelo do Bem. E essa era a voz de João Batista, que endereçava os caminhos do Senhor. E tinha discípulos no mundo e no homem; uns ouviam e outros não podiam fazê-lo. E assim como João Batista refletia e anunciava uma luz maior, assim também havia sido e sempre será o nascimento do Caminho, da Verdade e da Vida no homem. Porque meu rabi tinha nascido de uma parente do Batista. Do mesmo sangue eram os dois. E eu, nascido nas longínquas terras de Kariot, era nascido de outro sangue.

Tudo quanto vinha à luz de meu entendimento se multiplicava em milhões de formas distintas, mas era somente a vida do Pai urgindo para que o homem também tivesse uma compreensão dela.

E essa compreensão surgia da contemplação dos fatos em si mesmo, pelo homem e no homem. Pois em seus primeiros tempos aquele que é o Salvador do homem há de fugir da ira de Herodes e permanecer oculto durante seu crescimento. Pois todo ser humano leva um Herodes dentro de si, como também um Batista e um Jesus. E todo homem sofre também a invasão de um opressor alheio a Israel, mas há de buscar o embrião de sua dor em Israel mesmo, em si. E verá os fariseus, os saduceus e as legiões de coxos, cegos, leprosos e mendigos estendendo a mão em busca de compaixão. E terá um publicano como Levi, uma prostituta como Madalena, e um Pedro e um João. Também um Pilatos e a mim, Judas, o homem que lhe há de vender ao mundo.

“Judas, contempla o mundo”, me disse meu rabi, “pois é a vida de Deus e nela não há nada morto, nada pode morrer. Tudo quanto é vida é Deus, e toda vida descende para logo ascender. Deus, o Pai que está nos céus, traz tudo dentro de si, mas Ele não existe somente para o homem, senão que está nele e é tudo quanto é. Mas somente ao homem lhe é dado desfrutar da inteligência de sua realidade. E quando sua compreensão se abre ao Verbo vem a ser o Filho de Deus, pois para o homem no princípio é o Verbo e o Verbo está com Deus e é Deus. E te digo agora, aconteça o que acontecer e faça o que fizeres, no amor do Pai serás, pois agora sabes como santificar seu nome. E ainda quando acreditares um dia haver amaldiçoado seu Espírito Santo, não será tua a culpa, pois uma potestade superior a ti te abrasará em seu fogo e esquecerás a Luz. Tal é teu voto para que assim se cumpra toda a justiça. Pois eu hei de morrer, descer aos infernos e no terceiro dia ressuscitar dentre os mortos, pois o Pai me deu vida para que tenha vida em mim mesmo, e em virtude dessa vida do Pai tudo há de ascender comigo, como é necessário que tudo ascenda até a plenitude de Deus.”

## 11

Assim ficou urdido o destino do homem por muito tempo. E nesse tecer todos fomos um fio que se multiplicou infinitas vezes no tempo.

Ocorreu um dia que chegaram “*certos Gregos*”<sup>24</sup> que também queriam subir a Jerusalém para adorar na festa. E falaram com Filipe, e Filipe falou com André, e ambos falaram a meu rabi.

E meu rabi e os gregos conversaram em segredo. E, depois, meu rabi reuniu a todos para nos anunciar:

“Está chegando a hora em que o Filho do Homem será glorificado”.

E, olhando-me nos olhos, fez-me recordar da nossa noite no monte, e acrescentou:

“Decerto, decerto vos digo que se o grão de trigo não cai na terra e morre, não germinará; mas se morre, muito fruto dará”.

Estas palavras ecoaram em meu coração, e no meu entendimento também compreendi que, assim como o grão de trigo produz muito fruto se morre em boa terra, assim também a cizânia muito fruto daria na mesma terra que o trigo. Pois a luz e o fogo juntos se vê e a chama do zelo pode ser lume e brasa. Mas, meu rabi, que lia em meu coração, elevou a voz e disse mais:

“O que ama a sua vida, perdê-la-á, e aquele que dela neste mundo se desapegar, para a vida eterna guardá-la-á. Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estiver, ali estará também meu servidor”.

Guardou silêncio por um instante e, olhando a todos nos olhos, nos disse sem palavras o que cada um havia de entender e fazer. E, estendendo seu olhar para mim, acalmou a agitação de meu peito, dizendo:

“Se alguém me servir, meu Pai o honrará”.

“Agora estava turva a minha alma, e que direi? Pai, salva-me desta hora. Mas por isso eis que vim nesta hora.”

E novamente pude entender a que hora se referia meu rabi, pois o seu tempo não era tão-só o tempo de Israel por esses dias, senão o tempo que havia de multiplicar-se para a glória de Deus. E nessa multiplicação, o que era agora um e divino em meu rabi, chegaria a ser muitos igualmente divinos na glória de Deus e pela graça do Espírito Santo. E nessa graça meu rabi exclamou com voz de trovão, que ainda agora ressoa no mais profundo da consciência de todo ser humano:

“Pai, glorifica teu nome!”

Então, todos nos pusemos de joelhos diante dele. E a Luz se fez em todos e a voz do céu falou no coração de cada um, vibrando com a emoção que meu rabi nos iluminava. E todos pudemos ouvir a voz do céu:

“Eis que eu o tenho glorificado e o glorificarei outra vez”.

E essa voz soa e ressoa e também se multiplica como antes se havia multiplicado em outras formas e seguirá multiplicando-se pelos séculos dos séculos. E nessa multiplicação ocorrerá a chegada de muitas horas de luz, somente quando a hora das trevas oprima o coração do homem.

A “multidão” disse que era a voz de um anjo, mas meu rabi, estendendo a mão sobre todos, nos disse:

“Não veio essa voz por minha causa, mas por causa de vós”.

E o milagre se fez para sua multiplicação, assim como meu rabi havia multiplicado uma vez os pães e os peixes. Pães para os famintos e peixes para aqueles que, havendo provado o pão, faziam votos de pescadores a fim de glorificar a Deus.

E meu rabi novamente nos disse:

“Agora é o juízo deste mundo; agora o príncipe deste mundo será lançado para

<sup>24</sup> João 12:20 (Nota GnosisOnline)

fora”.

E em virtude do milagre que já se havia produzido fora do mundo, nos anunciou sua promessa para todos os tempos.

“E se eu for levantado da terra, a todos trarei a mim mesmo.”

Com isso nosso rabi nos ensinou o milagre de toda multiplicação.

E cada um de nós sentiu o peso e ao mesmo tempo a glória da Lei e a Graça de Deus. E cada um soube o que precisaria fazer, pois cada um, ao seguir meu rabi, levava também a muitos em si mesmo. Porém, unicamente estarão com Ele aqueles que quiseram fazê-lo.

## 12

Então, meu rabi mandou-me antes dele a Jerusalém, advertindo-me:

“Judas, não temas aqueles que matam o corpo, mas sim aqueles que podem matar a alma”.

Jerusalém fervia de rumores. E minha aparência não era mais a mesma de antes, pois eu havia deixado de ser um fariseu. Por isso meus antigos amigos não me reconheciam nem nas ruas nem nos templos. Mas Nicodemo me reconheceu e falamos sobre meu rabi.

Nicodemo estava inquieto pela efervescência política que havia na cidade. Herodes e os seus, como também os zelotes, esperavam a entrada de meu rabi na Páscoa para incendiar a revolta contra Roma. Mas eu expliquei a Nicodemo o que meu rabi me havia explicado, que seu reino não é deste mundo.

Um centurião romano, amigo de Nicodemo, suspeitava de meu rabi e interrogou-me com grande preocupação, pois queria orientar a conduta do procurador Pilatos. Expliquei-lhe que meu rabi ensinava a adorar o Pai que está nos céus e não a César, e ainda que o César romano também fosse obra do mesmo Pai, o Deus de Israel era o único Deus Verdadeiro. O centurião riu de minhas palavras, mas eu o deixei em paz. Pois meu rabi nos havia ensinado a não julgar, e, no milagre da glorificação do Pai para todos os tempos, preciso era que sua luz caísse por igual sobre justos e pecadores.

Mas meu rabi Nicodemo não compreendia a justiça do Pai, e somente a justiça da Lei. Mas queria compreender, pois em seu coração o presságio era forte e o desejo de servir ao Senhor, poderoso. Por isso pediu-me que lhe ensinasse o batismo com o fogo do Espírito Santo.

E, recordando a luz de meu rabi, disse-lhe:

“Nicodemo, irmão. O Espírito Santo é santo porque é invisível, inaudível, impalpável fora do coração humano. Mas há a quem chegue como um perfume e para outros com o sabor do leite e do mel que comeram nossos pais, aqueles que sabiam qual era a terra prometida aos judeus. Por isso não se pode explicar o que é o Espírito Santo com palavras deste mundo. Pois é imaculado, e em todas as coisas deste mundo que ele toca recebe a sua mácula. Por isso, meu rabi insiste em nos dizer: “Bem-aventurados os de coração puro, pois eles verão Deus”. Poderia ser de outra maneira, Nicodemo? Mesmo no entendimento de todo pecador brilha a luz, mas nem todos os pecadores sabem que são pecadores, e por isso nem todos ousam voltar seu rosto para ela. Pois não há luz nem fogo do Espírito Santo para quem não *sofre* as trevas. E um coração puro há de estar vazio e limpo de tudo, salvo do anelo de Deus que Deus mesmo semeou em nossos primeiros pais. Mas é a luz que a

chama, mas a chispa não é menos que a luz”.

Nicodemo pensou um instante em sua confusão.

“É preciso que a Lei seja guardada pelos Anciões de Israel. Como, pois, teu rabi pretende que se semeie no coração das multidões?”, perguntou-me.

E respondi:

“A Lei chega aos homens pela graça de Deus, pois antes que o mundo fosse, o Pai é. Assim como meu rabi. Antes que Abraão fosse, ele é”.

“Blasfemas, Judas”, exclamou Nicodemo.

“Que a paz do Senhor esteja contigo, Nicodemo.”

“E com teu espírito.”

E tive de me afastar de Nicodemo, mas sabia que a luz aumentaria em seu entendimento, pois quando o Grande Sacerdote se inquietava também pelos feitos de meu rabi, em todos ardia a esperança da liberação.

Quando cheguei ao pátio do Templo, encontrei Caifás. Sabendo que eu era discípulo de Cristo, interrogou-me:

“Quiséramos obrar com prudência, Judas”, disse-me. “Mas devemos guardar o zelo da Tradição para que o povo não se perca.”

“Meu rabi não veio para revogar a Lei ou os profetas, mas veio dar-lhe cumprimento.”

A ira tomou o seu rosto, e nela vi um reflexo daquela visão na qual todo milagre já existia e se multiplicava. Vi nesse instante como o rosto de Caifás e mesmo seus pensamentos e seus sentimentos também se multiplicavam nos tempos que haveriam de vir.

“Pretendes dizer, por acaso, que não damos cumprimento à Lei?”

“Meu rabi tem dito que nem todo aquele que clame ‘Senhor, Senhor’ verá o reino dos céus, senão aquele que fizer a vontade do Pai que está nos céus.”

“E como haveremos de conhecer essa vontade, a menos que interpretemos a Lei de Moisés?”

“Aspirando a graça de meu rabi Jesus.”

E também me afastei dele.

Naquela noite, inquieto, velava orando como nos havia ensinado nosso rabi Jesus; e, no meio de minhas orações, ouvi sua voz vibrando dentro de meu peito:

“Jerusalém, Jerusalém! Que tendo olhos não vês; e ouvidos não ouves. E toda palavra de profeta é lapidada em ti. E assim é com o homem em seu minguido entendimento. Um dia gritará ‘Hosana!’, e em seguida ‘Crucifica-o!’ E em tudo isso há verdade, e assim há de ser. Porque na lapidação também há justiça. Pois as pedras se transformam em pão e o pão em Espírito Santo quando se cumpre com a vontade de Deus. Turvo é o meu falar, mas não é turvo meu dizer, que a luz brilhe no coração do homem para que possa abrir seu entendimento”.

E em minha agonia recebi consolo, pois vi que membro do homem era Jerusalém na multiplicação milagrosa que já bem conhecia. E como havia nela uma luta secreta entre o procurador do invasor estranho e os guardiães da Lei de Deus, e como na impiedosa guerra surda entre ambos surgia a dor das multidões de seres que deles dependiam, e como, porque ambos o ignoravam, havia dor e miséria em Israel.

Soube nesse momento que meu rabi entraria em Jerusalém.

E assim foi.

E poucos dias depois entrou montado em um jumento e não sobre um corcel. Vinha em tom de paz e de humildade e não em tom de batalha. Pois era necessário que o homem fosse salvo, e somente podia ser salvo não usando violência, mas deixando-se ver somente por aqueles que têm olhos e ouvidos para ver e ouvir.

\* \* \* \* \*

Anás, Caifás, o centurião romano que falava por Pilatos e vários fariseus discutiram três noites antes da festa da Páscoa. Nicodemo se opôs à violência que Caifás buscava e mandou-me chamar.

E quando havia se retirado com o centurião romano, fiquei a sós com Caifás e Anás.

“Que propósito move a teu rabi, Judas?”, perguntaram-me.

“Que o homem conheça a verdade e seja livre”, respondi.

Ambos sorriram sem ocultar o seu desprezo.

“É necessário prendê-lo”, comentou Anás.

Meu coração palpitou cheio de angústia, pois senti o poder de meu rabi instando-me a falar.

“*Eu posso dizer onde encontrareis o Cristo*”, anunciei.

E ambos me olharam com assombro. E nesse instante compreendi como a Graça de Deus também obrara em seu entendimento, pois, mais que a meu rabi, eles queriam ao Cristo. E assim agendamos uma entrevista para a noite seguinte.

E o comuniquei a Nicodemo. E Nicodemo compreendeu, e seus olhos se encheram de lágrimas, e nelas vi sua compaixão por mim.

Sete dias antes da chegada de meu rabi a Jerusalém dormi em Betânia, na casa de Lázaro, o ressuscitado, e comungamos juntos com Marta e com Maria. E nessa comunhão chegou a nós, novamente, a palavra de consolo de nosso rabi, dizendo a cada um no recôndito do próprio coração:

“Cerrou os ouvidos deles e endureceu seus corações, para que não vissem com os olhos ou entendessem com os corações, e se convertam e eu os cure”.

Então eu soube que a multiplicação repetia a alma das coisas, pois estas eram palavras de Isaías. E compreendi como os príncipes dos fariseus também anelavam e acreditavam em meu rabi Jesus, sabendo que ele era o Cristo Vivo, mas temiam a ira dos donos da sinagoga porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus.

E tudo era como devia ser.

Pois, novamente a palavra do Cristo nos falou no coração e repetiu:

“Se o grão de trigo não cai na terra e morre, ele só cai; mas se morre, muito fruto dará”.

E todos sabíamos que a vida do Senhor estava nas mãos de nosso rabi que havia vindo semear para todos os tempos que viriam, como antes dele haviam semeado nossos pais com a Lei e os profetas. Mas este fruto era fruto novo. Mas nem todos podiam entender essa palavra.

## 13

No dia seguinte, *seis dias* antes da Páscoa, meu rabi chegou a Betânia.

E os seis dias sucederam-se repletos de emoção e de vida. Cada dia deixou sua marca no tempo na multiplicação dos feitos, até o final.

E nosso rabi nos amou a todos, até o fim.

No quinto dia, à noite, nos levou com ele à sua ceia.

E nos disse:

“Hoje é o quinto dia antes da Páscoa. E na Páscoa meu Pai será glorificado”.

*E nos lavou os pés.*

Mas nem todos ficaram limpos.

E no silêncio que seguiu as suas palavras, quando havia inquietude em todos, meu rabi disse:

“Não falo de todos vós; eu sei os que tenho elegido. Aquele que come pão comigo levantou contra mim seu calcanhar. Desde hoje vos digo, para que quando se fizer, acrediteis que Eu Sou. Decerto vos digo: o que recebe aquele quem eu enviar, a mim recebe; o que a mim recebe, recebe a quem me enviou”.

Logo, em meio à inquietude de todos, ao perguntar-lhe João quem havia de lhe entregar, anunciou:

“Aquele a quem eu der o pão molhado”.

E estendendo a mão com o pão molhado, me ofereceu, *e eu o recebi*. E seus olhos me olharam cheios de compaixão e os meus estavam banhados em lágrimas, pois minha alma estremecia de terror. E nesse instante meu rabi olhou-me, e em seu olhar colocou a memória daquela noite no monte quando me havia levado à esquerda de nosso Pai que está nos céus.

E, compadecendo-se, disse-me:

“O que fizeres, faze-o logo”.

E traguei o bocado...

E quando o havia tragado, a multiplicação de meus feitos ficou gravada para todos os tempos.

E o tempo urdido nessa noite por meu rabi Jesus chegou a seu fim, porque assim é mister para a glorificação do Pai que está nos céus.

Ao comer o pão molhado nessa noite, senti cair sobre mim a barreira do tempo, e o Eterno, a plenitude de Deus que eu havia conhecido no amor de meu rabi, não estava mais em meu coração. Meu entendimento nublou-se e me vi prostrado de joelhos ante a morte e temendo porque as trevas se estendiam no tempo até que a opressão que o homem sofre em sua queda lhe fizesse novamente clamar e mendigar a luz.

E Satanás falou em meu sangue com palavras de fogo:

*“Esquece a luz que foi”.*

E comecei a sentir o que estava por vir.

Então senti que não era mais o dono de meu ser, mas escravo de meu futuro, e sobre minha mente caíram as trevas da terra. E o que eram reflexos do ser de luz nelas iluminou nelas com multiplicidade de sombras, e era uma gama oscilante de cores, porém, em nenhuma havia a brancura original.

E caí no esquecimento de meu próprio rabi e já não estava mais nele.

E, não obstante, sua luz caiu ardendo em minhas trevas, mas eu não a podia ver.

Então, os olhos de meu rabi olharam-me e, por um instante, senti sua piedade em meu próprio coração, mas logo ela se converteu em ira e despeito, pois com o pão molhado se havia diluído toda a plenitude que ele mesmo me havia dado.

Acreditei então na morte.

E minha amargura converteu-se em minha força.

E obrei. Mas não obrei de mim mesmo, pois toda a potestade me havia sido tirada para que aquele que tenha olhos veja, e se ouvidos que ouça.

Pois nessas minhas palavras não há uma sílaba que não diga algo, nem um

verbo que não indique um tempo.

Porém, nada do que é de meu rabi pertence ao tempo e suas palavras se repetem agora como em todos os tempos:

“Meu reino não é deste mundo”.

E por mim mesmo acrescento: “Este mundo está no reino, mas não como estou eu. Aquilo que do mundo poderia ser do reino, suspenso está, *pendendo de um galho*, carente de plenitude, sem que o cérebro e o coração toquem o céu, e sem que os pés fendam a terra”.

\* \* \* \* \*

Homem de linhagem maia: em treze partes tenho contado o que tenho sabido de Judas. Até a nona, caminhou jungido pelo amor de Jesus, que lhe lavou os pés, mas não ficou de todo limpo, porque na segunda ronda do nove vendeu o Cristo vivo ao mundo e se cumpriu a Escritura.

Pois, quando Judas chegou com uma companhia e os ministros dos pontífices e dos fariseus, Jesus lhes perguntou:

“A quem buscais?”<sup>25</sup>

E eles disseram:

“A Jesus Nazareno”.

E ele disse:

“Sou eu”.

E eles recuaram e caíram por terra.

E pela segunda vez Jesus lhes perguntou a quem buscavam, e pela segunda vez lhe disseram: a Jesus Nazareno.

E pela segunda vez ele disse:

“Sou eu. Pois se a mim buscais, deixai estes irem”.

Os enviados do príncipe deste mundo perguntaram duas vezes, nada mais.

E com isso também se cumpriu a Escritura.

Pois os onze foram salvos.

E assim o espírito permanece nos céus, e o corpo na terra.

**Onde levas a alma?**

**FIM DO LIVRO O VOO DA SERPENTE EMPLUMADA**

---

<sup>25</sup> João 18

## OS CAMINHOS DE PEDRO E DE JOÃO

Temos de ir de Pedro a João. Primeiro devemos percorrer o Caminho de Pedro e trabalhar com a Pedra Filosofal (o sexo). Depois, temos de chegar ao Caminho de João (o Verbo). Estes dois caminhos estão separados pelo espantoso abismo onde só se ouvem o pranto e o ranger de dentes. Precisamos estender uma ponte para unir os dois caminhos, se é que queremos verdadeiramente ir de Pedro a João. Essa ponte se chama morte. Ali deve morrer Judas, o eu, o mim mesmo, o Ego.

Lembra-te que o beijo da Mãe Kundalini é morte e ressurreição. Um dia despertarás e logo terás a alegria de morrer em ti mesmo. Judas deve morrer na ponte, se é que queres chegar ao Caminho de João (o Verbo). É necessário que sejas morto para que fiques livre e convertas teu barro em uma ânfora de salvação (alma), na qual o Grande Senhor Oculto possa entornar aquela comida e aquela bebida, a única comida e a única bebida solar que podem saciar a fome e a sede de justiça de todo aquele que consegue escapar vitorioso do horrendo vale da morte.

Pedro, assim chamado Cefas, pedra, representa todo o trabalho com o sexo. João significa o Verbo, a encarnação da palavra através de graus sucessivos e de sucessivas Iniciações Cósmicas.

Pedro morre crucificado como o Cristo e com a cabeça para baixo, para a pedra, indicando o trabalho com a Pedra Filosofal (o sexo). João (o Verbo) encosta sua cabeça no coração do Cristo Jesus, e este como que diz: Dai-me acolhida de amor em vosso lar e vos tornarei eterno em meu Sagrado Coração.

Cada um deve construir a ponte da morte em si mesmo. O Caminho de Pedro deve se unir ao de João mediante a morte de Judas. Só chegando a João encarnamos o Verbo, realizamos a palavra e nos cristificamos. Mas nem todos compreendem o Caminho de Pedro e não andam porque ainda não sabem que as pedras têm coração. E assim tampouco compreendem o Caminho de João. Ninguém pode chegar ao Caminho de João sem ter percorrido o Caminho de Pedro (o sexo). João (o Verbo) está nos esperando.

Recordemos aquela cena do Mar de Tiberíades, depois de comerem o pescado. Pedro olha João e pergunta ao Mestre: E sobre João? O Mestre responde: Sim, quero que ele fique até que eu venha... e quanto a ti?

Realmente, o Verbo aguarda no fundo de nossa arca o instante de ser realizado. O matrimônio perfeito é o Caminho de Pedro. Precisamos construir a ponte da morte para chegar ao Caminho de João. Judas é o eu que prejudica a felicidade dos matrimônios. Judas fornicava e casa por paixão animal, crendo-se apaixonado. Precisamos enforcar Judas na ponte da morte. Somente assim conseguiremos chegar a João. A regeneração torna-se impossível sem a morte de Judas (o eu).

O sexo não é puro cérebro. Até as pedras têm coração. Se quisermos tornar o sexo puro cérebro, violaremos a lei e adulteraremos. O resultado será o fracasso total, o abismo e a Segunda Morte. Judas nos trai de instante em instante e, se ele não morre de instante em instante, não chegaremos ao Caminho de João.

(Da conferência *O Matrimônio e o Amor*, do VM Samael Aun Weor)

## **A LENDA DE SAC-NICTÉ, A BRANCA FLOR DO MAYAB**

Todos aqueles que viveram na terra do Mayab ouviram falar do doce nome da bela princesa Sac-Nicté, que significa Branca Flor, ou Flor Branca.

Ela era como a lua cheia e quieta nas noites tranquilas. E era graciosa como a pomba-torcaz de doce canto, e clara e fresca como as gotas de orvalho. Ela era como a flor que enche o campo de alegria perfumada, formosa como a luz do sol que tem todas as cores e suave como a brisa, que leva em seus braços todas as canções. Assim era a princesa Sac-Nicté, que nasceu na orgulhosa cidade de Mayapán, quando a paz unia como irmãs as três grandes cidades da terra do Mayab; quando na valorosa Mazapán e na maravilhosa Uxmal e em Chichén Itzah, altar da sabedoria, no havia exércitos, porque seus reis haviam feito o pacto de viver como irmãos. Todos os que têm vivido no Mayab ouviram falar do nome do príncipe Canec, que quer dizer Serpente Negra.

O príncipe Canec era valoroso e tenaz de coração, quando teve três vezes sete anos foi coroado rei da cidade de Chichén Itzah. Naquele mesmo dia o rei Canec a princesa Sac-Nicté e naquela noite o valoroso e duro rei já não dormiu. E desde então se sentiu triste para toda a vida.

A princesa Sac-Nicté tinha três vezes cinco anos quando viu o príncipe Canec se sentar no trono de Itzah, seu coração tremeu de alegria ao vê-lo, e pela noite dormiu com a boca iluminada de um sorriso luminoso. Quando despertou, Sac-Nicté sabia que sua vida e a vida do príncipe Canec correriam como dos rios que correm juntos a beijar o mar.

Assim aconteceu e assim cantam aquela história os que a sabem e não olvidam.

O dia em que o príncipe Canec se fez rei dos itzaes, foi ao templo da santa cidade de Itzmal para apresentar-se ante seu deus. Suas pernas de caçador tremeram quando desceu os vinte e seis degraus do templo e seus braços de guerreiro estavam caídos. O príncipe Canec havia visto ali a princesa Blanca Flor.

A grande praça do templo estava cheia de gente que havia chegado de todo o Mayab para ver o príncipe. E todos que estavam próximos viram o que se passou. Viram o sorriso da princesa e viram o príncipe fechar os olhos e apertar o peito com as mãos frias.

Ali estavam também os reis e os príncipes das demais cidades. Todos olhavam, porém não compreenderam que a partir daquele momento as vidas do novo rei e da princesa haviam começado a correr juntos como dois rios, para cumprir a vontade dos altos deuses. Isso não o compreenderam.

Porque deve-se saber que a princesa Sac-nicté havia sido destinada por seu pai, o poderoso rei de Mayapán, para o jovem Ulil, príncipe herdeiro do reino de Uxmal. Terminou o dia em que o príncipe Canec se tornou rei de Chichén Itzah e iniciou-se a contagem dos trinta e sete dias que faltavam para o casamento do príncipe Ulil e da princesa Sac-Nicté.

Vieram mensageiros de Mayapán ante o jovem rei de Chichén Itzah e lhe disseram: “Nosso rei convida seu amigo e aliado para as festas de casamento de sua

filha”. E o rei Canec disse, com os olhos avermelhados: “Dizei a vosso senhor que estarei presente”.

E vieram mensageiros de Uxmal ante o rei Canec e lhe disseram: “Nosso rei Ulil pede ao grande rei dos Itzaes que vá sentar-se à mesa de suas festas com a princesa Sac-Nicté”. E o rei Canec, com a fronte cheia de suor e as mãos tensas: “Dizei a vosso rei que me verá nesse dia”.

E quando o rei dos Itzaes estava só, mirando as estrelas na água para conversar com elas, apareceu outra embaixada na metade da noite. Apareceu um anão escuro e velho e lhe disse ao ouvido: “A Flor Branca está te esperando entre as folhas verdes, vais deixar que outro a arranque?”

E o anão desapareceu, pelo ar ou por baixo da terra, ninguém o viu além do rei, e ninguém mais soube dele.

Na grande Uxmal preparava-se o casamento da princesa Branca Flor e o príncipe Ulil, de Mayapán, a princesa foi junto com seu pai e com todos os grandes senhores em comitiva que encheu o caminho de cânticos.

Além da porta de Uxmal, o príncipe Ulil e muitos nobres e guerreiros saíram para receber a princesa e quando a viu, viu-a chorando.

Toda a cidade estava adornada de cintas, de plumas de faisão, de plantas e de arcos pintados de cores brilhantes. E todos dançavam e estavam alegres, porque ninguém sabia o que estava para acontecer.

Já era o terceiro dia e a lua era grande e redonda como o sol, era o dia propício para as bodas do príncipe, segundo a regra do céu.

De todos os reinos, dos próximos e dos distantes, haviam chegado a Uxmal reis e filhos de reis e todos haviam trazido presentes e oferendas para os noivos. Alguns vieram com veados brancos, de cornos e cascos de ouro, outros vieram com grandes conchas de tartaruga cheias de plumas de quetzal radiante. Chegaram guerreiros com azeites odoríferos e colares de ouro e esmeraldas, vieram músicos com pássaros ensinados para cantar como música celestial.

De todas as partes chegaram embaixadores com ricos presentes... menos o rei Canec de Chichén Itzah.

Esperaram-no até o terceiro dia, porém não chegou nem enviou nenhuma mensagem, todos estavam cheios de estranheza e inquietude, porque não sabiam; porém o coração da princesa sabia e esperava.

Na noite do terceiro dia das festas preparou-se o altar do esponsório e o grande senhor dos Itzaes não chegava, já não o esperavam os que nada sabiam.

Vestida estava de cores puras e adornada de flores a princesa Blanca Flor ante o altar, e já próximo o homem que a teria por esposa. Esperou Sac-Nicté, sonhando com os caminhos pelos quais haveria de aparecer o rei que ela colocou no coração. Espera a Branca Flor do Mayab, enquanto Canec, o triste rei, o jovem e forte caçador, buscava desesperado na sombra o caminho que há de seguir para cumprir a vontade do alto.

Na festa das bodas da princesa Sac-Nicté com o príncipe Ulil, esperou-se por três dias a chegada do senhor de Chichén Itzah.

Porém o rei Canec chegou à hora em que deveria chegar. Saltou de pronto no meio de Uxmal, com sessenta de seus guerreiros principais e subiu ao altar onde ardia o incenso e cantavam os sacerdotes; chegou vestido de guerra e com o signo de Itzah sobre o peito. “Itzalán! Itzalán!, gritaram, como no campo de combate.

Ninguém se levantou contra eles, tudo aconteceu em um momento. O rei Canec entrou como o vento agitado e arrebatou a princesa em seus braços diante de todos. Ninguém pôde impedi-lo, quando quiseram vê-lo já não estava mais lá. Só ficou o

príncipe Ulil ante os sacerdotes e junto ao altar. Perderam a princesa ante seus olhos, que foi arrebatada pelo rei, que passou como um relâmpago. Assim terminaram as festas de casamento.

Mas de pronto roncaram os caracóis e soaram os címbalos e a ira do príncipe Ulil gritou pelas ruas a convocar seus guerreiros.

O rei Canec havia ido desde sua cidade de Chichén até a grande Uxmal sem que ninguém o visse. Foi pelos caminhos ocultos perfurados na pedra, sob o solo, nesta santa terra dos maias, estes caminhos que se veem agora de vez em quando, e que antes só os conheciam aqueles que deveriam conhecer.

Assim chegou sem ser visto o rei Canec para roubar a sua doce pombinha, o raio de lua de seu coração.

Porém já se afiam outra vez as armas no Mayab e se levantam os estandartes de guerra. Uxmal e Mayapán se juntam contra Itzah!

Ah! A vingança cairá sobre Chichén, que já está débil e cansada do suave dormir e dos jogos alegres. Pelos caminhos há a poeira das marchas e no ar há gritos e ressoam os sonoros címbalos e troveja o caracol da guerra. O que será de ti, cidade de Chichén, débil e adormecida na felicidade de teu príncipe?!?

Eis como os Itzaes deixaram suas casas e seus templos de Chichén e abandonaram a bela cidade recostada à borda da água azul. Todos se foram chorando, uma noite, com a luz da aurora, todos se foram em fila, para salvar as estátuas dos deuses e a vida do rei e da princesa, luz e glória do Mayab.

Diante dos filhos de Itzah ia o rei Canec, caminhando pelos sendeiros abertos no meio das montanhas, ia envolto em um manto branco e sem coroa de plumas em sua frente. A seu lado ia a princesa Sac-Nicté, ela levantava a mão e assinalava o caminho e todos iam atrás.

Um dia, chegaram a um lugar tranquilo e verdejante, junto a uma lagoa quieta, distante de todas as cidades, e ali fixaram assento do reinado e edificaram as casas simples da paz, criando assim Petén, a cidade cheia de glória e alegria dos povos maias.

Salvaram-se assim os Itzaes pelo amor da princesa Sac-Nicté, que entrou no coração do último príncipe de Chichén para salvá-lo do castigo e fazer sua vida pura e branca.

Solitária e calada ficou Chichén Itzah no meio do bosque sem pássaros, porque todos voaram atrás da princesa Sac-Nicté.

Chegaram a ela numerosos e enfurecidos os exércitos de Uxmal e Mayapán e não encontraram nem os ecos nos palácios e nos templos vazios. A ira então ateou fogo na formosa cidade e Chichén Itzah ficou desolada e morta como está hoje, abandonada desde aquele tempo antigo, junto à água azul do Poço da Vida. Ficou só e morta, perfumadas as ruínas de um aroma suave que é como um sorriso ou uma branca luz da lua.

Na primavera brota a flor branca no Mayab e adorna as árvores e enche o ar de suspiros perfumados. E o filho da terra maia a espera e a saúda com toda a ternura de seu coração, e sua voz lembra ao ver o nome da princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Mayab.